

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
SOCIOECONÔMICO
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO**

TATIANE BERETTA

**ENTRE LINHAS E RETALHOS: AS EXPERIÊNCIAS DAS
TRABALHADORAS/ES DO SINDICATO VESTUARISTA DE CRICIÚMA E
REGIÃO DE 1978 A 1990**

**CRICIÚMA
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

B492e Beretta, Tatiane.

Entre linhas e retalhos : as experiências das trabalhadoras do Sindicato Vestuarista de Criciúma de 1978 a 1990 / Tatiane Beretta. - 2023.

146 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, Criciúma, 2023.

Orientação: João Henrique Zanelatto.

Coorientação: Giovana Ilka Jacinto Salvaro.

1. Sindicatos - Trabalhadores da indústria de vestuário - Criciúma (SC). 2. Vestuário - Indústria - Aspectos econômicos - Criciúma (SC). 3. Trabalhadores da indústria de vestuário. 4. Sindicalismo. I. Título.

CDD 23. ed. 338.881133843687

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

Tatiane Beretta

**ENTRE LINHAS E RETALHOS: AS EXPERIÊNCIAS DAS TRABALHADORAS DO
SINDICATO VESTUARISTA DE CRICIÚMA DE 1978 A 1988**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestra em Desenvolvimento Socioeconômico no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 15 de março de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Henrique Zanelatto
(Presidente e Orientador – UNESC)



Profa. Dra. Clance Speranza
(Membra – UFRGS)



Profa. Dra. Giovana Ilka Jacinto Salvaro
(Coorientadora – UNESC)



Profa. Dra. Giani Rabelo
(Membra – UNESC)



Tatiane Beretta
(Discente)



Prof. Dr. Dimas de Oliveira Estevam
Coordenador Adjunto do PPGDS – UNESC

Dedico esse trabalho à todas as trabalhadoras e trabalhadores do Sindicato Vestuarista de Criciúma.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer ao meu pai Aurélio José Beretta que mesmo estando no plano espiritual, sempre foi presente por meio do seu amor e proteção. A minha mãe Maria Ivanir da Silva Beretta, que com de seu amor e dedicação possibilitou o meu acesso à universidade e à pós-graduação, sempre me acompanhando e aconselhando, não conseguiria realizar esse trabalho sem o seu cuidado e dedicação. A minha irmã Gislaine pela paciência durante esses anos, o cuidado e amizade verdadeira, nossa relação sempre foi e sempre será essencial na minha vida. Agradeço também ao Rodrigo meu irmão, minhas sobrinhas Camilly e Rafaella, minha cunhada Renata e ao meu Cunhado Janio, especialmente pelos dias de Rock, que ajudaram a controlar a ansiedade ocasionada pela escrita. Também gostaria de agradecer ao Eneas companheiro da minha mãe, que chegou a pouco na família, mas já é parte fundamental dela.

Sou grata por ter conhecido o Walter durante o primeiro ano de estudos no programa, e assistir nossa relação passar de um companheirismo para um namoro, do qual reconheço hoje, como fundamental para a escrita desse trabalho. Agradeço por todos os finais de semana juntos, ao domingos preguiçosos, os medos compartilhados e os sonhos realizados. Além do seu amor, sua amizade foi fundamental neste último ano.

Não poderia deixar de agradecer ao pessoal do CEDOC (Centro de Documentação e Memória da UNESCO), em especial a Liziane que me atendeu e foi atenciosa diante da minha pesquisa. Aos meus entrevistados, as queridas irmãs Margarida e Maria Inez, com as quais, passei momentos maravilhosos, pessoas incríveis e amáveis. Ao Valdeci que aceitou minha proposta de entrevista pelo GoogleMeet, e que muito gentil, se emocionou durante nossa conversa.

Agradeço também às minhas amigas que a graduação me presenteou Andiele, Camila e Hevilin, que durante esses dois anos me apoiaram e me estimularam a seguir adiante. E em especial, os agradecimentos são para José

Expedito que não apenas se fez presente durante esses dois últimos anos, como iniciou essa pesquisa comigo durante a graduação em História, obrigada amigo por estar sempre aqui. Gostaria de agradecer a amizade de Marielen, Janili e Clarice, que durante esses anos alegam os meus dias e me acolhem nas dificuldades.

Gostaria de agradecer também aos amigos do trabalho do Colégio Monsenhor Agenor Neves de Urussanga, a vocês agradeço pelas manhãs, as trocas de saberes, as conversas de corredor e o café do intervalo, nossa amizade foi fundamental para a minha formação como professora. Aos meus alunos também sou grata, o estímulo e a energia de vocês toraram meus dias mais contentes durante esses dois anos. À minha grande amiga Lucy que sempre esteve presente em minha trajetória.

Neste momento meus agradecimentos são para o meu orientador, o professor João Henrique Zanelatto que me incentivou, me aconselhou sempre pacientemente, sem sua orientação e cuidado não conseguiria terminar a pesquisa. A professora Giovana que aceitou me coorientar, e sempre gentilmente, enriqueceu minha pesquisa. E por fim, agradecer à Fundação de Amparo à pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina – FAPESC, pelo incentivo por meio da bolsa concedida, fundamental para a realização dessa pesquisa e ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, aos demais professores, aos meus colegas e aos funcionários do programa. Sou grata!

“Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim
o movimento de dança-canto
que o meu corpo não executou,
é a senha pela qual eu acesso o mundo”.

(Conceição Evaristo)

RESUMO

O trabalho “Entre linhas e retalhos: as experiências das trabalhadoras do Sindicato Vestuarista de Criciúma e Região de 1978 a 1990” estuda a trajetória dos dez primeiros anos desse Sindicato, com intuito de responder como a interseccionalidade se manifesta nas experiências de formação e a atuação desse coletivo. Iniciamos nosso estudo por meio da discussão da diversificação econômica na cidade de Criciúma, e a ampliação industrial ocorrida após a segunda metade do século XX, unida a redemocratização do país, novo sindicalismo, greves e aumento da participação social, esses acontecimentos beneficiaram a instalação do Sindicato Vestuarista no ano de 1979, e sua constituição como categoria combativa. Utilizamos as categorias de experiência, interseccionalidade e classe operária para análise da trajetória do coletivo. Nosso aporte teórico para o conceito de experiência pertence E.P. Thompson, o da interseccionalidade à Patricia Hill Collins e da Classe operária à Elisabeth Souza-Lobo. Nosso objetivo geral se encontra em analisar as experiências interseccionais das/os trabalhadoras/es da Indústria do Vestuário de Criciúma e região, sua relação com o sindicato, iniciando a pesquisa no período de 1978, contexto de criação do sindicato, e percorrendo pela trajetória até os fins dos 1990. Como objetivos específicos, destacamos: Contextualizar o processo de crescimento e a relevância da indústria do vestuário para a economia de Criciúma e região, bem como, a constituição da força de trabalho. Identificar o perfil das/os trabalhadoras/es desse setor com ênfase as relações de gênero, classe e raça, dentre outros, por meio dos dados retirados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), de entrevistas e documentos históricos do Centro de Memória e Documentação (CEDOC) da UNESCO. Destacar as experiências no processo de organização das/os trabalhadoras/las do ramo vestuarista na constituição da associação, do Sindicato, e suas lutas através das greves, jornais e filiações. Com a pesquisa, buscamos conhecer a sociedade cricumense por meio da experiência de sua força de trabalho. As mulheres da cidade muitas

vezes esquecidas em papéis secundários subvertem a história e reescrevem por meio de suas narrativas.

Palavras-chave: Gênero. Indústria do Vestuário. Mundo do Trabalho. Sindicalismo.

ABSTRACT

The research “Between threads and fabric remnants: the working women’s experiences of the Criciúma and Region Clothing Union from 1978 to 1990” studies this Union first ten years trajectory, with the intention of answering how intersectionality manifests itself in this collective’s formation and performance experiences. We began our study through the discussion of economic diversification in the city of Criciúma, and the industrial expansion that occurred after the twentieth century second half, along with the country’s redemocratization, new unionism, strikes and the increase in social participation, these events benefited the installation of the Clothing Union in 1979, and its constitution as a combative category. We used the categories of experience, intersectionality and working class to analyze the collective’s trajectory. Our theoretical contribution to the concept of experience belongs to E.P. Thompson, intersectionality to Patricia Hill Collins and working class to Elisabeth Souza-Lobo. Our general objective is to analyze the intersectional workers’ experiences of the Clothing Industry of Criciúma and region, their relationship with the union, starting the research in 1978, context of creation of the union, and going through the trajectory until 1990. As specific objectives, we give emphasis to: contextualize the growth process and the relevance of the clothing industry for Criciúma and region’s economy, as well as the workforce constitution; identify the workers’ profile in this sector, with emphasis on gender, class and race relations, among others, through data taken from the Annual Social Information List (RAIS), interviews and historical documents from the Memory and Documentation (CEDOC) from UNESCO; highlight the experiences in the process of organizing workers in the clothing sector in the association constitution, the Union, and their struggles through strikes, newspapers and affiliations. With this research, we seek to learn about the society of Criciúma through the experience of its workforce. The women from Criciúma, often forgotten in secondary roles, subvert history and rewrite it through their narratives.

Keywords: Gender. Clothing Industry. World of Work. Unionism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro 1-	Os alfaiates que montaram as primeiras confecções da região de Criciúma.....	49
Quadro 2-	Os confeccionistas da região sul catarinense com origem no atacado.....	49
Quadro 3-	As confecções de pequeno porte, denominadas como de fundo de quintal.....	50

GRÁFICOS

Gráfico 1-	Número de trabalhadores por setor industrial em Criciúma nas décadas de 1960-2000.....	44
Gráfico 2-	Número de trabalhadores por setor industrial em Criciúma nos anos de 2000 até 2022.....	45
Gráfico 3-	Números de indústrias do setor do vestuário na região carbonífera.....	52
Gráfico 4-	O sexo dos trabalhadores no ano de 1985 a 2020 na indústria têxtil em Criciúma.....	56
Gráfico 5-	Escolaridade de 1985 a 2005 das trabalhadoras/es da Indústria Têxtil de Criciúma.....	57
Gráfico 6-	Grau escolar após 2005 das trabalhadoras/es da Indústria Têxtil de Criciúma.....	58
Gráfico 7-	Faixa etária das trabalhadoras/es da Indústria Têxtil de Criciúma.....	60
Gráfico 8-	Tempo de permanência no trabalho das trabalhadoras/es da Indústria Têxtil de Criciúma.....	62
Gráfico 9-	Raça das trabalhadoras/es da Indústria Têxtil de Criciúma.....	63
Gráfico 10-	Nacionalidade das trabalhadoras/es da Indústria Têxtil de Criciúma.....	65

FIGURAS

Figura 1-	O Carretel, n. 1, 1985. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	78
Figura 2-	O Carretel, março de 1990. Arquivo do CEDIP – CEDOC...	80

Figura 3-	O Carretel, n. 8, setembro de 1987. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	81
Figura 4-	O Carretel, n. 11, março de 1988. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	83
Figura 5-	O Carretel, n. 1, 1985. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	106
Figura 6-	A Luta dos Vestuaristas, 1985. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	108
Figura 7-	Material de campanha Chapa 1, 1985. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	112
Figura 8-	Boletim Mensal CEDIP. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	115
Figura 9-	Boletim Nacional do PT, 1986, CEDIP. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	116
Figura 10-	O Carretel, n. 3, junho de 1986. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	118
Figura 11-	- Manifesto da Oposição Vestuarista de Criciúma, 1985, CEDIP. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	124
Figura 12-	O Carretel, n. 1, dezembro 1985. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	127
Figura 13-	O Carretel, 1986. Arquivo do CEDIP – CEDOC.	130
Figura 14-	O Carretel, n. 1, abril de 1988. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	131
Figura 15-	O Carretel, n. 7, agosto de 1987. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	132
Figura 16-	O Carretel, abril de 1988. Arquivo do CEDIP – CEDOC.....	133

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. DIVERSIFICAÇÃO ECONÔMICA DE CRICIÚMA E A CONSTITUIÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO NA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO	38
2.1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO SOBRE A DIVERSIFICAÇÃO ECONÔMICA DE CRICIÚMA.....	38
2.2 IMPALNTAÇÃO E CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO DE CRICIÚMA.....	48
2.3 IDENTIFICAÇÃO DAS/OS TRABALHADORAS/ES DA INDÚSTRIA VESTUARISTA	54
3. COSTURANDO NOVOS PERSONAGENS AO MUNDO DO TRABALHO; TRABALHADORAS E TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO DE CRICIÚMA.....	67
3.1 COSTURAS E FISSURAS SOBRE A FORÇA DE TRABALHO DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO	68
3.1.1 Corpos femininos em frente as máquinas: bordados forçados e reforçados	72
3.2.1 Como desfazer o nó de costuras: se pode discutir raça no ramo vestuarista criciumense?	89
4. COSTURAS SINDICAIS: NASCE O SINDICATO VESTUARISTA DE CRICIÚMA E REGIÃO	93
4.1 CRICIÚMA: A CIDADE DOS SINDICATOS	94
4.2 DO PONTO DE PARTIDA NA LUTA SINDICAL ATÉ AS ELEIÇÕES DE 1985	102
4.2.1 As eleições sindicais de 1985	105
4.2.2 A primeira, e única mulher presidente	122
4.2.3 O Carretel: a experiência nas páginas do jornal.....	127
5. CONCLUSÃO.....	136
6. REFERÊNCIAS.....	139
7. APÊNDICE	146

APÊNDICE A – Entrevista Semiestruturada.....	146
APÊNDICE B – Carta de Cessão de Direitos sobre depoimento Oral	147

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa a seguir tensiona discussões a respeito das vivências das/os trabalhadoras/es ligadas/os ao Sindicato Vestuarista de Criciúma, a partir do ano de sua fundação em 1978, investigando as experiências desse coletivo durante os dez primeiros anos de sua atuação, findando a pesquisa no ano de 1990, delimitamos o fim da pesquisa ao início da década de noventa por perceber que as mudanças ocorridas por conta da aplicação das políticas neoliberalistas influenciaram diretamente o setor estudado e o Sindicato, reconfigurando sua atuação junto aos associados. Ao falar da indústria do vestuário, logo assinalamos suas especificidades, como a existência de uma força de trabalho constituída em maior número por operárias mulheres, ocasionando um ponto fundamental à nossa pesquisa, as inquietações dos estudos do gênero dentro do campo da classe. Assim, como os tecidos que unidos moldam corpos, formas e estilos, a sociedade se costura em meio de camadas, com pontas sobressalentes, outras amarradas e escondidas, mas todas tecendo um conjunto maior. Insurgidas das lacunas históricas, as mulheres rasgam as narrativas e voltam para suturar as mesmas, com pedaços de seus corpos.

Ao examinar os estudos existentes sobre o mundo do trabalho, o que ficou evidente foi seu histórico predominantemente descrito em formatos “normativos”, sendo masculino, embranquecido e heteronormativo. A partir dessa constatação, nossa intenção em aplicar os estudos sobre gênero na análise desse sindicato se mostrou não ser suficiente, já que as linhas históricas não se concentram em apenas duas faces. Desse modo, a interseccionalidade foi adicionada com a intencionalidade de movimentar os alicerces já fixos, desconstruir estruturas prontas e reconstruí-las por caminhos diferentes. Buscando com esse estudo, redirecionar o olhar já existente sobre a classe trabalhadora do ramo vestuarista de Criciúma, e a importância dos estudos sobre a interseccionalidade no mundo do trabalho.

Assentimos a composição de Patricia Hill Collins (2020) sobre as experiências interseccionais, que são orquestradas nos processos oriundos das interações sociais e culturais, no campo dos atravessamentos da casa, da

escola, do trabalho, da igreja, dentre outros espaços sociais, para além de ideias distintas e fundidas, as experiências surgem como uma “perturbação” da lógica já instaurada na qual os conceitos são fixos (COLLINS, 2020). Utilizamos o conceito da interseccionalidade para descrever a história desse Sindicato, pois as amarras históricas são variadas, e para a compreensão da classe, se necessita entender as articulações de raça, gênero, sexualidade, escolaridade, naturalidade que conectam ao coletivo.

Ao iniciarmos nossa costura histórica sobre o Sindicato Vestuarista de Criciúma e Região se faz essencial elencar alguns dados atuais que constituem o setor têxtil¹, dimensionando a importância para a economia e a sociedade catarinense, logo, não podemos estudar a história do sindicato sem falar das indústrias e vice-versa. Segundo as informações retiradas do Observatório da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), a indústria têxtil catarinense em 2020 foi responsável por 161.281 empregos formais, totalizando cerca de 20,1% do total do estado, distribuídos em 8.937 estabelecimentos. Em números, esse setor arrecadou 25,4 bilhões, valor bruto, o que significa 12% entre as acumulações das indústrias e 12,1 bilhões em valor de transformação industrial, o que seria 14,6% do total catarinense. Se tornando o seguimento que mais gera empregos no estado, e o segundo do ranking em número de estabelecimentos e o oitavo em exportações².

As atribuições elencadas simbolizam a importância do setor têxtil na contemporaneidade em Santa Catarina, dos 161.281 empregos gerados por esse setor, cerca de 4.537 foram ocupados no município de Criciúma no ano de 2020, e desse número, cerca de 3.328 dessas vagas foram ocupadas por mulheres (73,35%)³. Esse setor ao longo da história da região sul catarinense se caracteriza por atuar diretamente na economia, e principalmente na geração de empregos no município de Criciúma. Para além de números, o setor têxtil na cidade se caracteriza como espaço feminino no mundo do trabalho, e que a partir

¹ Os dados da RAIS tratam do Setor Têxtil, que em Criciúma ocupa o local da Indústria do Vestuário, logo que apresentarmos as informações da RAIS usaremos a indústria têxtil como nomeação, mas que para Criciúma equivale ao setor do vestuário.

² Todos os dados apresentados estão no site do observatório da FIESC. Disponível <https://observatorio.fiesc.com.br/sc-competitiva/setores/textil-e-confeccao>. Acesso 17 out. 2022.

³ Dados retirados da RAIS. Acesso 20 nov. 2022.

das experiências compartilhadas pelas operárias, possibilitou o adentro do feminino ao sindicalismo.

No ano de 1978 nasce a Associação de Trabalhadoras/es do Ramo Vestuarista de Criciúma, e no ano subsequente, o coletivo recebe a carta sindical que legalizou suas ações como Sindicato Vestuarista de Criciúma e região. A cidade de Criciúma foi escolhida como sede do Sindicato, mas sua base territorial englobava as cidades de Morro da Fumaça, Siderópolis, Urussanga, Içara, Araranguá, Sombrio, Turvo, Jacinto Machado e Maracajá. Além da abrangência territorial, outro aspecto importante ficava em torno da efetiva participação das mulheres nesse coletivo, fato que inaugurou na região sul catarinense a condição de ter uma mulher à frente da presidência do Sindicato, ocasionando experiências interseccionais que foram tensionadas ao longo do trabalho. Iniciaremos nossa pesquisa regressando ao princípio da colonização da região sul para compreender as amarras que consolidaram a indústria, e, por conseguinte, estudar as relações da classe trabalhadora e dos movimentos sindicais que constituíram a história da cidade de Criciúma.

As terras do sul catarinense que pertenciam aos povos originários são modificadas pelos processos colonizadores do século XIX. No ano de 1880 nasce Criciúma⁴, inicialmente disposta de pequenas propriedades agrícolas de colonizadores europeus, mas que a partir do século XX sofreu com os impactos provocados pelo crescimento econômico e sociais ligados à extração do carvão, explicitados por Carlos Renato Carola (2004, p. 11) “A ideologia do progresso e da modernidade, as minas de carvão e a arquitetura da mineração, a ferrovia, o processo migratório, a concentração urbana, a formação da classe operária mineira, [...]”. Transfiguram o ar de uma colônia agrícola, transportando-a para modernização de uma cidade com predisposições industriais.

Segundo João Henrique Zanelatto e Thiago Coelho (2017, p. 19-20),

O carvão criou uma estrutura ao seu redor, atraindo milhares de trabalhadores provenientes dos vários municípios da região (Araranguá, Jaguaruna, Imaruí, Laguna), e, também, de outros estados; agricultores, pescadores abandonaram suas antigas formas de trabalho e migraram para Criciúma na perspectiva de melhorarem suas condições de vida.

⁴ O município de Criciúma se encontra localizado no sul do estado de Santa Catarina, Brasil.

As atividades ligadas ao carvão iniciaram no final do século XIX, mas se intensificaram na primeira metade do século XX, impulsionando o crescimento econômico e populacional da cidade de Criciúma, que passou a ser reconhecida nacionalmente pela extração mineral, recebendo o status de Capital Nacional do Carvão.

As experiências ligadas a modernização da capital do carvão, ao longo do tempo são percebidas para além dos prazeres do progresso, os problemas sociais ligados as grandes concentrações urbanas entram em cena, reorganizando as formas de vida e de trabalho (CAROLA, 2004). O crescimento populacional desordenado possibilitou que a região se transformasse em um polo de força de trabalho propensa a exploração, assim, a miséria e a fome entram em cena, reestruturando a cidade. A metamorfose cometida pela exploração do carvão se desencadeia na criação do Sindicato dos Mineiros, que por vias das experiências dos trabalhadores das minas, inauguram o sindicalismo em Criciúma.

Após a segunda metade do século XX, a extração mineral perde espaço para outros ramos industriais e novas concepções de trabalho surgem na região carbonífera. Segundo Antonio Luiz Miranda (2013, p. 25), “A diversificação econômica se deu principalmente a partir de década de 1960 e aprofundou-se na década de 1970. Antes disso, o setor de extração de carvão predominava na economia local”. A capital do carvão passa por uma ampliação econômica, e a experiência do trabalho sofre com as alterações advindas desse movimento que fortifica as concepções sindicalistas dessa região. O trabalho sai do subsolo e se concentra em indústrias e fábricas.

Um dos segmentos que ganha espaço com a fragilidade da indústria do carvão é a indústria do vestuário. Esse ramo industrial desenvolveu uma gama de novas vagas de empregos, sua implantação não ocasionou mudanças apenas na organização fabril, mas sua dinâmica industrial transformou e incorporou personagens femininos em setores que antes eram majoritariamente constituídos por homens. A mulher adentra as fábricas e passa a fazer parte da classe trabalhadora. Segundo Alcides Goularti Filho e Roseli Jenoveva Neto (1997) a efetividade da implantação da indústria do vestuário em Criciúma, e o aumento de sua importância econômica pode ser percebida tanto pela existência de um campo fértil em força de trabalho, quanto pela sua forma simplificada no

que diz respeito ao manuseio dos maquinários. Sendo possível surgir facções em grandes indústrias como em garagens de casas familiares, essa disposição de trabalho acarretou peculiaridades ao seu proletariado. Com a sua facilidade de instalação de maquinários e de contratação de trabalhadoras, o setor vestuarista estimulou o desenvolvimento abrupto de trabalhos diretos e indiretos, ocasionando novos padrões de opressão, sendo necessário reinterpretar a história desse proletariado e as suas particularidades, a partir do que Elizabeth Souza-Lobo (2021) exemplifica ao constar que a classe trabalhadora tem dois sexos, e precisa ser revisitada para a compreensão das suas singularidades, e assim, se possa romper com o imaginário de uma classe operária assexuada e sem especificidades.

O ramo têxtil, historicamente se caracteriza como o seguimento que mais emprega trabalhadoras mulheres, mas continua sendo vislumbrado por moldes masculinos. Segundo Michelle Perrot (2017), os trabalhos listados para uma mulher ocupar são limitados, em sua maioria submetidos às entranhas do seu lar, alimentando a imagem da eterna personagem maternal e frágil, que passa seus dias costurando e cozinhando, interminavelmente para saciar as necessidades de sua família. Apesar de adentrar fábricas ou indústrias, (função descrita como masculina) o setor vestuarista carrega a marca feminina da costura, designada socialmente à mulher como um “atributo” natural a ela.

O setor desenvolve artimanhas para enquadrar as mulheres operárias a um sistema masculino, tendo como objetivo invisibilizar esses sujeitos, prática que assegura o ato de produzir o efeito de não existência do ser. Essa inibição das particularidades é utilizada para assegurar as desigualdades salariais e manter o “comportamento dócil” entre as operárias, articulados através da subordinação dessas ao capital e assegurado pela concepção sexista da mulher (SOUZA-LOBO, 2021). Isso significa dizer que a mulher deixa de existir na estrutura do capital, e passa a ser entendida como um corpo, sem necessidades ou particularidades, mas esse mesmo sistema que nega sua existência se nutre por meio da divisão sexual e social do trabalho, desenvolvendo significados e estigmas ao sexo biológico do sujeito.

Segundo Giani Rabelo (1997, p. 36):

A divisão sexual do trabalho constitui-se numa das clivagens das relações entre gêneros e, com base nesta perspectiva, é possível “enxergar” a divisão sexual do trabalho como consequência de um “construído socialmente” e entender o quanto essa noção é importante na constituição das práticas produtivas das mulheres no mercado de trabalho.

O capital absorve os sujeitos em um sistema de desumanização, sendo necessário pensar as experiências destas trabalhadoras na perspectiva que Patricia Hill Collins (2017) define como o de “forasteiras de dentro”, mulheres que por “não existirem” para o sistema são invisibilizadas dentro das estruturas de poder, e assim, suas atuações passam alheias, o que possibilita que suas estratégias para resistir e arruinar a estrutura ocorram despercebidas. Seu posicionamento perante o sistema opressor não é o de vítima indefesa, elas “infestam” a estrutura e por meio de seu conhecimento sobre as fraquezas dele, buscam desestabilizá-lo um pedaço por vez.

Quando pensamos no mundo do trabalho, sua ordenação se faz por meio de sujeitos pré-determinados e pré-selecionados, não existindo espaço para aqueles considerados destoantes do papel “normativo”. Dentre esses considerados “outros”, o Sindicato Vestuarista insurge desfazendo os paradigmas existentes sobre o conceito de classe e sindicalismo. Segundo E. P. Thompson, “Qualquer momento histórico é ao mesmo tempo resultado de processos anteriores e um índice da direção de seu fluxo futuro.” (1981, p. 58). O momento que suscita a fundação do Sindicato Vestuarista de Criciúma e região, foi nutrido por movimentos de lutas e conquistas sociais e sindicais em todo o território brasileiro. Segundo Eder Sader (1988, p. 142) “[...] a vitalidade dos movimentos sociais gestados nos anos 70 está ligada ao fato de terem tomado e desdobrado as questões postas por seu cotidiano.”. Uma onda de anseios democráticos tomou conta de todo cenário, e o Brasil do fim dos anos de 1970 ambicionava pelo fim do Regime Civil-Militar e melhores condições de vida que eram ambicionadas pela reabertura política.

Buscando enfraquecer o regime ditatorial e obter o direito por eleições diretas, os trabalhadores brasileiros levantaram suas mãos contra o governo, e conquistaram as ruas de todo o país, com isso as greves cresceram e o apoio ao movimento operário se fortaleceu. “Isso se refletiu em Criciúma, nas principais categorias de trabalhadores da cidade, como os ceramistas, mineiros e

metalúrgicos, que desencadearam intensas mobilizações durante o mês de setembro de 1979” (MIRANDA, 2013, p. 23). Nesse cenário de crescente militância, o Sindicato Vestuarista se depara com um campo propenso a sua fundação, sendo acolhido e nutrido pelos demais sindicatos da cidade, e nutrido por relações com movimentos estudantis e das pastorais da igreja católica.

O slogan do Sindicato inicialmente utilizava a frase, “O mineiro era o pai, o irmão, o marido ou o namorado. O vestuário o feminino, o mineiro, o masculino, unidos enquanto classe” (MIRANDA, 2013, p. 181). Essa interação entre sindicatos e famílias correspondiam as relações familiares que alicerçaram o fortalecimento do sindicalismo cricumense, tendo em vista que o sindicato dos mineiros inicialmente era o detentor de maior poder e organização sindical. Assim, pontuamos para além da relação existente entre o Sindicato dos Mineiros e o Sindicato Vestuarista de familiaridade, compreendemos essa relação como uma forma de mentoria, entrelaçada pelas relações de gênero. Criando um cenário de cuidado, marcado pela “vigilância” dos homens sobre o sindicalismo exercido pelas mulheres, e desse modo, sutilmente a imposição da divisão sexual do trabalho dentro das políticas sindicais.

Segundo Joan Scott (1995, p. 88), “O gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. Não podemos falar em mundo do trabalho sem discutir o gênero, como não podemos estudar o gênero sem as relações ligadas ao mundo do trabalho. Os sujeitos edificam a história através de suas experiências e estas ocorrem por meio das práticas vividas.

O Sindicato dos Vestuaristas desobedece à organização descrita como natural a um movimento sindical, estabelecendo outras relações e iniciando sua jornada com uma mulher à frente desse coletivo. No final da década de 1970, os movimentos sindicais do Brasil assistiam à uma filiação tímida das mulheres trabalhadoras, esse fenômeno pode ser entendido por conta da chamada dupla jornada de trabalho, os encontros sindicais aconteciam no contraturno, e as mulheres além do trabalho nas fábricas e indústrias, estavam sobrecarregadas pelo trabalho doméstico, detendo de menor tempo livre (SOUZA-LOBO, 2021). Sendo assim, o Sindicato estudado rompe com essa estrutura, sendo

confeccionado por um número maior de mulheres, que juntas ampliam seus debates e se tornam um dos sindicatos mais combativos da região de Criciúma.

As características que constituem e circundam o Sindicato Vestuarista de Criciúma e região se precipitam com o fenômeno atípico da presidência feminina de Ana Aurino Borges dos Reis, que inaugurou a presidência do Sindicato em 1979, e ocupando o cargo até o ano de 1985. Ainda, dentre as experiências que constituem o período inicial de atuação do Sindicato Vestuarista, nos deparamos com um país que vivenciava os anos finais do Regime Ditatorial, que iniciou através de manifestações populares a caminhada para a redemocratização, o fim do chamado Milagre Econômico⁵, que afetou diretamente a vida dos trabalhadores e a economia do Brasil, a reorganização sindical que pôs fim ao chamado Sindicalismo Populista e instaurou disputas políticas, e a criação da Central Única dos trabalhadores (CUT) ⁶.

A estruturação do Sindicato Vestuarista deu-se mediante os atravessamentos políticos, econômicos e sociais. As costuras históricas desse coletivo se fossem representadas por um bordado teriam linhas de diversas cores e uma composição abstrata, esboçando sua autenticidade. Naturalmente ao discutir a história dos primeiros anos desse Sindicato compreendemos ela dentro das análises das disputas de classe, porém ao adentrar em seu passado, percebendo os inúmeros caminhos e as diversas existências que compõem esse coletivo sua constituição importa experiências que ultrapassam as linhas do mundo do trabalho.

Segundo Patricia Hill Collins (2022, p. 314),

Por exemplo, adicionar a interseccionalidade a um campo bem esclarecido pode gerar debates sobre estruturas consideradas já como certas. Conforme o caso, o campo pode passar por mudanças de paradigma. Uma tarefa mais árdua consiste em tentar *agregar* campos de investigação que se desenvolveram de forma independente. Quando um campo de investigação passou por mudanças aditivas – como foi o caso, por exemplo, dos estudos femininos e de gênero, que acolheram análises de sexualidade, e, inversamente, dos estudos de

⁵ Segundo Veloso *et al.* (2008) o Milagre Econômico brasileiro ocorreu durante o período de 1968-1973, demonstrando taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 11,1% ao ano, acompanhado pela inflação declinante e relativamente baixa. As interpretações são variados sobre o determinante sobre as causas que possibilitaram o “Milagre”, mas partimos da interpretação da importância das políticas monetárias e creditícias expansionistas como responsáveis. Que após 1973 sofreu com a regressão e a desaceleração do crescimento, ocasionando desempregos, aumento da inflação.

⁶ A Central Única dos Trabalhadores (CUT) é uma entidade de representação sindical fundada em 28 de agosto de 1983 na cidade de São Bernardo dos Campos, no estado de São Paulo. Disponível em <https://www.cut.org.br/conteudo/breve-historico> acesso 11 fev. 2023.

sexualidade, que se voltaram para a natureza do gênero do material -, pode surgir uma nova estrutura baseada nesses componentes distintos. A própria interseccionalidade surgiu como um campo de investigação que inicialmente agregou o que havia separado.

A estruturação do Sindicato relaciona-se com a categoria de classe, mas essa categoria se torna insuficiente quando percebido as relações de gênero e raça que solidificam as experiências vivenciadas nesse coletivo. Assim, ao analisar o movimento de maneira interseccional redireciona-se as percepções de um paradigma conceitualizado que se expande para novas considerações. Os estudos interseccionais não negam a importância das categorias individualizadas, mas potencializam suas análises por meio dos atravessamentos que constituem essa força de trabalho.

Sendo assim, a questão fundamental para essa discussão permeia-se a partir do seguinte ponto: Podemos questionar como a interseccionalidade se manifesta nas experiências de formação e a atuação do Sindicato Vestuarista de Criciúma e região? Percorrendo por essa discussão, temos como o objetivo geral analisar as experiências interseccionais das/os trabalhadoras/es da indústria do vestuário de Criciúma e região, sua relação com o sindicato, iniciando a pesquisa no período de 1978, contexto de criação do sindicato, e percorrendo a trajetória até o ano de 1990. Para os objetivos específicos destacamos: (1) contextualizar o processo de crescimento e a relevância da indústria do vestuário para a economia de Criciúma e região, bem como, a constituição da força de trabalho; (2) identificar o perfil das/os trabalhadoras/es desse setor com ênfase nas relações de gênero, classe e raça, dentre outros, por meio dos dados retirados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), de entrevistas e documentos históricos do Centro de Memória e Documentação (CEDOC) da UNESCO. (3) destacar as experiências no processo de organização das/las trabalhadoras/os do ramo vestuarista na constituição da associação, do Sindicato, e suas lutas através das greves, jornais e filiações.

A identificação das/os trabalhadoras/es pelo sistema de Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) proporciona questões pontuais para uma primeira análise sobre a constituição da força de trabalho do ramo vestuarista, sendo possível coletar os dados como o número de trabalhadoras/es, sexo, idade, escolaridade, raça, nacionalidade e tempo de permanência no trabalho. As

tabelas criadas por meio dos dados da RAIS avançam o recorte estipulado nessa pesquisa, com o intuito de demonstrar as rupturas e permanências correspondentes a este setor.

As fontes históricas que são utilizadas na pesquisa se encontram no Centro de Memória e Documentação (CEDOC) na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), dentre elas estão os materiais de campanha eleitoral do ano de 1985, manifestos produzidos pela Chapa 02 do ano de 1985, manifestos produzidos pela Pastoral Operária em 1985, edições do jornal sindical “O Carretel” e o dossiê organizado pelo Centro de Estudos, Documentação e informações Popular de Criciúma (CEDIP) sobre as reportagens nos jornais catarinenses durante greves dos anos de 1980/90 em Criciúma e região. Todas as fontes utilizadas no trabalho foram produzidas pelo Sindicato em parceria com o CEDIP, esses documentos pertenciam ao arquivo do Centro de Estudos, que após o fim de suas atividades transferiu por meio de doação para o arquivo do CEDOC\UNESC local acessado para essa pesquisa.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com três ex-associados do Sindicato, cada qual com uma trajetória diferenciada, dois com ligações diretas a direção do Sindicato, e a terceira uma associada. Ao buscar outros ex-associados para as entrevistas tivemos um grande número de negativas, ligamos esse movimento ao receio e as incertezas interrelacionadas as políticas de enfraquecimento e difamação sindical iniciados após o golpe de 2016, momento do qual os discursos contra a filiação e a instituição sindical ganharam força em todo território brasileiro. Durante a entrevista o roteiro de perguntas percorreu por meio dos questionamentos sobre as primeiras memórias ligadas ao setor do vestuário, relação entre trabalho, família, igreja, grupo de jovens, movimentos sociais e de bairros, escola e sindicato. Em um segundo momento as perguntas foram direcionadas ao Sindicato, as relações entre os coletivos, a participação das mulheres, a eleição de 1985, as memórias sobre Ana Aurino Borges do Reis, greves, O Carretel, relação com o sindicato patronal, influência dos partidos políticos no Sindicato.

As duas ex-associadas que entrevistamos decidiram que gostariam de manter suas identidades em sigilo. Utilizamos de nomes fictícios ao mencioná-las em nossa pesquisa. Maria da Silva foi nossa primeira entrevistada, ela foi secretária do sindicato na terceira gestão, do ano de 1985-1987 e vice-

presidente na gestão de 1988-1990. Iniciou sua trajetória no ramo vestuarista muito jovem e tem assim sua vida costurada a esse setor de diferentes maneiras, passando pelas máquinas e terminando em cargo de liderança na direção do Sindicato no período de aplicação do Novo Sindicalismo. Sua entrevista ocorreu no dia 13 de setembro de 2022, ela foi realizada na cozinha de sua casa na cidade de Criciúma, as memórias a tempos não povoadas após poucos minutos voltaram, a entrevista durou certa de uma hora e meia.

No mesmo dia ocorreu a segunda entrevista, também não iremos divulgar sua identidade por pedido da mesma. Iracema de Souza moradora de Criciúma foi costureira e trabalhou em diferentes funções e em diferentes fábricas do ramo do vestuário de Criciúma durante as décadas de 1970 até meados dos no 1990. A trajetória de Iracema se distingue da entrevistada anterior, pois Iracema não fez parte da direção do Sindicato, mas esteve envolvida com ele nas greves e reuniões, essa experiência se atravessa em caminhos das fábricas, sofrendo com demissões e violências por sua filiação, durante sua entrevista a mesma afirma que aprendeu sobre sindicalismo por meio das greves.

O terceiro entrevistado foi Valdeci da Silva, esse ex-associado foi presidente durante a terceira gestão do Sindicato nos anos de 1985-1987. A entrevista ocorreu por meio do Google Meet no dia 17 de novembro de 2022, ele mora atualmente na cidade de Palhoça no estado de Santa Catarina. As experiências desse entrevistado correspondem a uma outra perspectiva, em um ramo majoritariamente constituído por mulheres as relações estabelecidas têm configurações diferentes, Valdeci marca a história do Sindicato por vencer as eleições de 1985 e por meio desta ocasionar uma alteração nas estruturas do Sindicato, durante sua gestão ele assumiu cargos de secretariado na CUT Santa Catarina, o que não permitiu que ele tentasse uma reeleição⁷.

Ao indicar a tomada de direção dessa pesquisa, é indissociável relatar como o tema de estudo se originou. A temática estudada nasceu durante a graduação em História na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), precisamente durante a quinta fase deste curso, nas disciplinas de História de

⁷ A entrevista com a gestão atual do Sindicato Vestuarista de Criciúma não ocorreu, procuramos a direção dez vezes durante o ano de 2022, e duas vezes no ano de 2023, as respostas foram negativas.

Santa Catarina e Arquivo e Documentação. A atividade proposta pelas disciplinas era analisar materiais históricos existentes no arquivo do CEDOC (Centro de Memória e Documentação) da UNESCO, desenvolver junto a essa fonte histórica uma pesquisa que deveria se findar em um artigo. Junto ao colega José Expedito Zeferino, analisamos o material de campanha da Chapa 2, pertencente ao Sindicato Vestuarista de Criciúma datado de 1985, e abordamos no nosso artigo a discussão de gênero como fator principal para o resultado da eleição sindical daquele ano. Ao fim do curso de história, surge a oportunidade de dar continuidade aos estudos sobre esse Sindicato a partir do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da UNESCO, ampliando as perspectivas sobre o tema e revisando os trabalhos já desenvolvidos sobre ele.

Dentro das bibliografias revisadas iniciamos com o trabalho “A inserção da indústria do vestuário na economia do sul de Santa Catarina” de Goularti Filho (1995), o autor discute como ocorreu a diversificação econômica da região sul catarinense, aprofundando sua análise na implantação da indústria do vestuário. Sua pesquisa aponta como as pequenas empresas familiares transfiguraram-se em um setor de grande importância para a economia da região. Sobre a força de trabalho deste setor, o autor descreve que por não haver necessidades de especializações e o conhecimento de trabalho ser desenvolvido através da prática, esse ramo se tornou um campo frágil para a permanência do trabalhador em uma empresa, desenvolvendo um ciclo de entrada e saída de operários muito maior em comparação com outros ramos industriais.

No trabalho “Formação, expansão e possibilidades de consolidação da indústria de confecções da região de Criciúma, SC” de Roseli Jenovena Neto (1995), parte da discussão sobre a formação e o desenvolvimento da indústria de confecções da região de Criciúma, com análise focada nas empresas filiadas ao Sindicato das Indústrias do Vestuário (SINDIVEST). Descrevendo a funcionalidade da cadeia produtiva têxtil/vestuário, e em um segundo momento, as questões ligadas a tecnologia, processo e gerência, e fatores de competitividade para a indústria do vestuário. A autora evidencia ao longo do estudo a importância do setor para a economia da região, e aponta as fragilidades desse setor, demonstrando a importância de se buscar estratégias para superá-las, principalmente na busca de uma eficiência coletiva.

Junto aos estudos sobre a implantação da indústria têxtil na região de Criciúma, Alcides Goularti Filho e Roseli Jenoveva Neto (1997) expõem em seu livro “A Indústria do Vestuário: Economia, Estética e Tecnologia”, que esse setor assemelha-se às indústrias desse mesmo ramo de outras regiões do mundo, pelo seguintes fatores: um grande número de empresas, fragmentação no processo de fabricação, ausência de uniformidade das suas unidades fabris, e propensão do desenvolvimento de micro e pequenas empresas. Ainda em sua análise sobre a potencialidade de crescimento da indústria do vestuário, fica claro que as facilidades de implantação das fábricas junto ao grande número de força de trabalho ociosa, foram responsáveis pelo florescimento desse setor. As questões ligadas ao avanço de tecnologias nesse setor, e as péssimas condições de trabalho também são abordadas na pesquisa.

Na dissertação “Trabalho arcaico no moderno mundo da moda” a autora Gaini Rabello (1997), discute como a inovação tecnológica implementou na produção vestuarista um divisor entre modernidade de maquinário sustentada pela decadência do trabalho, acarretando baixos salários, ritmo intensificado, desqualificando e atrofiando as operárias em atividades repetitivas. Sendo o trabalho um dos possibilitadores da construção do saber, mas que quando declina para a alienação, o sujeito é exposto a repetição e a cargas de trabalho grandiosas, sendo costuradas pela dupla jornada de trabalho, por marcadores de opressão de gênero que finda no adoecimento físico e psicológico, costumeiro na indústria têxtil.

Alcides Goularti Filho (2005) em “Diversificação produtiva no sul de Santa Catarina: uma contribuição à história econômica regional” descreve as mudanças econômicas e sociais que possibilitaram o cenário da diversificação produtiva no sul catarinense. Sinaliza que a diversificação produtiva da região criciunense é resultado advindo dos processos do crescimento e estagnação da economia ligada ao carvão, que possibilitou a mudança do foco do capital, impulsionando investimentos em outros setores, como por exemplo: cerâmica, calçados, vestuário e metalúrgica.

As atividades desenvolvidas pela indústria do vestuário possuem características dinâmicas, pois possibilita que a confecção possa ocorrer em domicílio, saindo do padrão fabril, adentrando ao lar da trabalhadora. Ocasionalmente segundo Vilma Marta Caleffi (2008), no trabalho “Reestruturação

produtiva na indústria do vestuário e as implicações para a qualificação dos trabalhadores”, uma dupla atribuição ao trabalho da mulher operária, permitindo que a mulher exerça um papel no contexto no mundo do trabalho e ao mesmo tempo as atividades domésticas, naturalizando a dupla jornada as mulheres. Compendo investigação sobre a indústria têxtil, Caleffi (2008), pontua que a fragmentação no processo de montagem pode ser compreendida como uma das vertentes do aumento da terceirização deste setor.

No artigo “Terceirização e as repercussões na qualificação dos trabalhadores da indústria do vestuário do sul de Santa Catarina” apresenta e discute como a terceirização do setor do vestuário afetou os trabalhadores dessa indústria. Trata-se de um estudo de caso em uma empresa do segmento do vestuário no sul de Santa Catarina, uma análise que ocorre doze anos após a pesquisa de Rabelo (1995). As autoras voltaram à mesma empresa e se depararam com uma situação completamente diferente, uma parcela de 95% da produção agora era terceirizada, esse fato constitui o retrato da reestruturação produtiva que vem ocorrendo em nível mundial. Essa nova dinâmica precariza a situação das trabalhadoras, percebido um aumento no número de tarefas realizadas por cada operária, e uma diminuição no número de funcionárias por empresa. A pesquisa evidencia um aumento no nível de escolaridade das trabalhadoras, mas a desqualificação da força de trabalho ainda se destaca no setor.

Rafael Pereira da Silva (2010), em seu trabalho “A autonomia aparente: Formação, trajetória e relações políticas de um centro de educação popular em Criciúma (CEDIP) 1983-1988” reúne a educação popular, sindicalismo e a política da década de 1980 na cidade de Criciúma. Silva (2010) discute a trajetória política do Centro de Estudos, Documentação e Informação Popular de Criciúma (CEDIP) desde sua fundação, em 1983, até o final desta década. O autor analisa as relações de poder e política, além das articulações que o CEDIP manteve com o Partido dos Trabalhadores (PT), a Central Única dos Trabalhadores (CUT), as associações de bairro e a Igreja Católica em Criciúma. O CEDIP foi responsável por salvaguardar grande parte da história dos movimentos de trabalhadores da cidade. Em seu arquivo, se encontram fitas de vídeo, projetos que desenvolvia na área de formação sindical, educação popular, recortes de jornais, documentos oficiais, estatutos, jornais sindicais,

boletins informativos, entre outros. Desse modo, o CEDIP é uma parte importante da história e memória da força de trabalho da cidade.

O Centro de Estudos, Documentação e Informação Popular de Criciúma (CEDIP) promoveu cursos de formação política, palestras, e ainda organizou projetos e atuava ao lado dos movimentos sociais e sindicais da cidade com a intenção de fortalecer os mesmos. Responsável por organizar dossiês sobre a memória da classe trabalhadora da cidade que hoje se encontram no Centro de Memória e Documentação (CEDOC), possibilitando os estudos sobre o período de “ouro” das greves e do sindicalismo cricumense.

O crescimento econômico e populacional ocasionado pela implementação da exploração mineral na região de Criciúma impulsionou o crescimento de outros setores industriais após a década de 1960, e fez surgir outras categorias de trabalhadores na região. Antonio Luiz Miranda (2013) apresenta em “Trajetórias e experiências do movimento operário sindical de criciúma – SC: Da Ditadura Militar a Nova República (1964-1990)” através do percurso das organizações de trabalhadores da cidade a partir do ano de 1960. Buscando relatar os momentos fundantes de constituição dos coletivos de operários e a diversificação no meio sindical. O Sindicato do Vestuário é descrito por Miranda (2013), como uma potência combativa, que surge em 1979, e no ano de 1985 sai vitorioso de sua primeira greve, pontualmente se redesenhando e se configurando ao novo cenário sindical, descrito como novo sindicalismo. Nesse trabalho, o autor descreve as precipitações que ocasionaram a mudança de cenário do sindicalismo nacional, e em especial o local. Com a criação da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e sua relação com o PT (Partido dos trabalhadores) e as alternâncias de poder nos sindicatos após a instalação de ambos em Criciúma.

Franciele S. Rodrigues (2013), em seu trabalho “Entre linhas, nós e agulhas: a história das trabalhadoras da indústria do vestuário” destaca os diferentes aspectos acerca das relações de trabalho possibilitados pela indústria do vestuário, e pontua as mudanças ocorridas no setor e conseqüentemente na vida das trabalhadoras durante os anos de 1960 a 1990. Através das experiências e das memórias construídas das interações familiares e trabalhistas, Rodrigues (2013), busca desencadear durante seu trabalho como as vivências das costureiras são intensificadas com o acúmulo de tarefas. No

trabalho, a autora se equivoca ao pontuar a não existência de uma presidência feminina na história do Sindicato Vestuarista de Criciúma e região.

Hoyêdo Nunes Lins (2018), em sua pesquisa discute a reestruturação produtiva e reconfiguração espacial da indústria do vestuário em Santa Catarina. Trabalhando com a concepção de geografia industrial. Lins busca responder como as mudanças e as transferências das fábricas para o meio rural configuram processos que podem refletir para além do próprio deslocamento das unidades produtivas, o do uso do trabalho domiciliar. As alterações das medidas econômicas, a abertura do mercado internacional são causas primárias das transformações da geografia industrial, além das composições de mercado e logística. São as conclusões encontradas pelo autor para compreender o deslocamento das indústrias do setor têxtil dos centros urbanos para interior das cidades.

Luiz Messias de Souza Neto (2019), apresenta em seu trabalho “As microempresas e empresas de pequeno porte do setor de vestuário no município de Criciúma no contexto das políticas indústrias nacionais (2003-2016)” uma discussão sobre as políticas industriais e as implicações ocasionadas às microempresas e às empresas de pequeno porte ligadas ao vestuário, relatando as principais dificuldades para se manterem em funcionamento e os efeitos gerados sobre o emprego formal e informal, focando em especial os governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e de Dilma Rousseff (2012- 2016). Sendo uma perspectiva indispensável para a compreensão das relações políticas e econômicas que entrelaçam o sindicato vestuarista e as trabalhadoras.

Antonio Luiz Miranda (2019), no artigo “O novo sindicalismo em debate: a experiência do movimento operário de Criciúma nos anos oitenta” discute a década de 1980 e o movimento sindical na cidade de Criciúma, acompanhando, de certa forma, o movimento operário no restante do país. No início da década de oitenta o governo militar sofria com os impactos do esgotamento do “milagre econômico”, e observava-se o aumento dos movimentos de oposição ao governo. Estes movimentos opositores provenientes em grande número das classes trabalhadoras, pressionaram os militares para os caminhos da abertura democrática. Em Criciúma o movimento operário aparece nas literaturas como combatíveis e suas organizações contribuíram para a

caracterização de Criciúma como a “cidade das greves”. A identidade da classe operária local tem início com mineiros, esses são a categoria-chave, a referência para as outras categorias.

No artigo “Narrativas de Adoecimento de Trabalhadoras da Indústria do Vestuário em Município de Santa Catarina, Brasil”, Patrícia Mariano e Giovana Ilka Jacinto Salvaro (2021), evidenciaram que os caminhos da construção da subjetividade individual de cada trabalhadora são formados pelo mundo do trabalho e cada sujeito se estabelece no mundo a partir de suas experiências que advém do mundo do trabalho, bem como os transtornos que desencadeiam em adoecimentos. Pontuando a importância do aprofundamento nos estudos de gênero, colaborando para as atualizações das discussões que ainda invisibilizam as atividades realizadas por mulheres no mundo do trabalho, prendendo-as a essas concepções de sujeitos outros, sofrendo dessa forma com a precarização e adoecendo cada dia mais.

Transitando pelas linhas históricas nossa investigação relaciona-se ao conceito de experiência concebido por Edward. P. Thompson, incorporando a nossa análise a perspectiva de que as narrativas são compostas de existências, e que se despercebidas, acabam sendo delineadas como vivências cotidianas sem subjetividades. Os sujeitos historicamente invisíveis passam a ser integrados pela história vista de baixo. E. P. Thompson (1981) defende que não são as estruturas que escrevem a história, mas sim, os homens e mulheres, que retornam não como sujeitos autônomos, mas como pessoas que experimentaram diversas situações sociais, dentre elas o mundo do trabalho, sendo constituídos e construindo a história.

Em seu livro “A formação da Classe Inglesa”, E.P. Thompson nos apresenta sua percepção sobre os indicativos da classe:

A mais fina sociologia não consegue nos oferecer um exemplar puro de classe, como tampouco um do amor ou da submissão. A relação precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais. Além disso, não podemos ter duas classes distintas, cada qual com um ser independente, colocando-as a seguir em relação recíproca. Não podemos ter amor sem amantes, nem submissão sem senhores rurais e camponeses. A classe acontece quando alguns homens como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem), dos seus. (1987, p. 10).

Assim, concebemos que a experiência humana é composta pela última instância da “vida material”, estruturada em termos de classe e conseqüentemente o “ser social” determina a “consciência social”. Thompson (1981) apresenta a cultura como um termo médio na estruturação da experiência. Desde modo, distinguindo as interações culturais, e afirmando que as pessoas não assimilam sua experiência como ideias unicamente, mas como sentimentos, que precisam ser vivenciados e assim, incorporados à consciência (como normas, obrigações familiares, valores, por meio das artes ou convicções religiosas). A cultura pode ser descrita como consciência afetiva ou moral, isso significa dizer, a moral não é uma “região autônoma” de escolha e vontades humanas que surge independentemente do processo histórico.

A discussão sobre a experiência e hábitos, Thompson (1981) aponta que os valores não são pensados, são vividos. E estes valores surgem dentro do vínculo da vida material, a partir das relações materiais, que sucedem as ideias. São as normas, expectativas etc., aprendidas no cotidiano de viver, e desenvolvidas inicialmente no berço familiar, e logo após no trabalho e na comunidade. Sem esses aprendizados a vida social não poderia ser mantida e a produção cessaria, por meio dessa percepção, a concepção de classe se desvincula de um objeto trivial, e estende-se à compreensão da amplitude da existência do ser em sociedade.

Quando Thompson realiza o exercício de buscar conhecer a realidade da classe por intermédio dela, sem preconceitos estabelecidos ou teorias já formadas, as respostas obtidas inauguram uma nova perspectiva de pesquisa e escrita histórica. A história vista por baixo possibilitou a sujeitos outros adentrarem as narrativas, e o gênero integra a lista de conceitos nesta nova composição. E. P. Thompson não desenvolve análises sobre as mulheres em particular, mas suas pesquisas são permeadas por elas.

A escrita histórica sobre o tema ‘Mulheres’ ganha força a partir da década de 1980, e a história das mulheres – tanto como sujeito pesquisado, quanto sujeito que produzem o conhecimento histórico – vem conquistando espaço e reestruturando o modo de se fazer pesquisa. No ano de 1949, Simone de Beauvoir lança seu livro “O Segundo Sexo”, que abala as estruturas já estabelecidas ao questionar os papéis femininos e masculinos na sociedade, e levantar a discussão sobre as construções sociais ligadas ao sexo.

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocabulário *vir* o sentido geral da palavra *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade (BEAUVOIR, 2014, p.9).

Seguindo com os questionamentos sobre a história das mulheres, Michelle Perrot (1984) em seu trabalho “É possível uma história das mulheres?” discute as possibilidades desta historiografia, já que como sujeitos históricos as mulheres interagem com o mundo, agindo e modificando ele. (RAGO, 1998) As mulheres são componentes da história, que devem ser analisadas e compreendidas nos processos históricos, não como coadjuvantes, mas como personagens centrais. Já Joan W. Scott (1995), afirma que o gênero é construído socialmente e culturalmente, e deve ser compreendido como uma categoria analítica, sendo essencial para as relações sociais. O estudo de gênero conquista espaço nas pesquisas e nas discussões acadêmicas, e passa a ser mais do que “apenas” uma história das mulheres. As interações entre homens e mulheres, e o papel social desempenhado por ambos na sociedade passa a ser revisto e reescrito.⁸

No livro “Mulheres, raça e gênero” publicado em 1981 pela intelectual e feminista estadunidense Angela Davis, insere aos diálogos do campo do gênero, a discussão cirúrgica da raça e da classe. Em sua análise a autora organiza temas valiosos para compreensão do funcionamento das sociedades estruturadas pelo sexismo e racismo. Tensiona o papel da mulher negra no mundo do trabalho, percorrendo os caminhos da escravidão, distinguindo e ilustrando os trajetos das mulheres racializadas⁹. O livro ainda apresenta textos que discutem a necessidade de aproximação da classe e raça na busca pelos

⁸ Para um aprofundamento na leitura indicamos RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: J.M. e Grossi, M. (orgs.) **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p.1-17. Disponível em http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf Acesso em: 11 ago. 22.

⁹ Para aprofundamento do tema indicamos: RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. SUR24, São Paulo, v.13, n.24, p.99-104, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf> Acessado em: 20 de abr.2020. LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952. set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577> Acesso em: 11 ago. 2022.

direitos civis das mulheres, existência do racismo no movimento sufragista norte-americano, a importância da educação como ferramenta para emancipação das mulheres negras, a posituação do estupro e racismo como controle social, o monitoramento e falta de autonomia quando o assunto é os direitos reprodutivos das mulheres, e a dupla ou até mesmo tripla jornada de trabalho.

No Brasil, os estudos sobre o movimento operário e a invisibilidade da categoria “mulher” na história da classe, são apresentados por Elizabeth Souza-Lobo em seu livro “A classe operária tem dois sexos: Trabalho, dominação e resistência” publicado no ano de 1991. Nesse trabalho a autora descreve e argumenta que a categoria “classe” é compreendida sob conceitos masculinos, ou assexuados, sendo descrita de maneira uniforme e tendo suas particularidades desconsideradas, sendo as mulheres os sujeitos imperceptíveis no mundo do trabalho. Segundo a Souza-Lobo, até a década de 1980, as mulheres ficaram de fora das reivindicações dos movimentos operários, sendo imperceptível a ideia desse sujeito obtendo direitos significativos, como a criação de creches no local de trabalho, abolição do trabalho noturno, os assédios, a discriminação salarial.

O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) foi criado em 1985 e vinculado ao Ministério da Justiça, com objetivo de promover políticas que visassem eliminar as discriminações contra as mulheres¹⁰. A partir da criação do conselho nacional, outros movimentos regionais e comissões surgiram anexados aos sindicatos e partidos políticos. Magda de Almeida Neves (2013) no artigo “Trabalho e gênero: permanências e desafios”, relata que a diversificação econômica e a reorganização produtiva reconfiguraram as pautas de gênero e trabalho. O crescente número de operárias mulheres possibilitou a visibilidade sobre relações da esfera privada, resultando em um conjunto de experiências novas por meio das vivências das mulheres no trabalho, e em um contexto ampliado da sociedade.

As alterações crescentes no âmbito econômico desencadearam uma flexibilidade no mundo do trabalho, a composição atrelada a amplitude dessas mudanças culminou em trabalhos informais e terceirizados. A partir destas interações e alternâncias, os estudos sobre o mundo do trabalho sofreram com

¹⁰Informações disponíveis em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para>. Acesso em 10 ago. 2022.

mudanças de paradigma, e o conceito da interseccionalidade aplicado a esse campo incita a agregação de componentes antes separados. A interseccionalidade surgiu na década de 1990, utilizada por Kimberlé Crenshaw em dois artigos acadêmicos, interligando os ativistas e a comunidade acadêmica (COLLINS, 2021). Crenshaw utilizando a interseccionalidade inicialmente como uma metáfora, entendendo assim, que cada pessoa assimila as relações sociais por meio particulares de percepção, reutilizando de concepções já conhecidas para compreender novas relações. “Uma metáfora pode desencadear uma sensação instantânea ao que antes era desconhecido.” (COLLINS, 2021, p. 44).

A entrada das mulheres no chamado trabalho formal, não possibilitou apenas a ampliação das discussões de gênero nesses espaços, mas ampliou a ótica sobre os corpos que compõem o mundo do trabalho. Quando discutimos a interseccionalidade, falamos dos marcadores sociais das diferenças que constituem um sujeito, indo além dos sexos biológicos e as relações que interagem com estes. A sociedade se estrutura em atravessamentos transversais, já que a experiência do sujeito e a construção de sua identidade não pode ser compactada em fragmentos, mas sim, entendida na interação do gênero, classe e raça (HIRATA, 2018).

Delineando as linhas históricas junto as existências das/os trabalhadoras e trabalhadores, buscamos unir as abordagens teóricas as entrevistas semiestruturadas no qual a fonte de pesquisa encontrasse na memória dos sujeitos históricos. Estas entrevistas tiveram a função de “rastrear” os indícios de memória dessas trabalhadoras e deste trabalhador bordados de vivência que residem nas brechas de história, por não pertencerem ao acervo documento já que a memória pessoal é residência individual e permeada por signos difíceis de compreender se não forem cuidadosamente acessados. A pesquisa teve início na reserva documental (jornais, atas do sindicato, fotografias, material eleitoral) salvaguardo no acervo do Centro de Memória e Documentação - CEDOC que se encontra na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC que se encontra na cidade de Criciúma. O último recurso utilizado para identificação do perfil das(os) trabalhadoras (os) foi as informações encontradas no banco de dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), iniciamos nossa pesquisa no ano de 1985 e findamos em 2022, assim conseguimos perceber as permanências e as rupturas ocorridas neste setor.

O primeiro capítulo dessa pesquisa “Da diversificação econômica de Criciúma e a Constituição da Força de Trabalho na Indústria do Vestuário” inicialmente apresenta as dinâmicas econômicas que possibilitaram a diversificação industrial da região carbonífera. Com a ampliação dos setores industriais a formação da força de trabalho se amplia e possibilita novas concepções de trabalho. Partimos da análise da importância da mineração para o crescimento da cidade de Criciúma, que por meio de impulsos de políticas internas e investimentos do Estado proporcionou a estruturação desse setor em Criciúma. Após a segunda metade do século XX, as aplicações econômicas sofrem ajustes e o cenário econômico da região carbonífera intensifica sua diversificação. Com a abertura econômica, a Indústria do Vestuário inicia sua jornada na década de 1960, principiando confecções em garagens familiares, mas que a partir da década de 1970 são transferidos para fábricas e indústrias. Na parte final desse capítulo as investigações se locam para o campo de identificação da força de trabalho, por meio de dados coletados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e as entrevistas orais, buscamos detectar os aspectos como sexo dos trabalhadores, faixa etária, escolaridade, raça, tempo de serviço, naturalidade dentre outros marcadores que nos ajudam a compreender a interseccionalidade desse coletivo.

O direcionamento do segundo capítulo “Costurando personagens novos ao mundo do trabalho: trabalhadoras e trabalhadores da Indústria do Vestuário de Criciúma” se desenvolve em torno da concepção da identificação e das relações de construção de identidade das trabalhadoras e dos trabalhadores da indústria do vestuário. Através dos dados retirados das fontes encontradas no Centro de Memória e Documentação – CEDOC e das entrevistas orais abordamos as concepções dos sujeitos que formaram a força de trabalho vestuarista. As discussões permeadas pelos marcadores de poder possibilitam entendermos como as mulheres eram desenhadas no mundo do trabalho, e no meio sindical. Assim, como a feminilidade socialmente constituída impera sobre os corpos femininos, a masculinidade se apresenta da mesma maneira. Compreendemos assim, neste capítulo que histórias coletivas, são influenciadas pelos sujeitos subjetivos. Os fragmentos do passado se deleitam na interseccionalidade, e os sujeitos são constituídos pelas experiências inicialmente concebidas em casa, e após, a escola, igreja, pastorais, trabalho e

comunidade. O intuito desse capítulo fica em torno de descrever e analisar as transformações ocorridas nesta classe trabalhadora que culminaram na trajetória do sindicato.

No terceiro capítulo “Costuras sindicais: nasce o Sindicato Vestuarista de Criciúma e região” iniciamos a discussão partindo da historicização da importância dos coletivos na cidade de Criciúma, demonstrando como o Sindicato dos Mineiros inaugurou o sindicalismo e fortaleceu a luta de classes na região. A partir dos movimentos políticos e reorganização econômica o sindicalismo local atingiu seu ápice no fim da década de 1970, e junto a essas demandas nasce o Sindicato Vestuarista de Criciúma e região. A década de 1980 marca a cidade de Criciúma por meio de greves e reconfigurações políticas, o PT e a CUT são instalados na cidade, e seus membros pertencentes aos sindicatos solidificam os movimentos de oposição, criando chapas e concorrendo a eleições sindicais. No ponto seguinte apresentamos a composição do Sindicato Vestuarista e sua excepcional história em estrear a presidência sindical por meio da representação de uma mulher. O ano de 1985 se torna fundamental na experiência do Sindicato, e após a eleição do mesmo ano, o novo sindicalismo é aplicado pela nova gestão. Por fim, buscamos por meio de algumas edições do jornal “O Carretel” experimentar as interações do coletivo na constituição do folhetim mensal.

2. DIVERSIFICAÇÃO ECONÔMICA DE CRICIÚMA E A CONSTITUIÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO NA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO

Neste capítulo abordaremos inicialmente os processos de diversificação econômica de Criciúma e região. O objetivo inicial deste capítulo fica em torno de apresentar a relevância do carvão mineral para a abertura econômica da região, e logo após, para diversificação industrial. Um evento não ocorre isoladamente, e assim, os eventos políticos e econômicos influenciaram diretamente na estruturação de Criciúma e região. Por conseguinte, a implantação e o crescimento do setor têxtil são investigados, e por fim, através de dados retirados da Relação Anual de Informações Sociais apresentamos gráficos com a intencionalidade de identificar as/os trabalhadoras/es que compõem essa força de trabalho.

2.1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO SOBRE A DIVERSIFICAÇÃO ECONÔMICA DE CRICIÚMA

A crescente participação das mulheres no mundo do trabalho, principalmente nos últimos anos, abriu um leque de discussões e desconstruções sobre aspectos “naturais” da divisão sexual do trabalho, todavia, tal fato está longe de representar uma igualdade de oportunidades, quando analisamos a qualidade dos postos de trabalho ocupados por homens e mulheres, evidenciamos a existência da segmentação ocupacional relacionada ao gênero.

Segundo Gonçalves *et al.* (2016, p.23):

A inserção da mulher em um determinado espaço do mundo de trabalho se faz de tal modo que, embora se abram novas configurações, (re)elaborando novas relações, flexibilizando trabalhos outrora rígidos, feminizando atividades antes masculinas, engendrando novas possibilidades de investigação acerca do trabalho e do gênero, se reproduzem relações de opressão e dominação.

Para as mulheres os trabalhos oferecidos, em sua maioria, perpetuam as tarefas que estas realizavam no espaço privado. A história do setor do vestuário se entrelaça com corpos femininos desde seu primórdio. A concepção da arte da costura “naturalizou-se” no imaginário como um saber natural a mulher e encontramos as mulheres operárias em grande número no setor do vestuário, em tarefas repetitivas, de ciclo curto, submetidas ao ritmo imposto pelas máquinas, desempenhando ocupações de baixa remuneração, sem necessidades de aprimoramento, sendo o local do trabalho o posto de aprendizagem.

Sendo a indústria do vestuário a detentora de maior número de operárias da região de Criciúma, as discussões sobre os corpos femininos e o trabalho fabril ganham contornos diferentes com a implantação e crescimento desse setor, irrompendo das experiências de opressões e naturalizações sexistas pertencentes ao senso comum da sociedade, e intensificadas no mundo do trabalho, nasce em 1979, o Sindicato Vestuarista de Criciúma e região, subvertendo as discussões e políticas industriais e sindicais.

Assim, quando buscamos estudar as experiências dos trabalhadores do setor do vestuário na região de Criciúma, logo nos deparamos com a necessidade de amarrar a escrita desta narrativa a discussão de gênero e classe, compreendendo como propulsores da consciência, formadora da ideologia deste coletivo.

Segundo Thompson (1981, p. 194):

Homens e mulheres discutem sobre valores, escolhem entre os valores, e em sua escolha alegam evidências racionais e interrogam seus próprios valores, por meios racionais. Isso equivale a dizer que essas pessoas são tão determinadas (e não mais) em seus valores quanto o são em suas ideias e ações, são tão, “sujeitos” (e não mais) de sua própria consciência afetiva e moral quanto de sua história geral. Conflitos de valor, e escolhas de valor, ocorrem sempre. Quando uma pessoa se junta ou atravessa um piquete grevista, está fazendo uma escolha de valores, mesmo que os termos da escolha e parte daquilo que a pessoa escolhe sejam social e culturalmente determinados.

Dessa forma, torna-se necessário compreender o percurso socioeconômico ocorrido na região carbonífera¹¹, para que possamos identificar os aspectos da implantação do setor do vestuário na região, e as experiências da classe trabalhadora interligadas a esses processos de alternância no mundo do trabalho. As configurações compreendidas pelo trabalho, são tidas como centralidades da vida social, numa relação concomitante de transfigurações entre os seres humanos e a natureza, tendo como finalidade primária a satisfação material e espiritual da humanidade (GUIRALDELLI, 2016).

Dessa maneira, iniciamos nosso diálogo a partir da segunda metade do século XIX, período no qual as terras do sul catarinense foram destinadas a colonização europeia, divididas em pequenas propriedades agrícolas. As políticas coloniais direcionadas as terras de Criciúma interligavam-se aos objetivos de desenvolver locais produtivos e integrá-los ao território nacional através de sua ocupação efetiva. (SELAU, 2006) Assim, as terras originalmente pertencentes aos povos originários¹², foram tomadas e suas formas de acumulação e produção alteradas.

A criação da colônia atendia a política de ocupação dos “vazios demográficos”¹³, que pretendia desenvolver áreas produtivas economicamente na região sul. As intenções do governo imperial estavam locadas na ação de ocupar as terras “improdutivas” por intermédio dos processos de branqueamento populacional¹⁴, ampliando o número de colônias de imigrantes europeus, e assim, garantindo a posse sobre elas, e utilizando-as como base de apoio para campanhas militares se necessário. (SELAU, 2006) A colonização das terras sul catarinense transcorre conforme o planejado, mas a partir do início do século

¹¹ Compreendemos como a Associação dos Municípios da Região Carbonífera – AMREC, a região administrativa instituída pelo governo de Santa Catarina e que abrange no seu total quatorze municípios, entre eles Criciúma, Içara, Cocal do Sul, Siderópolis, Urussanga e Lauro Muller.

¹²Os Xokleng eram nômades e sua alimentação era garantida pela caça e pela coleta. Deslocavam-se pela região, ocupando determinada parte dela conforme a estação. No inverno, por exemplo, costumavam estar próximos as bordas do planalto catarinense, onde aproveitavam o pinhão e as caças para alimento. Já na primavera, procuravam estar onde era possível conseguir caça e os frutos típicos da estação (SELAU, 2006, p. 19).

¹³ A concepção de não existência de “seres civilizados” morando nas localidades, por meio do pensamento etnocêntrico, conclui que essas áreas estavam vazias de civilidade, e que os povos que ali habitavam não existiam.

¹⁴ Processos de branqueamento populacional está relacionado a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, em especial no século XIX para região sul catarinense, fazendo parte de um projeto de “embranquecer” o país e esconder seu passado escravista.

XX, a região assiste às mudanças provocadas pelo crescimento econômico e social, ligados a extração mineral.

As atividades ligadas ao carvão tornam-se significativas para o crescimento econômico e industrial desta região, porém, somente no período da Primeira Guerra Mundial e com as dificuldades de importação provocadas pela mesma, que se tornou mais compensatório produzir e consumir o carvão nacional, cenário que ocasionou impulsos na produção de 188 toneladas para 20.000 toneladas de carvão bruto entre os anos de 1915 e 1919. (MORAES, 2003) As relações de trabalho que anteriormente estavam relacionadas as pequenas produções agrícolas e de caráter familiar, modificaram-se em novas perspectivas de produção, e as experiências vivenciadas nas minas de carvão levaram a concretização da construção da massa operária cricumense.

Conforma aponta Zanelatto, Miranda e Osório (2011, p. 153):

Sua história está fortemente identificada com a exploração do carvão ocorrida ao longo do século XX. As marcas dessa identidade são facilmente perceptíveis nos mais variados espaços da cidade. A memória do carvão é lembrada nos símbolos, nas festas oficiais, nos monumentos, nos nomes dos prédios públicos, nas ruas, avenidas, nos clubes de futebol, no hino da cidade que evoca o carvão como responsável pelo seu progresso. Além disso, na historiografia tradicional sobre a cidade observa-se um discurso ressaltando o carvão como agente do progresso não só da cidade, mas também de toda a região.

A exploração mineral na região cricumense ganha destaque nacional e Criciúma passa a ser conhecida como Capital Nacional do Carvão, sendo durante o Governo Vargas o período de maior valorização do carvão nacional, em especial o de Santa Catarina. A própria denominação “região carbonífera” revela a força ideológica do “progresso” vinculado à indústria do carvão, que a partir da década 1930 se tornou a principal referência econômica e política da região. (CAROLA, 2004) A segunda metade do século XX, contudo, é marcada pela instabilidade da indústria mineral, e a economia do carvão concebe espaço para novos setores industriais.

Segundo Moraes (2003), a ascensão da indústria carbonífera voltou a movimentar-se após a estagnação enfrentada entre os anos de 1949 e 1957, o autor responsabiliza o Plano de Metas e ao II PND por essa nova movimentação. Os dois planos interferiram diretamente na indústria do carvão, aspecto que se

manifesta no aumento de sua produção durante a primeira metade da década de 1980, e na sua diminuição com fim do planejamento estatal e do enxugamento das aplicações do Estado ao final da mesma década. Durante a década de 1990, o que observamos nesse setor são níveis baixos, tanto de produção como de empregos, sendo sustentado, a partir de então, pela atividade da Termoelétrica Jorge Lacerda¹⁵.

A relevância da mineração¹⁶ para a região sul catarinense abrange alicerces para além da questão financeira. A aplicação dessa atividade alterou a organização social, e após enfraquecimento do setor, sua estrutura permitiu a ocorrência de aplicações em outros setores industriais, tanto no campo de investimentos, quanto na força de trabalho. Segundo Goularti Filho (2005), a diversificação industrial na região carbonífera ocorreu a partir de três principais momentos: o primeiro momento foi através da extração mineral, que impulsionou setores como o metalmeccânico. O segundo momento ganhou destaque a indústria da cerâmica, e em terceiro percebemos a indústria do vestuário, nestes três períodos observou-se o aumento da força de trabalho. (GOULARTI FILHO, 2005) Organizamos uma breve análise da gênese da organização industrial de Criciúma e região.

O setor da cerâmica inicia suas atividades através da Cerâmica Santa Catarina Ltda. (CESACA), em Criciúma no ano de 1947. Uma sociedade de 16

¹⁵ Complexo Termoelétrico Jorge Lacerda localiza-se no município de Capivari de Baixo, no estado de Santa Catarina.

¹⁶ Escolhemos para a realização deste trabalho a literatura produzida por Goularti Filho (2005) correspondente aos aspectos de diversificação econômica da região sul catarinense. Essa perspectiva se desenvolve através do viés da importância da economia advinda inicialmente do carvão. Mas, a diversificação econômica de Criciúma foi tema explorado por vários estudos de distintas áreas, o tema foi analisado no campo da História Econômica, Social e Cultural e também por outras disciplinas como a Geografia e a Sociologia. Maurício Aurélio dos Santos em seu trabalho o crescimento econômico e a reprodução do capital relacionado com a exploração da força de trabalho e principalmente na participação do Estado a serviço da acumulação privada do capital. José Paulo Teixeira, utilizou como principal referencial para seu estudo sobre Criciúma a obra de Raimundo Faoro, "Os Donos do Poder", isto é, já no título de sua obra faz referência clara a Faoro: "Os donos da Cidade". O conceito de patrimonialismo encontrado em Faoro foi utilizado por Teixeira para demonstrar a formação do que chama de elites locais. Dorval do Nascimento, historiador, analisou em sua tese o "processo identitário e transformações urbanas em Criciúma, identificando que as elites locais tentaram construir uma outra identidade para a cidade, mais ligada à imigração europeia. Descolando-a assim da característica de cidade carbonífera. Terezinha Gascho Volpato, historiadora e socióloga, escreveu duas obras que se tornaram clássicas sobre os trabalhadores das minas de carvão do Sul de Santa Catarina. Trata-se de "A Pirita Humana, Os mineiros de Criciúma", de 1984, e "Vidas Marcadas, Trabalhadores do Carvão", de 2001. Nestas a autora trata desde a fundação de Criciúma, o início da mineração à formação dos trabalhadores da mineração. (MIRANDA, 2013).

sócios começou produzindo louças de mesa, mas após os anos 50 investiu na fabricação de azulejos e louças sanitárias, abandonando a produção de louças de mesa¹⁷. Em 1953, surgiu em Urussanga a CEUSA (Cerâmica Urussanga S.A Indústria e Comércio). Um ano após, nasce em Cocal do Sul, a Cerâmica Cocal Ltda¹⁸. O que percebemos ao analisar a implantação do setor cerâmico no sul catarinense, é o fato que eles foram criados a partir de associações de pequenos e médios produtores.

A primeira fábrica de calçados da região surgiu em Araranguá no ano de 1954, pertencia a Leopoldo Marques Petry. Depois dos anos de 1950, surgiu em Criciúma a Calçados Tupã, tendo uma breve trajetória, fechando seus portões em 1956¹⁹. No mesmo ano que Calçados Tupã finaliza suas atividades, inaugurou a Calçados Crisul, e em 1963 a Calçados Big Bom foi fundada por um ex-funcionário da Crisul²⁰. Dessa forma, as indústrias ligadas à fabricação de calçados iniciaram suas atividades em Criciúma, mas sendo um setor com menor importância econômica.

Segundo Goularti Filho (2005), a indústria do vestuário surgiu na região carbonífera no ano 1949, com a Camisaria Aguiar, e em 1960 nasceu a Confecção Vidal, nos dois casos os proprietários eram alfaiates. Na segunda metade do século XX, o autor pontua a abertura da Crimalhas em 1966, Di Angelis no ano de 1964, Malharia Thayse em 1970 e Confecções Mafferson no ano de 1971. Retornaremos discutir a indústria do vestuário nos próximos capítulos.

O setor metalúrgico nasceu a partir dos anos de 1950/60, no início de suas atividades buscavam atender as demandas das minas de carvão, e subsidiar as necessidades dos agricultores da região. A metalúrgica Spiller é a mais antiga da região, e localiza-se na cidade de Nova Veneza, sua fundação data do ano de 1946²¹, e permanece em funcionamento até os dias atuais. Em

¹⁷GOULARTI FILHO, Alcides. Diversificação produtiva no sul de Santa Catarina: uma contribuição à história econômica regional. In: GOULARTI FILHO, Alcides (org). Ensaios sobre a economia sul-catarinense II. Criciúma: Editora da UNESCO, 2005, p. 17.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

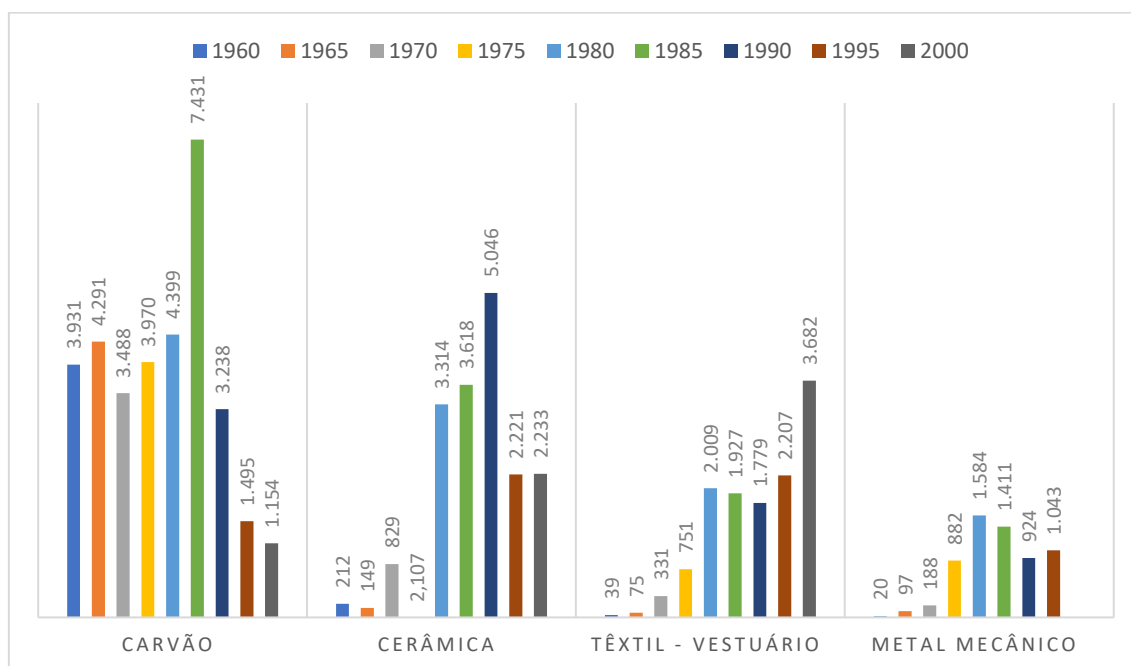
²⁰GOULARTI FILHO, Alcides. Diversificação produtiva no sul de Santa Catarina: uma contribuição à história econômica regional. In: GOULARTI FILHO, Alcides (org). Ensaios sobre a economia sul-catarinense II. Criciúma: Editora da UNESCO, 2005, p. 17-18.

²¹ GOULARTI FILHO, Alcides. Diversificação produtiva no sul de Santa Catarina: uma contribuição à história econômica regional. In: GOULARTI FILHO, Alcides (org). **Ensaios sobre a economia sul-catarinense II**. Criciúma: Editora da UNESCO, 2005, p. 18-19.

1960, nasceu a Siderúrgica Criciúma Ltda, que visava atender as demandas da construção civil, entretanto, logo em seguinte, direcionou seus atendimentos as necessidades do setor carbonífero e cerâmico, e em 1970, inaugura a Siderúrgica Catarinense Ltda²².

As proposições traçadas acima demonstram os caminhos de fortalecimento e ampliação do mercado e da indústria no sul catarinense. A tese de Goularti Filho (2005), de como ocorreu à diversificação econômica na região carbonífera, mostra-se relevante para compreendermos a metamorfose do mundo do trabalho, que desencadeia a diversidade da indústria nas organizações sindicais e nas relações de poder e capital. O que fica explícito é o movimento constante de alternância socioeconômica da região, que em períodos diversos assiste setores da indústria ganharem ou perderem espaço na economia regional, tendo como um dos demonstrativos os números atribuídos à força de trabalho de cada setor.

Gráfico 1: Número de trabalhadores por setor industrial em Criciúma nas décadas de 1960-2000



Fonte: Goularti Filho, 2002.

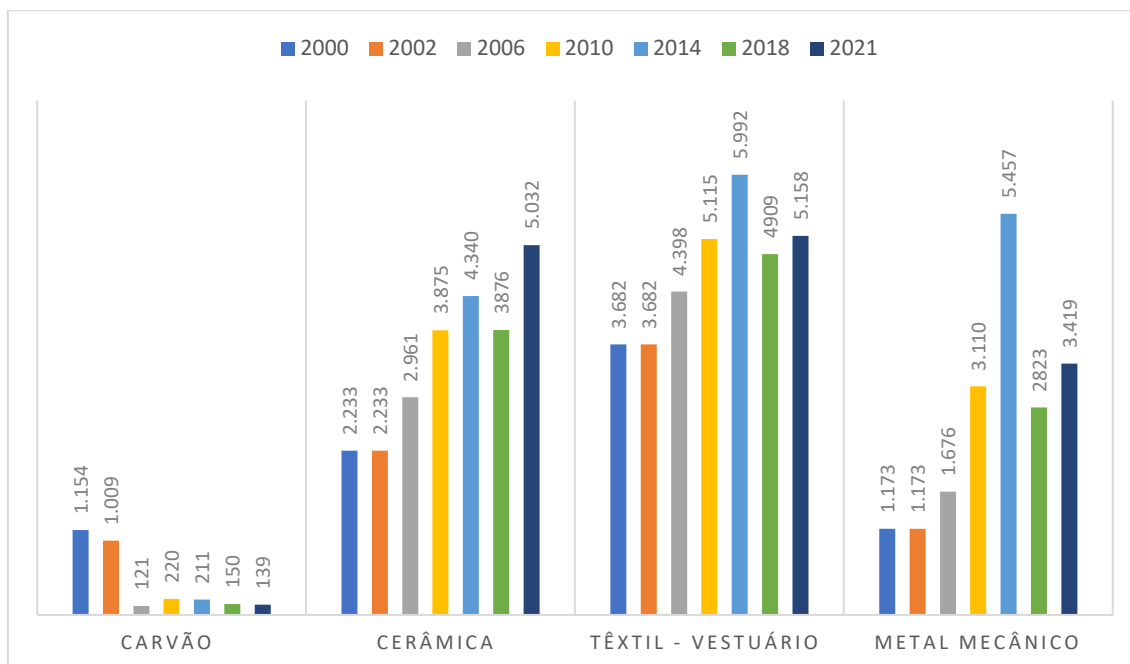
²² GOULARTI FILHO, Alcides. Diversificação produtiva no sul de Santa Catarina: uma contribuição à história econômica regional. In: GOULARTI FILHO, Alcides (org). **Ensaio sobre a economia sul-catarinense II**. Criciúma: Editora da UNESC, 2005, p. 19.

No gráfico, os dados evidenciam a flexibilidade da força de trabalho no município de Criciúma em um período de quarenta anos. Com esse demonstrativo percebemos a alternância dos poderes dos principais setores industriais de Criciúma, entendendo que as mudanças são interrelacionadas as crises e as necessidades do mercado, que por vez em outra, fortalece um setor enquanto enfraquece outro. A expansão do capital é marcada pela mercantilização dos bens, serviços e produtos, mas também da própria vida humana. Através da exploração da força de trabalho, percebemos uma nova configuração das relações sociais dentro do mercado de trabalho. (GUIRALDELLI, 2016) Da década de 1960 até 1985, existe uma predominância nos postos de trabalho ligados a mineração, assim, assistimos o surgimento dos setores da indústria da cerâmica e da indústria têxtil, de maneira tímida, mas correspondendo a uma nova composição da força de trabalho local.

Os setores ligados a cerâmica e ao têxtil posicionam-se após a década de 1980 na dianteira das indústrias que mais empregavam na região em torno de Criciúma. Essa nova configuração acarretou a crescente heterogeneidade da classe trabalhadora, e o predomínio crescente dessas indústrias “novas” pode ser compreendido através das composições econômicas e políticas do período de sua implantação. O período discutido foi marcado por investimentos e a aplicações de maneira significativa a esses setores, o que ocasionalmente gerou o aumento de sua capacidade produtiva, tendo como resultados novos postos de empregos²³.

Gráfico 2: Número de trabalhadores por setor industrial em Criciúma nos anos de 2000 até 2022.

²³GOULARTI FILHO, Alcides. Diversificação produtiva no sul de Santa Catarina: uma contribuição à história econômica regional. In: GOULARTI FILHO, Alcides (org.). Ensaio sobre a economia sul-catarinense II. Criciúma: Editora da UNESC, 2005, p. 25.



Dados retirados da RAIS, 2022.

A força de trabalho na região carbonífera após os anos 2000 transmuta, e os setores que durante as décadas de 1960/70 eram secundários, passam a dominar as ofertas de serviços. O setor do vestuário fixou suas bases em Criciúma, e ao longo do tempo solidificou sua relevância econômica²⁴, não apenas nesta cidade, mas se estendendo aos municípios vizinhos. Esse setor em expansão contribuiu para a estruturação econômica regional, e após seu período de instalação, contribuiu para o crescimento e abertura de novas fábricas e indústrias, gerando novas vagas de trabalho.

A indústria do vestuário em relação a criação de ofertas de empregos, ao contrário do setor carbonífero que demonstrou uma queda acentuada, não sofreu impactos negativos²⁵ do período de sua implantação até o momento estudado. Nos dados apresentados, o que observamos é a crescente efetivação do setor têxtil, que inicia sua trajetória na década de 1960 com trinta e nove funcionários, e que no ano de 2021 alcançava o número de 5.158. Se comparado com os demais setores apresentados nas tabelas acima, o vestuário obteve uma

²⁴Estudos do Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas- IPAT da UNESC (2006), revelam que a indústria do vestuário ocupa lugar de destaque na economia, e dentro do setor produtivo é uma das que vem apresentando crescimento significativo. (CALEFFIE; JINKINGS, 2010, p. 4),

²⁵GOULARTI FILHO, Alcides. Diversificação produtiva no sul de Santa Catarina: uma contribuição à história econômica regional. In: GOULARTI FILHO, Alcides (org.). Ensaio sobre a economia sul-catarinense II. Criciúma: Editora da UNESC, 2005.

crecente positiva nas ofertas de trabalho ao longo dos últimos sessenta anos na região carbonífera.

Mesmo atingindo resultados positivos ao longo de sua trajetória, observamos que durante a metade da década de 1990 o setor do vestuário passou por um momento de instabilidade e de queda na produção. A causa da instabilidade é associada a abertura comercial internacional, movimento que introduziu ao mercado nacional peças produzidas principalmente no sudeste asiático²⁶. A concorrência com o mercado internacional desencadeou processos de alternâncias no modo de produção desse setor, que junto a novas estratégias tecnológicas, buscou agilidade, aumento de produção e baixo custo. Dessa maneira, assistimos ao início das aplicações das políticas de terceirização²⁷ no setor do vestuário e o aumento da precarização do trabalho.

Segundo Hoyêdo Nunes Lins (2018, p. 27):

Reestruturação produtiva, com forte inclinação ao uso de capacidades de produção e de trabalho externas às empresas (principalmente grandes e médias, permaneceu um traço proeminente nessas atividades. A subcontratação/terceirização sobretudo das etapas de costura, lançando mão de facções informais ou não, incluindo estruturas ao estilo das cooperativas de trabalho – em grande medida representando trabalho em domicílio –, revela-se uma característica de realce na paisagem.

Desse modo, a necessidade por estratégias competitivas com o mercado internacional ocasionou transformações na economia local, e intensificou as experiências da classe trabalhadora. O cronometro e a produção em massa são deixados de lado, sendo substituídos por novos padrões tecnológicos e a proposta de aumento de produtividade, questões ocasionadas pela flexibilização na produção, que objetivava apenas as necessidades do mercado sem exceder a ele. (ANTUNES, 2006) Nesse sentido, a ascensão dos meios tecnológicos impôs ao mundo do trabalho os preceitos da agilidade na produção, inclinando a indústrias a terceirização, que transferiu as atividades consideradas secundárias, compreendidas como de suporte, para outras mãos.

²⁶ Idem.

²⁷ A terceirização surgiu no contexto da Segunda Guerra Mundial, quando a indústria bélica com o intuito de aumentar sua produção e venda aos países em guerra, decidiu separar e passar suas atividades de suporte para empresas secundárias, concentrando-se apenas na produção de armas. Na década de 80, esse fenômeno passou a ser empregado no Brasil, com a chegada de multinacionais (BUZZO *et al*, 2016).

Disponível em https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_48_1488488546.pdf: Acesso em: 20 mar. 2022.

Assim, a marca/empresa contratante se especializou na sua atividade principal, enquanto a empresa contratada se especializou em atividades secundárias como bordados, etiquetas, estamparias e lavanderias.

As características atuais da produção vestuarista são demarcadas por etapas concebidas através do modelo tayloristas, compreendendo um espaço menor de tempo entre a fabricação da peça e o acabamento do produto. Passando geralmente por uma ordem de produção que consiste na criação, modelagem, corte, montagem e acabamento. (CALEFFI, 2008) Segundo Antunes (2006), essa nova dinâmica inclui uma produção “artesanal” e tecnologicamente mais desenvolvida, que produz para um novo mercado, bem focalizado e que se desfaz dos excessos da produção em série.

Assim, a indústria vestuarista de Criciúma após a década de 1990 desenvolve diferentes serviços de apoio fixados pela terceirização, sendo detentora do maior número de mulheres operárias em comparação com os demais setores industriais da cidade, suas peculiaridades se concentram na possibilidade de o trabalho ocorrer de forma domiciliar, fora da empresa, permitindo que a operária/o participe do mercado de trabalho, e simultaneamente exerça as atividades domésticas.

2.2 IMPALNTAÇÃO E CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO DE CRICIÚMA

Quando falamos sobre a indústria do vestuário, é necessário compreender que esse setor articula-se de maneira segmentada no processo de montagem, o que facilitou a implementação da terceirização, o que tem implicações diferenciadas das demais indústrias. O Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Microempresa (SEBRAE) relata que a indústria do vestuário está inserida no setor de confecções, o qual corresponde ao último elo da cadeia têxtil. Esse setor também denominada indústria de transformação, engloba a fabricação das roupas e acessórios de vestuário, como objetos de uso específicos como fraldas²⁸.

Uma questão importante para nossa discussão é compreender a diferença entre setor do vestuário e o setor têxtil. Apesar de o setor têxtil

²⁸ Idem.

abranger a produção no vestuário, é importante entender que são distintos. O setor têxtil consiste na indústria que transforma fibras em fios, visando não apenas aos tecidos para peças de vestuário, como também para uso doméstico e de aplicações técnicas. (SOUZA NETO, 2019) Em uma análise global sobre a organização desse setor percebemos diversas similaridades, tanto nas questões de confecção quanto nas realidades das operárias. Historicamente a indústria do vestuário sempre abrigou um grande número de mulheres nas suas fábricas e indústrias, sendo responsável pela percepção de local ou trabalho feminino.

Segundo Gazzona (1997, p. 90):

Assim, qualidades e habilidades consideradas naturais à mulher como a docilidade, a menor combatividade, a maior sensibilidade aos problemas da família ou o desempenho de algumas atividades como a costura, são produto de educação e de formação, nem sempre adquiridas por vias formais e sim, por exemplo, como parte das atribuições de uma dona-de-casa.

A inserção da indústria do vestuário no município de Criciúma ocorreu no início dos anos 1970, momento de crescimento e diversificação econômica da região sul. “A diversificação econômica se deu principalmente a partir de década de 1960 e aprofundou-se na década de 1970. Antes disso, o setor de extração de carvão predominava na economia local.” (MIRANDA, 2013)

Quadro 1: Os alfaiates que montaram as primeiras confecções da região de Criciúma.

Confecção	Início da atividade
Camisaria Aguiar	Início da atividade 1949 até 1979
De Lucca Confecções	Início da atividade 1949
Confecções Vidal	Início da atividade 1960

Fonte: Goularti e Neto (1997).

Seguindo com o processo de acumulação, os alfaiates apresentados na tabela anterior impulsionaram a implantação do que viria a ser a indústria vestuarista. Para compreensão melhor da atividade realizada nesse ramo, podemos dividir esse setor em dois grandes grupos: os faccionistas e os confeccionistas. Os faccionistas são prestadores de serviço, sua função consiste em montar as peças já cortadas pelos confeccionistas. Os confeccionistas são

empresas que detêm de etiqueta própria, conhecidos como os “definidores da moda”, responsáveis pelo estudo de mercado (vendas e interesse), considerados como os que movimentam o setor. (GOULARTI FILHO; NETO, 1997) Na tabela a seguir os primeiros confeccionistas da região carbonífera.

Quadro 2: confeccionistas da região sul catarinense com origem no atacado:

Confeccionistas	Início da atividade
Casa Twist	Início em 1964
Criminalhas	Início em 1966
Confecções Mafferson	Início em 1971
Cedro Rios	Início em 1972
Calças Calcutá	Início em 1972
Rosatex	Início em 1979
Negge´s Confecções	Início em 1981
Di Angelis	Início em 1984

Fonte: Goularti Filho e Neto (1997).

A efetividade da indústria do vestuário na região carbonífera e a sua indubitabilidade na econômica, se efetiva a partir de dois pontos principais: (1) a existência de um campo fértil em força de trabalho, isso acarretado pelo aumento populacional advindo da economia baseada na exploração do carvão, (2) simplicidade ao manuseio dos maquinários, sendo possível surgir facções em grandes indústrias como pequenas fábricas familiares em garagens de casas familiares.

Segundo Caleffi (2008, p. 29):

A característica peculiar da atividade de confecção é a possibilidade do serviço domiciliar ou fora da empresa, o que permite que a mulher exerça um papel no contexto das relações capitalistas e ao mesmo tempo as atividades domésticas. Mesmo com a inserção da tecnologia na confecção do vestuário, o que se vem constatando é que a formação profissional para as mulheres ocorre no próprio posto de trabalho, limitando-se às operações das máquinas que, por sua vez, limita as chances de maiores ganhos salariais.

Essa dinâmica estimulou o desenvolvimento desse setor de maneira rápida e ocasionou predicados singulares. Uma das características que predominou na região de Criciúma foram as chamadas confecções de “fundo de

quintal”. Estas confecções alinhavam-se a realidade diária da família, contando com o trabalho das mulheres em casa, sendo visto como uma “tarefa a mais” no cotidiano do lar. Essas pequenas confecções iniciaram em pequenos espaços, e após alcançarem estabilidade, ampliaram seus negócios, saindo do ambiente doméstico e adentrando no espaço fabril. Em seu livro “Indústria do Vestuário: Economia, Estética e Tecnologia” Alcides Goulart Filho e Roseli Jenoveva Neto, identificaram essas pequenas confecções familiares e as organizaram por município e ano de instalação:

Quadro 3: confecções de pequeno porte, denominadas como de fundo de quintal:

Município	Confecção
Criciúma	Malharia Thayse – 1970 Confecções Hertha – 1976 Confecções Replay – 1979
Nova Veneza	Dammyller – 1979
Araranguá	Confecções Malibu – 1973 Luck Berg – 1978
Morro da Fumaça	Bertan – 1978

Fonte: Goularti Filho e Neto (1997).

A experiência em confeccionar as peças em casa acarretou padrões na relação com o trabalho diferentes aos já conhecidos. O trabalhador vivencia a sua realidade do lar e o compreende como sendo espaço do seu trabalho, não experimentando as relações fabris. Desencadeia-se assim, uma concepção de menor importância ao trabalho realizado por essas operárias/os, sendo necessário avaliar a atividade do vestuário em suas muitas dimensões. Quando tratamos do trabalho feminino, muitas vezes essa atividade é definida como um complemento da renda familiar, não sendo associado a um trabalho “verdadeiro”, mas sim, uma “ajuda” ao salário do homem. Essa negativa sobre a importância do trabalho/salário feminino dá veracidade as diferenças salariais incentivando as políticas de menores salários para as mulheres. Com o trabalho realizado em casa, assistimos essa nova forma de arbitrariedade instalando-se, já que as

horas extras trabalhadas não são remuneradas, o trabalho atravessa a casa gerando naturalidade nos acúmulos de tarefas, desfocando o relógio que indica o ritmo das fábricas.

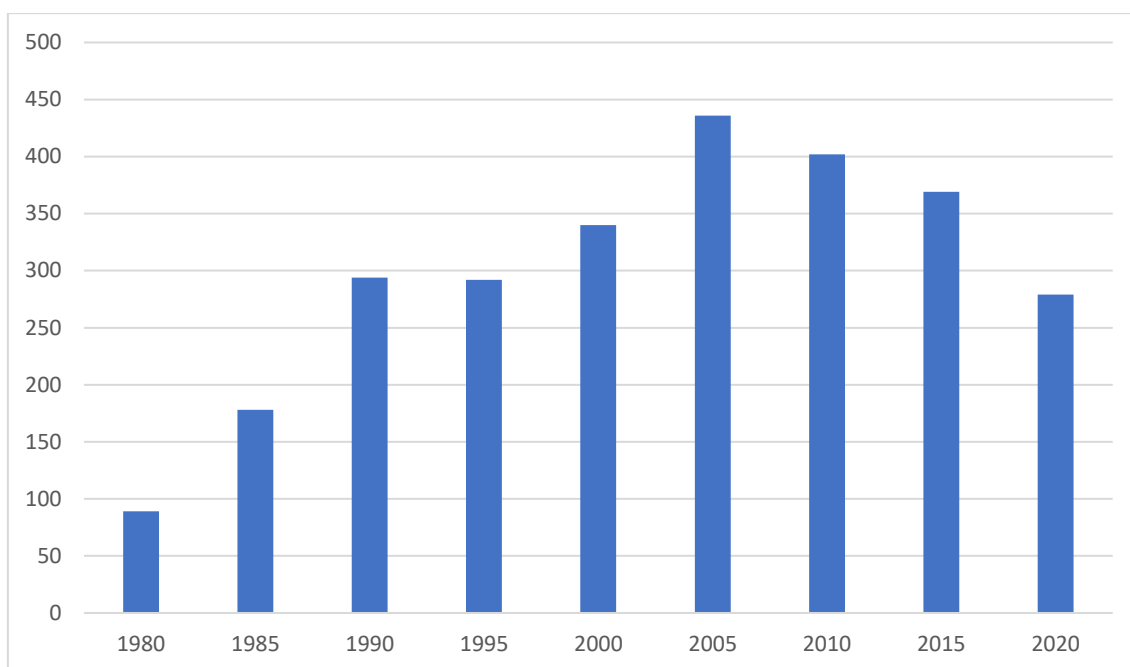
Segundo Caleffi (2008, p. 33):

Em nossa pesquisa também encontramos costureiras que possuem uma ou duas máquinas em domicílio e levam as peças para serem confeccionadas em casa logo após o expediente de 9 horas de trabalho. Essas costureiras dão ocupação à outra pessoa, em geral um parente próximo sobre a qual auferem renda pouco maior, atuando fora do mercado formal, trata-se de uma constatação revelada nas entrevistas. Acreditamos que esse quadro não pode ser negado, pois constitui mais um nível do organograma abaixo: a quarteirização. Além disso, como 8, das 10 facções pesquisadas prestam serviço para mais de uma etiqueta, está implícito mais elos da rede produtiva.

Percebemos assim que, com a reconfiguração dos postos de trabalho provocados pelo avanço do neoliberalismo²⁹, novas percepções sobre o mundo do trabalho insurgem. Um exemplo no setor vestuarista são as aglutinações das violências de gênero e os abusos domésticos que excede seus locais naturais de origem (casa, fábrica) e aderem em espaços novos. Se a mulher não sai de casa para trabalhar, além de estar vulnerável as violações domésticas, seu corpo se interlaça as opressões de classe, um espaço que engloba múltiplas violências. Este perfil de instalação de fábricas doméstica irrompe com naturalização e se intensifica em Criciúma, difundindo-se e aumentando o número de fábricas e indústrias após a década o de 1990. Como podemos observar no quadro a seguir:

Gráfico 3: Números de Indústrias do Setor do Vestuário na Região Carbonífera:

²⁹ Segundo David Harvey (2006), poderíamos analisar a história do neoliberalismo não só como um projeto utópico fornecendo um modelo teórico para a reorganização do capitalismo internacional, mas também como um projeto político visando tanto restabelecer as condições para a acumulação de capital como restaurar o poder de classe.



Dados retirados da RAIS, 2022.

Outro ponto observado após a década de 1980 é que as amplificações do mercado ocorreram por meio das políticas neoliberais e carrega consigo o objetivo da competitividade e a produtividade, alterando os cenários fabris. O investimento em tecnologia e a substituição da força de trabalho por máquinas são aspectos que se intensificaram nessa década. A concepção de indústrias tecnológicas, com sistemas digitais e a crescente onda de terceirização são responsáveis pelas modificações desse setor, e a desqualificação de sua força de trabalho.

Segundo Armando Boito Jr. (1996. p. 1):

O tripé da plataforma política neoliberal, composto pelo aprofundamento da abertura da economia nacional ao capital imperialista, pela privatização de empresas e de serviços públicos e pela desregulamentação das relações de trabalho obteve aceitação junto a grande parte da população.

Durante esse período, as mudanças nas políticas nacionais desencadearam discursos de flexibilidade do mercado de trabalho, difundindo a falácia de composição individualista. “Simplesmente os processos econômicos e políticos tornaram-se mais brutais, exacerbando as desigualdades econômicas, raciais e de gênero e, portanto, devem ser desmitificados, reexaminados e teorizados.” (MOHANTY, 2020, p. 82) A trabalhadora era

ludibriada a se isolar do coletivo, o individual toma conta do discurso, o fazer por si carrega a mensagem de confiança e prosperidade. Troque a fábrica pela sua casa, se desligue da chefia, essa concepção retirava das grandes empresas as obrigações com o trabalhador, a terceirização precarizou os direitos trabalhistas e insistiu em potencializar os trabalhos por conta própria, fazendo do trabalhador um fantoche no sistema neoliberal.

Após a década de 1980, a reconfiguração dos espaços de trabalho se constituiu em espaços técnicos e estratégicos, assinalando a diminuição no quadro de funcionárias, porém acrescentando funções as/os trabalhadoras/os. Se antes tínhamos uma operária por função, com a reorganização do setor, temos uma operária responsável por três funções diferentes. Assim, a/o operária/o continuava recebendo um baixo salário, mas suas atividades nas fábricas ou indústrias aumentavam consideravelmente. A indústria brasileira sofreu um impacto com a abertura do mercado internacional, para se manter competitivo precisou alterar suas relações de trabalho, estabeleceu como meta maior eficiência e rapidez, gerando um acréscimo de rigidez no trabalho que culminou no acúmulo de tarefas, intensificando as precarizações e ocasionando maiores incidências de adoecimentos nas/os trabalhadoras/es.

O setor têxtil cricumense se constituiu a partir de pequenas confecções familiares, norteadas pelos papéis sociais binários, do qual naturaliza a costura como um “dote” natural a mulher. Sendo o trabalho feminino atrás de máquinas de costura entendido como uma função do dia a dia, essa ação positivou a concepção da baixa remuneração ao trabalho exercido por elas. A sociedade se configura a partir de padrões normativos, e dentre esses papéis, para as mulheres o que lhes cabe é a casa, os filhos, a esfera de zelar e cuidar. A rua é dos homens, assim como indústrias e sindicatos. Estudar esse coletivo possibilita conhecer o mundo do trabalho em esferas que são despercebidas, partículas invisibilizadas, partindo das discussões que o gênero possibilita, mas não se limitando a elas.

2.3 IDENTIFICAÇÃO DAS/OS TRABALHADORAS/ES DA INDÚSTRIA VESTUARISTA

Ao pesquisar as experiências proporcionadas pelo mundo do trabalho, faz-se necessário reconhecer as mudanças sociais e políticas que envolvem a vida dos sujeitos. As relações de acumulação e reprodução correspondem aos moldes de composição da sociedade, e permanecem em constante mudança. “Entre 1970 e 1980, a participação das mulheres na força de trabalho do setor industrial no Brasil passou por mudanças, tanto quantitativas quanto qualitativas, [...]” (SOUZA-LOBO, 2021, p. 29) Esse crescimento da participação feminina no setor industrial significou uma ressignificação dos estudos sobre o trabalho e gênero. “Uma aproximação entre ambos tem se revelado fecunda, proporcionando um repensar sobre o trabalho pela perspectiva do gênero e do gênero pela perspectiva do trabalho.” (GONÇALVES et al., 2016, p. 20) A divisão sexual aponta os caminhos designados a cada gênero na sociedade, naturalizando papéis sociais que estavam presentes em documentos do sindicato vestuarista. A frase que afirmava que o mineiro é o pai, marido ou namorado, e que a mulher costureira (MIRANDA, 2013), demonstra a relação familiar da classe trabalhadora criciunense,

Meu pai era agricultor, eu cresci com meu pai indo para a roça. Aqui era tudo as roças que a gente vinha plantar. E eu agora vou ter que fazer a conta para ver com que ano que ele se tornou mineiro também. Ah. Porque ele morreu em setenta e oito na mina. Morreu de acidente de mina. E ele já tinha nove anos de mineiro. [...]. Sessenta e nove eu acho. Sessenta e oito e ele tinha nove anos de mina, foi nessa época aí que houve esse movimento forte de crescimento [...] eu tenho muita curiosidade de saber qual seria o posicionamento do pai, nesse movimento sindical. Porque o pai era muito o capelão da igreja, e eu me lembro que igreja ela na época da ditadura ela foi muito censuradora do movimento político. E eu fico me perguntando, qual lado meu pai estaria, estava, por que ele estava em algum momento. Margarida.³⁰

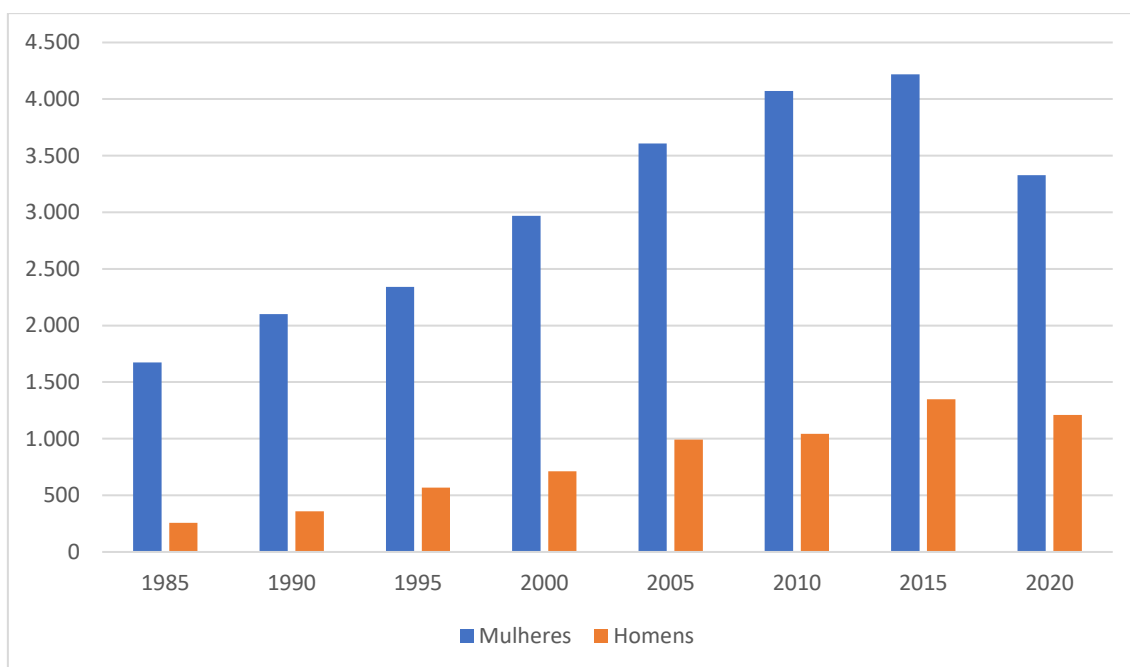
As relações familiares de Criciúma são estruturadas a partir da divisão sexual do trabalho, mas não estáticas a ela. Conforme Patricia Hill Collins (2022), os sistemas de poder passam a ser mais visíveis em momentos de crises, mas aqueles aparentemente “comuns” transcorrem despercebidos por serem taxados como locais certos. Espaços saturados de poder ou circunstâncias em que o sistema de poder atua são os pontos de partida para as discussões

³⁰ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

interseccionais fundamentadas nos processos sociais reais que possibilitam a análise teórica sobre a realidade dos sujeitos. A família como símbolo do sindicalismo criciumense corresponde a espaços hipervisíveis de relações interseccionais de poder, que acomodam os principais sistemas – raça, sexualidade, classe, gênero, nação, etnia, idade, escolaridade - integram as preposições familiares e instituem suas amarras históricas. (COLLINS, 2022) Quando analisado o sistema do poder familiar no qual a imagem da mulher é direciona ao cuidado nas famílias observadas, compreendemos que falar do setor têxtil equivale a falar de precarização e sexismo no mundo do trabalho.

Mesmo com a efetiva contratação das mulheres pela indústria do vestuário, os discursos permaneceram vinculando elas a dependência dos homens. Como a dinâmica familiar desenvolveu seu núcleo por meio da concepção do pátrio poder, sua estrutura aconteceu nas diferenças sexuais, assim, cada sujeito que compõem esse núcleo tem sua importância decretada por meio da sua sexualidade. Essa relação foi fundante e engessou a naturalização da concepção de inferioridade das operárias, que mesmo vivenciando a vida fabril, sua relevância junto ao movimento operário inexistente nos relatos, e esses são descritos em molduras masculinas. “Essa distinção entre os tipos de participação dos sexos caracterizada na separação das esferas reprodutiva – trabalho doméstico - e produtiva - trabalho assalariado -, se constitui na divisão sexual do trabalho [...]” (RABELO,1997, p. 36-37). Podemos constatar o demonstrativo da efetividade feminina no ramo têxtil de Criciúma partindo de 1985 até 2020:

Gráfico 4: Sexo das trabalhadoras e dos trabalhadores no ano de 1985 a 2020 na indústria têxtil em Criciúma.



Dados retirados da RAIS/2022

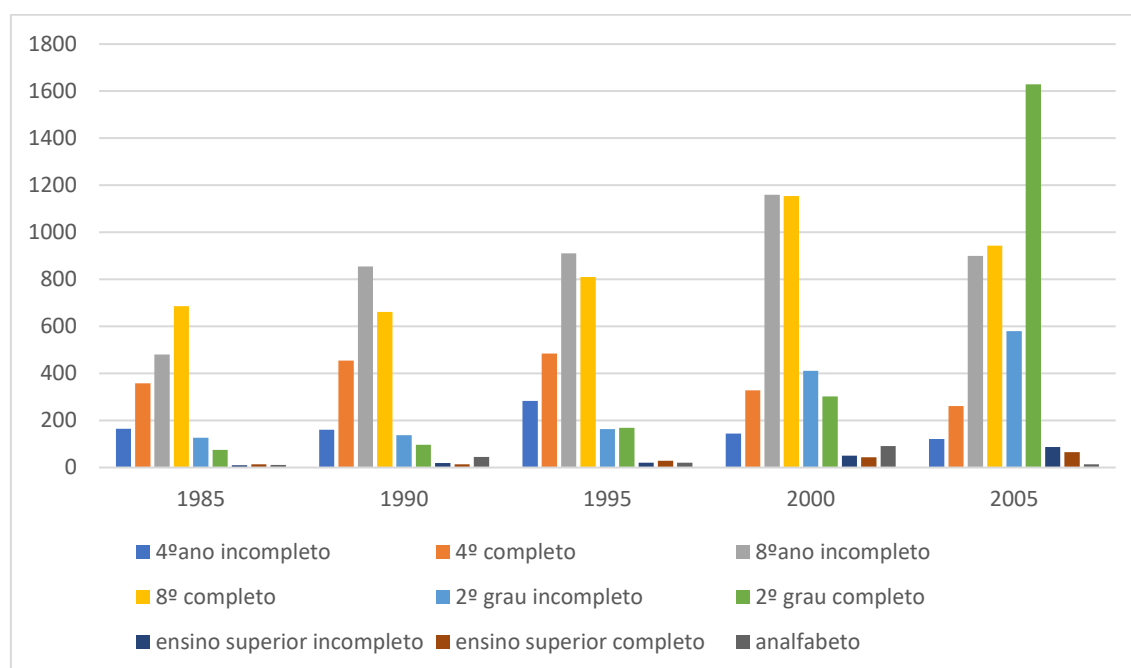
O gráfico revela em números que a Indústria do Vestuário de Criciúma historicamente se consolidou por meio de mãos femininas. “No fim da década de 1980, com a crise do carvão, as costureiras passaram a sustentar suas casas, seu salário era maior do que os dos mineiros.”³¹. Mesmo com a relevância econômica advinda dos seus trabalhos, essas mulheres não são mencionadas na história da cidade. Essa inexistência pode ser compreendida pelas relações de subordinação das quais as mulheres são impostas quando analisadas no mercado de trabalho. E isso ocorre por meio das condições de assimetrias salariais, de desqualificação e ausência de mulheres em cargos de comando, unido as violências sexuais e a convicção de fragilidade de sexo, características concebidas e adotadas na divisão sexual do trabalho, que são interseccionadas na constituição do núcleo familiar e positivadas no meio público.

Pontuamos que não são os estágios da força de trabalho que determinam a subordinação das operárias, mas sim, as próprias relações de trabalho que são sexualizadas e instituidoras da hierarquização de gênero. (SOUZA-LOBO, 2021) O setor têxtil é marcado pelo discurso da carência nas qualificações da sua força de trabalho, assimilada pelo trabalho repetitivo desse setor. A lacuna de qualificação, porém, não é um aspecto particular ao setor do

³¹ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

vestuário, é recorrente das atividades industriais como um todo, e essa falha não pode ser associada apenas ao sistema educacional, mas deve ser entendida como uma parcela do projeto capitalista de formar pela totalidade do trabalho reprodutivo as operárias e operários, impondo obstáculos a uma educação politizada e consciente. (KERGOAT, 1986)³² A concepção alienatória imposta pelo mercado de trabalho nada mais é que uma ação de controle e subsequentemente de tentativas de manutenção de poder. Para que o projeto de controle funcione as ações necessitam ser implantadas na interseção entre trabalho e escola.

Gráfico 5 – Escolaridade de 1985 a 2005 das trabalhadoras e trabalhadores da Indústria Têxtil de Criciúma.



Dados retirados da RAIS/2022

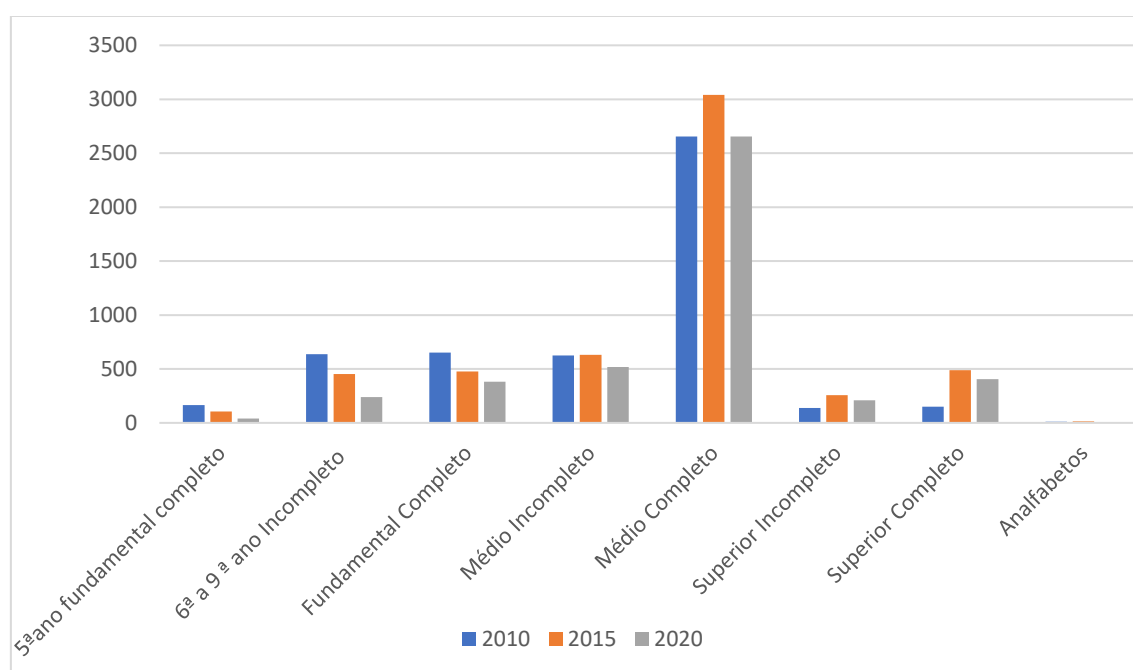
O gráfico apresenta os graus de escolaridade da força de trabalho do setor têxtil de Criciúma, entre os anos de 1985 aos anos de 2005³³, destacamos um ponto importante entre os dados apresentados que fica em torno do número

³² Salientamos que compreendemos o posicionamento de Daniéli Kergoart sobre os estudos interseccionais, nesta pesquisa utilizaremos apenas sua perspectiva os estudos sobre a divisão sexual do trabalho.

³³ O gráfico apresenta o sistema anterior a lei 11.274 do ensino ocorrido após o ano de 2005, reforma que instituiu a reorganização no sistema de nomenclatura e regulamentou que o ensino fundamental ocorreria em nove anos. Disponível https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111274.htm. Acesso 18 out. 2022.

de trabalhadoras/es analfabetos que permanece constante durante os anos analisados. Como pontos positivos temos o salto de crescimento de trabalhadoras/es com o 2º grau completo/Ensino Médio, e um tímido aumento destas/es em cursos superiores. Depois da assinatura da Constituição de 1988, a educação e o ensino são tomados pelo Estado como princípios fundamentais a fins de nortear os direitos e deveres para com os cidadãos. Após o ano de 2005, o ensino escolar está regularizado pela Lei 11. 274, na qual infere a obrigatoriedade de ensino com objetivo da formação básica do estudante.

Gráfico 6 - Grau escolar após 2005 das trabalhadoras e trabalhadores da Indústria Têxtil de Criciúma.



Dados RAIS 2022

Com a obrigatoriedade sobre a idade mínima para entrar e sair da escola, a evasão escolar perde força, mudança aparente no indicador de Ensino Médio Completo no gráfico acima. As alterações ocorridas nas políticas públicas sobre a educação são princípios alcançados pela classe trabalhadora que durante a redemocratização inferiu as necessidades de mudanças aos acessos as universidades, que se projeta na escrita da Constituição de 1988.

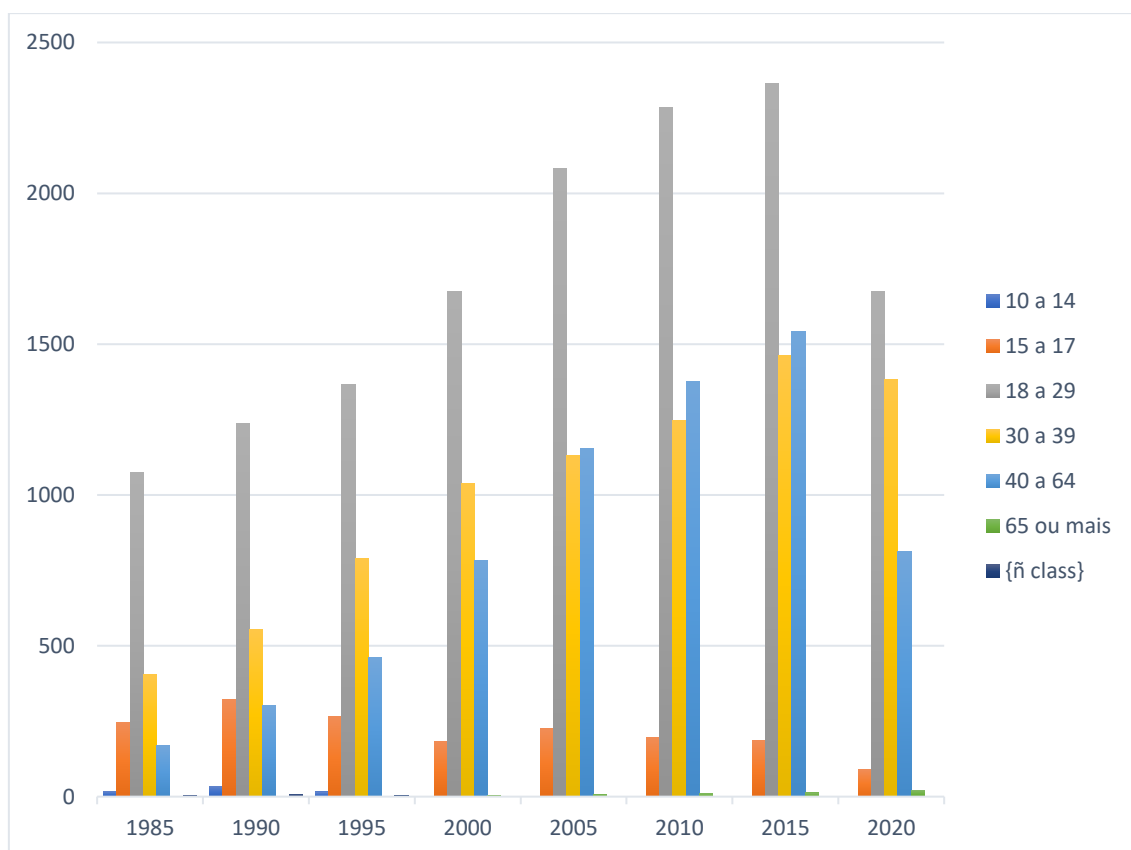
E nós tínhamos daí essa força de mostrar a nossa diferença. A diferença de pensar e de querer mais justiça e a gente conquistou muita coisa. Muita, coisa foi se concretizar mais fortemente na

constituente de oitenta e oito. Pois foi tudo muito junto ali, hoje olhando. [...] muito sindicalista se tornou deputado federal para participar da constituinte, e isso está ligado, então teve muita conquista lá que era a luta da CUT e que depois virou lei lá.³⁴

As pautas de discussão do Sindicato se estendia para além do campo da classe. As conquistas sociais ocorridas no fim da década de 1980 foram ocasionadas pelos encontros dos coletivos sociais e sindicais. Podemos afirmar que o Sindicato Vestuarista teve importância significativa nas pautas de creches, escolas, conduções e deslocamentos seguros, aumento efetivo de sujeitos em cursos superiores e se apresenta em números, no gráfico. Após o ano de 2005, observamos acréscimos nos indicadores ligados ao Ensino Superior, a entrada das trabalhadoras nas universidades são rupturas de um sistema que as debilitava e classificava pelo estigma da desqualificação mental para o trabalho. Patricia Hill Collins (2022) aponta, “Tomemos, por exemplo, a maneira como a compreensão de inteligência reflete o senso comum que mulheres são infantis e menos inteligentes que os homens, as pessoas negras são menos inteligentes que as pessoas brancas, [...]”. Concordando com essa percepção, concluímos que gênero, raça e idade são considerados meios de regulamentação de significados, quando associados, tendem a exercer ou sofrer com os sistemas de poder.

Gráfico 7 - Faixa etária das trabalhadoras e dos trabalhadores da Indústria Têxtil de Criciúma.

³⁴ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.



Dados retirados da RAIS (2022)

Os aspectos apresentados no gráfico correspondem a variações importantes sobre a racionalidade e maturidade das operárias que constituem o setor têxtil de Criciúma, se separados, são apenas espaços saturados de poder, despercebidos muitas vezes, mas se analisados por meio dos atravessamentos são compreendidos como conjunturas interseccionais impostas pelo projeto do capital. Dados importantes são apresentados nesse gráfico, entre eles os números do trabalho infantil que mantem uma constância entre os anos de 1985 a 1995 e a inexistência de trabalho de pessoas com 65 anos ou mais durante os anos de 1985 a 2010, configurando a força de trabalho vestuarista a predisposição no momento da contratação pela preferência por pessoas mais jovens, logo, uma base salarial mais baixa correspondente a pouca ou a ausência total de experiência.

Mas, eu iniciei minha vida profissional como vestuarista. Eu lembro que eu optei em não estudar mais então com quatorze, quinze anos eu fui trabalhar, porque a minha irmã mais velha já tinha ido trabalhar numa fábrica, e apareceu uma vaga naquela mesma fábrica ou do

*sócio, sei lá, e aí ela me convidou e eu fui. Então eu tinha quinze anos. Talvez incompletos ainda.*³⁵

Quando na entrevista ela menciona que optou por não estudar mais e que escolheu iniciar sua jornada de trabalho, essa escolha era possível por corresponder ao período anterior a assinatura da Constituição de 1988, que como a escrita da nova constituinte alterava a idade mínima para o trabalho aos dezesseis anos e tornava obrigatório a presença do jovem na escola até os dezoito anos completos, contudo, no período anterior conhecido como o Regime Civil-Militar a idade mínima para o trabalho era doze anos, proposta que tinha sido assinada em 1967 momento em que foi promulgada uma nova constituição, e essa instituiu mudanças significativas no campo do trabalho, tornando natural a concepção de trabalho e dignificação social.

Segundo Irany Ferrari *et al.* (1998, p. 59-60):

[...] o direito à greve, proibindo-a nas atividades essenciais e nos serviços públicos. Enfatizou-se a integração do trabalhador na vida e no desenvolvimento da empresa, com participação nos lucros e, excepcionalmente, na gestão da empresa. Dessa inovação surgiu o PIS, depois o PASEP, e, posteriormente, a união dos dois, um gerido pela Caixa Econômica Federal e, o segundo, pelo Banco do Brasil. A idade mínima para o trabalho passou a ser de 12 anos, contrariando, inclusive, recomendações internacionais. A principal alteração, quanto ao trabalho, foi sem dúvida, a introdução do FGTS.

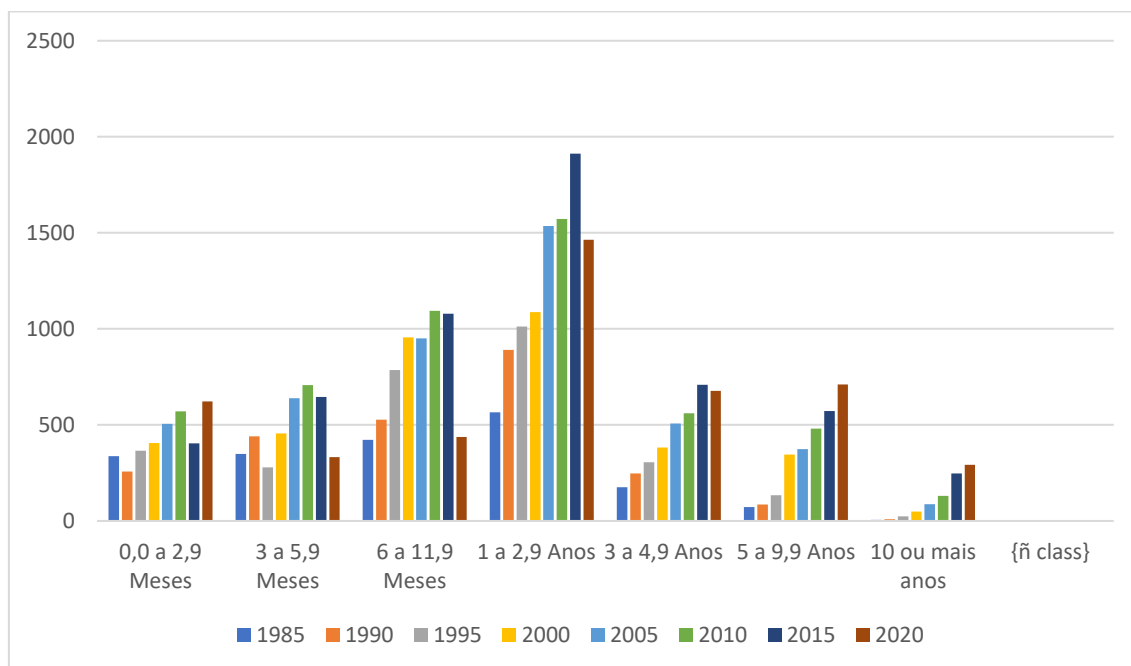
Após a redemocratização do país que se consolidou com a assinatura da Constituição de 1988, a nova constituição propiciou avanços nas áreas dos direitos sociais e conseqüentemente, favoreceu a amplitude dos direitos trabalhistas. Percebemos avanços quando observamos no gráfico a anulação quase por completo do trabalho infantil entre os anos de 2000 a 2020. E unindo com os dados do gráfico da escolaridade, percebemos a permanência da frequência escolar unida aos projetos de erradicação do trabalho infantil.

Outro aspecto apresentado no gráfico da Idade Média das/os Trabalhadoras/es corresponde ao indicativo da faixa etária com maior incidência na força de trabalho vestuarista. Os números demonstrados no marcador se encontram entre os 18 anos até 29 anos, isso implica na prorrogativa de uma

³⁵ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

classe jovem, que obtém a primeira experiência de emprego nas fábricas associada a menores salários, e que corresponde também a regularidade em aspectos como as demissões, como explicitado no gráfico abaixo.

Gráfico 8 - Tempo de permanência no trabalho das trabalhadoras e dos trabalhadores na Indústria Têxtil de Criciúma.



Dados retirados da RAIS (2022)

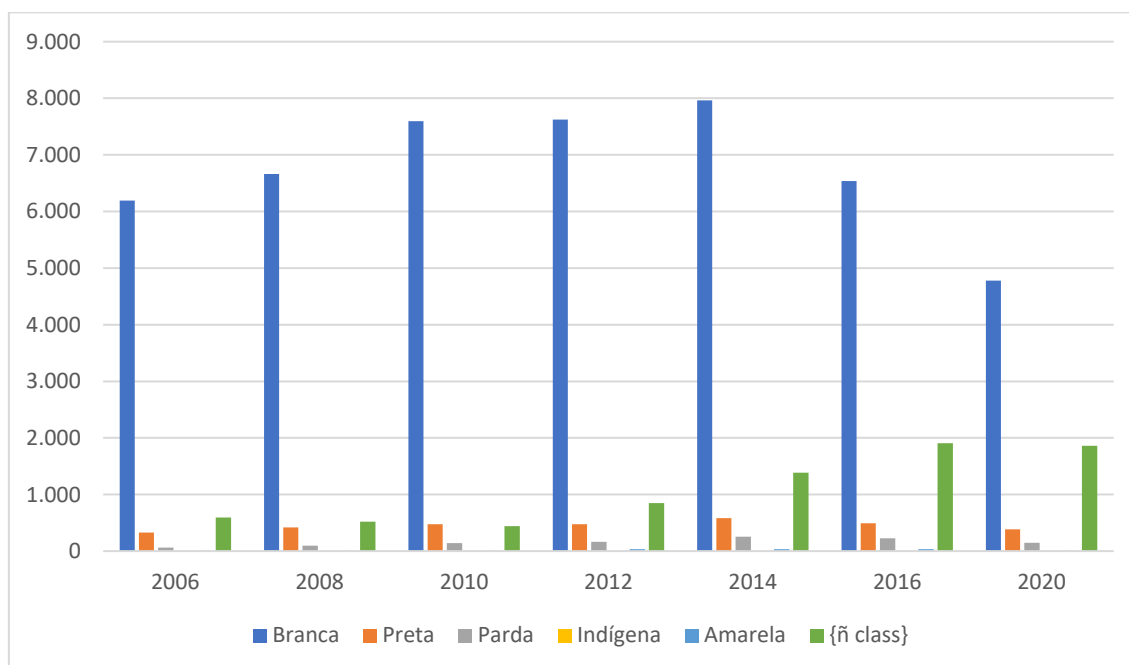
O período de duração em média de uma/um operária/o do setor têxtil no município de Criciúma fica em torno de 1 a 2,9 anos. Isso significa dizer que, o setor que mais emprega também é o mais instável quando o assunto é tempo de permanência.

Eu fiquei trabalhando seis ou nove meses. Eu não me lembro. Acho que seis. Eu sei que esse tempo eu não fui registrada na carteira de trabalho, e aí soube por colegas do ônibus que tinha uma vaga numa outra empresa e que ele estava precisando muito. Eu saí da empresa já que eu nem estava registrada nela, e aí a outra me contratou, me fichou direitinho. Comecei ali, trabalhei lá como ajudante até que eu que comecei na máquina. Que era uma máquina até bem difícil de

*operar. Então lá eu fiquei três anos, foi dos quinze até os dezoito completos não tinha feito dezenove anos.*³⁶

Os motivos são variados para a instabilidade de manutenção de força de trabalho deste setor, podemos citar: salários inferiores em comparação a outros setores industriais, a baixa ocorrência de crescimento e de promoções, a negativa do registro trabalhista, dentre outros. A fragilidade de tempo de permanência passa a ser demonstrativo das interações de poder interseccionado a aspectos econômicos, isso faz com que o sujeito não busque estabilidade econômica apenas, mas qualidade no local de trabalho, diminuindo a tolerância das violências e aumentando as entradas e saídas das fábricas. Isso só é possível pelo número crescente de fábricas e indústrias e de vagas a serem ocupadas neste setor. Outro aspecto relevante proporcionado pelo banco de dados é o marcador racial, que só passou a fazer parte da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) a partir do ano de 2006. Com essas informações as discussões sobre a força de trabalho adquirem especificidades para além da classe.

Gráfico 9 – Raça das trabalhadoras/es da Indústria Têxtil de Criciúma.



Dados retirados da RAIS (2022).

³⁶ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

A importância em discutir a questão racial no contexto do trabalho objetiva denunciar como o imaginário branco³⁷ corresponde à constituição da classe, isso significa reconhecer que toda narrativa sobre o trabalho formal incorpora a ótica sobre o corpo “natural ao trabalho”, e exclui das escritas os considerados “outros”³⁸.

Segundo Maria Lugones (2014, p. 935):

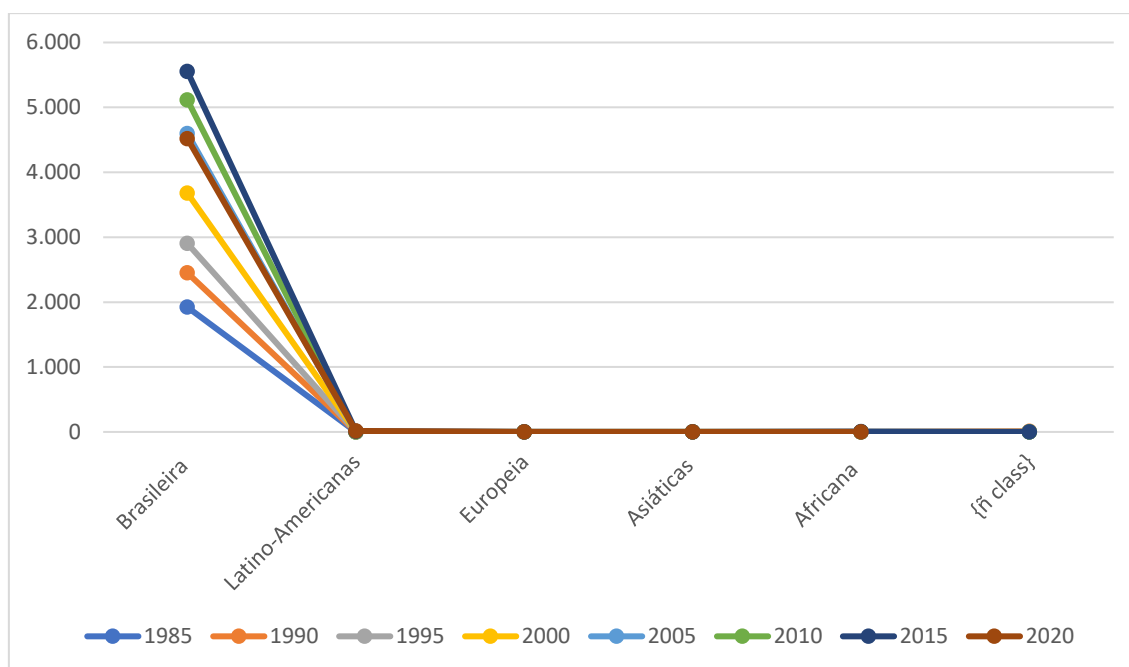
A modernidade organiza o mundo ontologicamente em termos de categorias homogêneas, atômicas, separáveis. A crítica contemporânea ao universalismo feminista feita por mulheres de cor e do terceiro mundo centra-se na reivindicação de que a intersecção entre raça, classe, sexualidade e gênero vai além das categorias da modernidade. Se mulher e negro são termos para categorias homogêneas, atomizadas e separáveis, então sua intersecção mostramos a ausência das mulheres negras e não sua presença. Assim, ver mulheres não brancas é ir além da lógica “categorial”. Proponho o sistema moderno colonial de gênero como uma lente através da qual aprofundar a teorização da lógica opressiva da modernidade colonial, seu uso de dicotomias hierárquicas e de lógica categorial. Quero enfatizar que a lógica categorial dicotômica e hierárquica é central para o pensamento capitalista e colonial moderno sobre raça, gênero e sexualidade.

Ao incorporar no banco de dados da RAIS a variável de Raça/Cor, o Ministério do Trabalho ratifica a relevância de compor o Programa de Disseminação das Estatísticas de Trabalho (PDET) com a totalidade do sujeito. No ano de 2020, cerca de 33,3% das trabalhadoras do setor têxtil de Criciúma eram não-brancas, o setor com maior número de mulheres se constitui também por corpos racializados e com diferentes nacionalidades.

Gráfico 10 - Nacionalidade das trabalhadoras e trabalhadores da Indústria Têxtil de Criciúma.

³⁷ A Branquitude consiste no debate do conceito e consciência identitária da identidade branca.

³⁸ O “*Outro*” segundo Grada Kilomba é o lugar objetificado no qual os sujeitos racializados que tem sua realidade definidas por aqueles que dominam a sociedade.



Dados retirados da RAIS (2022).

Apesar de o Brasil vivenciar ondas de migrações contemporâneas e a região carbonífera receber grandes números migrantes, o setor têxtil exibe um número pequeno de estrangeiros empregados comparados a outros setores. Mesmo exprimindo um número consideravelmente pequeno, o setor emprega além de brasileiros, nacionalidades africanas, asiáticas, europeias e latino-americanas, isso corresponde à dinâmica de atravessamos interseccionais que iremos discutir nos próximos capítulos.

A estruturação da força de trabalho do setor têxtil de Criciúma desperta interesse, não por ser exclusivamente divergente das demais, mas por proporcionar discussões interseccionais ainda pouco presentes na literatura sobre o mundo do trabalho. Sua composição com especificidades de gênero propicia a interação com diálogos outros, que correspondem ao racismo estrutural e institucional, branquitude, acesso da pessoa com deficiência (PcD) ao mercado de trabalho, sexualidade, idade, escolaridade, relações políticas, dentre outros marcadores. Sendo assim, ao pesquisar as experiências das/os trabalhadoras/os do setor vestuarista de Criciúma auxilia na composição e reestruturação dos olhares sobre a história acerca dos mundos do trabalho.

Os dados retirados da RAIS correspondentes a força de trabalho do setor têxtil de Criciúma e expõem de maneira significativa o modo pelo qual a interseccionalidade interage nas relações de classe. A princípio, o gênero das/os

trabalhadoras/es que inserem a essa categoria conotações dessemelhantes as demais, impondo necessidades e opressões particulares a esfera das mulheres e as relações sexistas da sociedade. Nos dez anos avaliados (1978/88) do Sindicato Vestuarista de Criciúma e região, os atravessamentos políticos interferiam nas interações trabalhistas, sociais e econômicas. Os gráficos solidificam por meio de números as esferas de dominação e de conquistas obtidas pela força de trabalho vestuarista, assim como as famílias se constituíram por meio de núcleos de poder, o mundo do trabalho se estabelece entrelaçado pelas experiências da sociedade e reproduz as concepções e pensamentos vigentes nesses outros espaços. Ao analisar os dados da RAIS, conhecemos de maneira considerável os alicerces que estruturaram o setor e conseqüentemente estabeleceram as interações sindicalistas no ramo vestuarista.

3. COSTURANDO NOVOS PERSONAGENS AO MUNDO DO TRABALHO; TRABALHADORAS E TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO DE CRICIÚMA

A construção e estruturação da sociedade estão diretamente ligadas a uma história masculina, que descreve as mulheres como agentes coadjuvantes, isso quando as escreve. Sendo usada a neutralidade dos conceitos para explicitar os estudos do mundo do trabalho, estes que não passam de

ferramentas masculinizadas para nutrir narrativas excludentes, por conta disso, a discussão sobre a interseccionalidade no mundo do trabalho se torna pertinente, já que acreditamos que as narrativas são fluidas. A história do mundo do trabalho é atravessada pelas experiências dos trabalhadores e das tensões entre o capital, sendo enriquecida de vivências. Pensar no ramo vestuarista de Criciúma partindo de um aspecto único, debatendo apenas seus problemas de classe, sem discutir os atravessamentos do gênero, raça, sexualidade, escolaridade dentre outros, configura uma análise incompleta da experiência deste coletivo.

3.1 COSTURAS E FISSURAS SOBRE A FORÇA DE TRABALHO DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO

Em Santa Catarina, no ano de 2020 o setor têxtil empregou 161.281 trabalhadores, o gênero predominante é o feminino (60,8%), a remuneração média neste setor fica em torno de R\$1.984, valor inferior se comparado aos demais setores da indústria. Cerca de 60,9% das trabalhadoras possuem escolaridade básica completa, índice abaixo do observado para a indústria catarinense (62,6%)³⁹. Faz-se necessário insurgir as redes que trançam histórias além dos números, esse setor é o que mais gera empregos, mas precisamos refletir quem são esses sujeitos que compõem a indústria do vestuário. As existências das/os trabalhadoras/es se encontram para além das fábricas ou indústrias, compreendendo que esses corpos são dotados de historicidades, e só acessamos a elas adentrando suas sinuosas vivências. Segundo Chandra T. Mohanty (2020, p. 84), “Acredito que essa âncora experiencial e analítica na vida das comunidades marginalizadas de mulheres fornece o paradigma mais inclusivo para se pensar em justiça social.”.

Quando analisamos a história do setor do vestuário percebemos que dentro das especificidades desta categoria, o saber-fazer⁴⁰ das costureiras

³⁹ Dados retirados do observatório da FIESC. Disponível [Têxtil, Confecção, Couro e Calçados. | Observatório FIESC](#). Acesso 22 nov. 2022.

⁴⁰ O saber-fazer explicitado neste texto compreende uma série de conhecimentos, aptidões e técnicas adquiridos por alguém ou por um grupo, geralmente através da experiência e transferidos da forma oral.

inicialmente era aprendido em casa. Sendo o trabalho da costura uma das experiências mais comuns de troca de saber dos lares da região carbonífera. Logo após a industrialização deste setor, o aprendizado começou a ocorrer dentro da própria fábrica, a intimidade do lar e a transmissão do saber passa a ser minimizado, e o capital coloca um valor a essa atividade incumbindo ao estigma da baixa intelectualidade e desvalorizando a tarefa realizada pelas operárias.

E aí eu trabalhei numa empresa do seu Neme era uma malharia e eu trabalhei aprendi a ser remalhadeira que é essa de botar golinha, botar acabamento nas blusas de lã. Era bem difícil, eu achava aquilo muito difícil, e aí tinha algumas profissionais que me ajudaram, que depois viraram minhas amigas e aí eu aprendi.⁴¹

As trocas de saberes nas fábricas ou indústrias continuaram ocorrendo, mas a mecanização do trabalho fez desaparecer o reconhecimento do saber total destas operárias, fragmentou o processo de fabricação e minimizou a importância desta força de trabalho. “E as próprias operárias interiorizaram essa banalização de sua própria qualificação e, algumas vezes mesmo, a desvalorização de seu trabalho.” (KERGOAT, 1986, p. 84) A industrialização fomentou a desconfiguração da importância deste saber. E após os anos de 1990, com a implantação das políticas neoliberais e a crescente onda da terceirização⁴² das empresas, as relações do mundo do trabalho sofreu modificações que deformaram as estruturas trabalhistas.

Goulart Filho e Neto (1997, p. 73) definem as finalidades da terceirização:

De economia – quando o objetivo maior é a redução de custos. De especialização – quando se busca serviços especializados: tinturarias, bordados e estamparias. São atividades complementares, pois a empresa subcontratada possui vantagens da tecnologia. De capacidade – quando se busca proteção de flutuações nos negócios, também está associada à sazonalidade. Quando se mantém a decisão de não ampliar a capacidade da empresa.

⁴¹ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

⁴² A terceirização da produção é uma tendência mundial, enquanto a empresa concentra-se em atividades de design e marketing. A empresa deixa de produzir e passa a vender e gerenciar uma marca, pois não é rentável ter uma fábrica. (CALEFFI, 2008, p. 25).

O mundo do trabalho sofreu inúmeras transformações e os modos de produção inferiram novas concepções nas relações de contratação. Por um lado, essas mudanças levaram a desqualificação do operário industrial oriundo do sistema fordista, por outro lado, aumentaram a oscilação da força de trabalho, que hoje se divide entre os temporários (que não possuem nenhuma garantia de estabilidade de emprego), os subcontratados ou terceirizados, e por fim, os trabalhadores da economia informal (ANTUNES, 2006). A interferência humana tornou-se obsoleta nos novos modelos produtivos, essa nova cadeia de produção caracteriza-se por uma nova gestão de trabalho, tendo como intuito reduzir salários e despesas compreendidas como desnecessárias, aumento de produtividade e os encargos trabalhistas. Sendo uma ferramenta no desmonte dos sindicatos, por se concentrar em contratos de curta duração (GUIRALDELLI, 2016). A facção se torna o expoente do novo modelo produtivo na indústria do vestuário⁴³.

Dentre as segmentações afetadas pela terceirização, a concepção de facção corresponde de maneira mais eficiente a precarização no mundo do trabalho do setor do vestuário, induzindo a perspectiva de autonomia do trabalhador e empobrecendo o processo de produção. “Nessa forma de organização do trabalho, o próprio trabalhador converte-se em fonte de auto exploração, porque, agora a compra e venda de força de trabalho esconde-se na compra e venda de mercadorias fabricadas.” (CALEFFI, 2008, p. 31) A terceirização fez com que o faccionista necessite estar em constante mobilização para manter os contratos com as marcas contratantes, causando uma banalização de seu trabalho, e desvalorizando o valor das peças produzidas.

A instabilidade da permanência da força de trabalho nesse ramo pode ser compreendida por conta destes aspectos: trabalho parcelado, repetitivo, cansativo e de baixa remuneração. Sendo nas alternâncias dos modelos produtivos as buscas por respostas sobre as causas do aumento do adoecimento da força de trabalho.

⁴³ Os faccionistas recebem os insumos e os lotes de peças cortados e etiquetados, prontos para a montagem. Na facção os lotes de peças são transformados em roupas semiacabadas ou acabadas, retornando à empresa para passadoria e etiquetagem. A exceção ocorre quando são montadas peças em denim que exigem o trabalho das lavanderias industriais. A montagem das peças é um processo intensivo em força de trabalho, exige muito manuseio do tecido. (CALEFFI, 2008, p. 31).

Essa coisa da terceirização eu já estava na CUT quando começou a ocorrer. Então não posso falar com propriedade, eu posso falar do conhecimento geral no caso de Santa Catarina. [...] uma grande crise na região têxtil em Blumenau era palpável. Tu andava na cidade, a Hering, a grande empresa da Hering praticamente fechou, desempregou muita gente em Blumenau. E foi para Nordeste, para pagar salário-mínimo, aquela coisa toda. Aí tu via, passava nas rodovias ali em Blumenau que não era costume, mas a gente passava muito por causa do trabalho. Muitas mulheres na rodovia por conta do desemprego, uma coisa assim que era lamentável, chocava viver aquilo. [...], foi logo em seguida que a Hering fechou, e partir daí virou, e hoje praticamente a maioria das empresas só tem o escritório e faz o corte e o resto é tudo fora, muito violento.⁴⁴

Com a terceirização, os casos de adoecimento das trabalhadoras tornam-se costumeiras, isso ocorre por conta da produção fragmentada e aos trabalhos repetitivos, compactuados por longas jornadas. Segundo Patrícia Mariano e Giovana Ilka Jacinto Salvaro (2021), as literaturas propõem que o adoecimento e seu sentido, enquanto processo, estão intimamente ligados ao trânsito entre os espaços de trabalho produtivo e reprodutivo, público e privado, fabril e doméstico e de cuidado. Assim, podemos compreender o adoecimento mental e físico das operárias do ramo do vestuário está diretamente ligado à sua experiência no pertencimento ao mundo do trabalho em composição ao seu cotidiano, que por muitas vezes não desvincula um do outro, o seu trabalho ocorre dentro da sua própria casa.

Dessa forma, ao assistirmos o adentrar feminino ao mercado de trabalho de maneira formal, abrimos as lacunas de vivências para além do trabalho do lar e ao longo de seu percurso retirou as mulheres de casa levando-as para as fábricas, mas que após os adentros da terceirização instalou seu local de trabalho dentro de sua casa, isolando-as de sua classe. A constituição da força de trabalho do ramo vestuarista é importante por compor a história de Criciúma e sua região, com marcadores de gênero, alicerçando análises

⁴⁴ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

interseccionais sobre a classe trabalhadora que além de constituir uma força produtiva, se torna ativa nas atividades sindicais da região. Esse setor que surge de maneira simplificada em fábricas familiares, em um crescente movimento conquista espaço e importância na economia regional, e que após a década de 1990, com a aplicação das políticas neoliberais modifica suas atuações e seus modelos produtivos, buscando se manter competitivo perante o mercado internacional. Por fim, esse setor foi e é formado por trabalhadoras mulheres, essas são tomadas por opressões de gênero, raça e classe que estruturam a sociedade e são intensificadas no mundo do trabalho local que ainda persiste em se conceituar em perspectivas assexuadas.

3.1.1 Corpos femininos em frente as máquinas: bordados forçados e reforçados

O mercado de trabalho se constitui pela unidade, a vida em sociedade se faz na prática, assim, não podemos desassociar uma da outra. Segundo E. P. Thompson (2012, p. 235), “A “economia” só pode ser entendida no contexto de uma sociedade urdida assim”. A vida “pública” emerge de dentro das densas determinações da vida “doméstica”. Ao escrever sobre as experiências das/os operárias/os que compõem o Sindicato Vestuarista de Criciúma, precisamos adentrar a suas realidades dentro e fora das fábricas ou indústrias.

Sendo assim, as personagens ao qual pertence essa história se inscrevem receosamente na sociedade, talvez muito mais estrategicamente minuciosas, do que de fato fragilizadas. Elas são as donas da vida “doméstica”, não por escolha, mas por fardo calcado na naturalidade feminina. A mulher, como personagem é descrita e interpretada de diferentes maneiras, mas na maioria das versões, são inscritas por homens e para satisfazer a necessidades deles (ROCHA, p. 27). Uma das primeiras histórias sobre as mulheres e suas realidades se principiou por meio da escritora Mary Wollstonecraft, em 1792, a partir do seu texto “Reivindicações dos direitos da Mulher”. O livro denuncia o quanto é prejudicial o enclausuramento feminino, a exclusão provocada pela vida doméstica e falta de direitos básicos. Um ponto crucial na provocativa de Wollstonecraft é a educação, a autora compreendia que a falta desta

determinava a mulher a dependência de um homem⁴⁵, isso a tornava um objeto obsoleto de decoração no mundo masculino.

A mulher que Mary Wollstonecraft descrevia, em via de sua condição, era a mulher branca de classe média e que dentro dos privilégios acessados por essa, a liberdade intelectual e financeira correspondiam a princípios fundamentais. Logo, assinalamos os perigos da universalização da mulher, e esse alerta foi acionado no discurso “Não sou uma mulher” de Sojourner Truth em 1851, em uma convenção de mulheres em Akron, Ohio. (DAVIS, 2016) Sendo Sojourner Truth uma mulher negra que vivenciou a condição de ter seu corpo escravizado por anos, ao assistir e ouvir os discursos sobre os direitos femininos questionou quais os parâmetros para se constituir “mulher”, argumentou que a descrição apresentada não pertencia a sua realidade. Logo, quando falamos de mulheres nas américas, e em especial no Brasil, frisamos que mulheres racializadas sempre trabalharam, e estiveram e o ainda estão amontoadas nas ruas, cor

rendo e lutando por sua sobrevivência. Segundo Patricia Hill Collins (2022), o que diferencia as mulheres não-brancas das mulheres brancas, se condiciona no fato que por mais opressões que as mulheres brancas sofressem, ainda detinham o direito de escravizar outras mulheres.

Segundo Chandra Talpade Mohanty (2003, p. 20):

A homogeneidade de mulheres como grupo é produzida não com base em essências biológicas, mas em universais sociológicos e antropológicos secundários. Assim, por exemplo, em qualquer trabalho de análise feminista, mulheres são caracterizadas como um grupo distinto com base em uma opressão compartilhada. O que une as mulheres é a noção sociológica da “mesmice” de sua opressão. É nesse ponto que ocorre uma elisão entre “mulheres” como grupo construído discursivamente e “mulheres” como sujeitos materiais de sua própria história. Assim, a homogeneidade consensual, do ponto de vista do discurso, que leva a crer que “mulheres” sejam um grupo, é equivocadamente tomada como a realidade material historicamente específica de grupos de mulheres. Isso resulta na assunção de que mulheres são um grupo desde sempre constituído, um grupo rotulado de “impotente”, “explorado”, “sexualmente assediado”, e assim por

⁴⁵ WOLLSTONECRAFT, Mary. Observações sobre o estado de degradação a que, por causas diversas, se encontra reduzida a mulher. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. Reinvidicação dos direitos das mulher. Edição comentada de 1792. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4545865/mod_resource/content/1/Reivindica%C3%A7%C3%A3o%20dos%20direitos%20da%20mulher%20-%20Mary%20Wollstonecraft.pdf Acessado em: 20 abr. 2022.

diante, por parte de discursos feministas científicos, econômicos, legais e sociológicos.

Sendo assim, ao estudar e escrever sobre a história das mulheres do Sindicato Vestuarista, inicialmente pontuamos suas diferenças constituídas por experiências diversas, mas associamos sua experiência a um aspecto que as unifica, o sindicalismo. Entendemos que as vivências divergentes se locam em campos comuns para que o coletivo possa existir, assim, o modo como se entende a classe recebe contornos reais ao experimentar a vivência do Sindicato nas entrelinhas históricas. Essas mulheres compõem uma parcela das histórias das mulheres de Criciúma, sendo necessário conhecer as narrativas já escritas sobre as outras mulheres que constituem essa cidade.

Como já citado, inicialmente Criciúma foi uma colônia de imigrantes que desenvolvia uma economia de subsistência ligada ao campo, nesse aspecto o trabalho consistia em produção para uso, e as relações estabelecidas consistiam nas capacidades dos sujeitos nas tarefas desenvolvidas. Segundo Silvia Federice (2004), com a alternância de modelos econômicos, a produção que anteriormente era para o uso de casa, passa a ser direcionada para o mercado, e a questão monetária transfigura o valor do trabalho e retira do âmbito doméstico a importância na acumulação de capital. Com a descoberta do carvão mineral na região carbonífera, a maneira na qual Criciúma se organizava se transmuta, e o capitalismo influencia as dinâmicas da cidade. As mulheres são incorporadas as histórias locais como personagens secundários na construção da cidade e da civilidade moderna. As famílias cricumenses descritas por Terezinha Gascho Volpato (2001) estabeleciam suas relações baseadas na divisão sexual do trabalho, essa estrutura era resguardada tanto pelos homens quanto pelas mulheres⁴⁶. A divisão se baseava no trabalho remunerado nas minas praticado pelos homens, e o trabalho doméstico pelas mulheres.

Além dos lares familiares, outra narrativa sobre as mulheres de Criciúma foi discutida por Adriana Fraga Vieira (2010) no trabalho “Retirar as ervas daninhas para não comprometer o jardim”: o discurso dos populares sobre a

⁴⁶ Indicamos a leitura: ALVES, Ismael Gonçalves. Divisão sexual dos espaços: práticas e sociabilidades femininas e masculinas nas vilas operárias do sul de Santa Catarina (Brasil 1930-1960). Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Débats, mis en ligne le 27 octobre 2010. Acesso em: 15 jan. 2021. Disponível em [Divisão sexual dos espaços: práticas e sociabilidades femininas e masculinas nas vilas operárias do sul de Santa Catarina \(Brasil 1930-1960\) \(openedition.org\)](https://www.openedition.org/revue/13000)

prática da prostituição em Criciúma - SC (1970- 1980)” no qual, existia a possibilidade de que algumas mulheres acessavam a sociedade por meio de um outro papel. Essa situação da qual era imposta a elas ocasionava um poder monetário destoante da normativa moral da sociedade, essas mulheres vivenciavam a situação da prostituição. Condição essa descrita sobre as mulheres se enquadra em personagens bem distintos, mas bem definidos pela sociedade quando busca destinar os lugares de cada sujeito. Assinalando a existência de mulheres da rua e mulheres de casa.

Outra abordagem sobre a história das mulheres criciumenses aparece em “Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)”, trabalho que aborda a indústria do carvão e historiciza as mulheres trabalhadoras desse local. O trabalho que era realizado no subsolo se caracterizava no discurso tradicional masculino, sendo visto como atividade exclusiva para os homens. No entanto, muitas mulheres vivenciaram essa realidade, desfazendo a concepção da fragilidade natural vinculada aos seus corpos e mentes (CAROLA, 1997). O trabalho de Carlos Renato Carola auxilia na ampliação sobre a relevância das mulheres nos papéis socioeconômicos da cidade.

Historicamente, não é novidade a participação das mulheres nas atividades capitalistas, a baixa remuneração, as cargas horárias prolongadas e os assédios são características do mundo do trabalho quando o assunto é história das mulheres. Com a abertura econômica da década de 1960/70, Criciúma assiste o que iria ser a diversificação dos seus setores industriais, dentre esses, o setor vestuarista, que incita ampliação dos trabalhos femininos. Assim, uma nova concepção sobre as mulheres insurge nas entrelinhas históricas pertencentes a essa cidade. Percebemos que por mais que se desenvolveram tarefas industriais, a história das mulheres ligadas ao setor vestuarista insiste em manter o estigma da tarefa manual da costura, interligada ao contexto da moda, ambos designados ao mundo feminino como aspecto natural.

A feminilidade insurge em poemas de Homero⁴⁷ sobre a tecelã com uma admirável lealdade ao seu companheiro, esse imaginário conota imagens irreais sobre os sujeitos, e estruturam as relações binárias, na qual a mulher é vista como o outro em comparação ao homem. Isso significa dizer, a imagem construída sobre a mulher é oposta à do homem. Se ele é forte, ela será frágil, se o homem sai para trabalhar, logo ela fica em casa e cuida dos filhos. Os papéis são naturalizados, mas a mulher cabe no local indicado ao oposto do homem.

Segundo María Lugones (2022, p. 937):

O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês.

O setor têxtil desponta na década de 1970 como o local de pertencimento das trabalhadoras, por mais que as indústrias e fábricas correspondiam a relações de opressão, nestes espaços as mulheres estabeleciam laços de poder, tomando as ruas, criando o Sindicato, se posicionando politicamente em nome de seus ideais. O sindicalismo se alimenta dessa união, e esse insurge como um local seguro pelo qual não apenas relações da classe fossem vividas, mas que as existências dessas mulheres pudessem ser respeitadas.

[...] teve uma mulher [...]. Era a Rosa, eu fui voltar para a escola, isso eu já estava com 27 anos de idade. [...]. E a Rosa, quando nós estávamos na sala de aula eu percebia que ela era homossexual. [...] E aí um belo dia ela liga para o sindicato para nós ir lá que tinha dado uma confusão na porta da fábrica, e chego lá, ela estava tendo relação com a menina que era funcionária, colega de trabalho, e a família ficou sabendo. E o rapaz, o irmão da moça pegou as dores da família, o preconceito, foi lá e meteu o braço nela. Estava sagrando, aí não era uma relação mais com o empresariado, era de família, o irmão da moça

⁴⁷ A personagem criada por Homero, a Penélope é descrita como bela e paciente, que espera por vinte anos Ulisses regressar da Guerra de Troia. Enquanto o herói vivência diferentes aventuras, Penélope permanece paciente em casa costurando e esperando a volta de seu amado.

*não aceitou que ela tivesse a relação com outra mulher. Então ela tinha apanhado por conta disso.*⁴⁸

As mulheres do ramo vestuarista são percebidas para além do campo trabalhista, aqui o entrevistado retrata um quadro no qual um casal lésbico sofreu com o preconceito e a violência familiar, e que elege o Sindicato como um local seguro para pedir ajuda. Para Bell Hooks (1990) as especificidades da experiência vivenciadas em um local sempre são múltiplas, em outras palavras, o lugar passa a sofrer com o efeito das interações entre os momentos ali vividos e os outros lugares para além destes. Compreender os espaços pelos quais esses sujeitos transitam, possibilita historicizar e politizar suas vivências.

*E a Maria ia lá para o seu Antônio, e dava tempo até de nós pegar a missa do Michel. A missa na igrejinha do Michel que tinha um uma salinha pequenininha. Todo dia nós íamos a missa. De manhã cedinho. [...]. Nós íamos ali porque dava tempo, era uma missa rápida, sem muitas delongas.*⁴⁹

As experiências partem do ponto específico pensando no mundo do trabalho, mas ao percebê-las como fragmentos essenciais das vivências dos sujeitos rompemos com a percepção original da fábrica ou sindicato, deslocando-as para os locais dos quais os sujeitos produzem suas histórias e identificações. “Indivíduos se movem de um lugar para outro, coletam experiências à medida que avançam, carregam experiências acumuladas para cada novo contexto.” (COLLINS, 2022, p. 245). Quando percorremos pela memória das trabalhadoras compreendemos que sua história no mundo do trabalho não se finda na fábrica, concluímos que a experiência do sujeito intersecciona com aspectos ligados a situações rotineiras como ir à igreja antes do trabalho, essa ação não é apenas um ato isolado dessas trabalhadoras, mas uma parte fundamental da constituição da sua experiência, unida a participação ao grupo de jovens da igreja e dos coletivos de lutas sociais dos seus bairros,

⁴⁸ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

⁴⁹ Iracema de Souza. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

que desenvolveram naquele momento em Criciúma sua consciência de classe fundamentada na interação dos diversos locais pelo qual as trabalhadoras\es atravessavam. Quando acionamos uma categoria (classe), ela deve ser percebida a luz da historicidade de outras categorias (gênero, raça, sexualidade, idade) para romper com os sistemas de poder. Percebemos com o sindicalismo vestuarista que as amarras históricas são interrelacionadas por caminhos distintos, um casamento se torna uma festa política, isso ocorre por conta da interseccionalidade vivenciada nesse espaço, que transfigura as relações de poder, e as naturaliza em espaços que não consideraríamos possíveis.

Nesse período eu me casei. Tem que ver a foto do meu casamento, [...]. Mas eu casei e o sindicalista estavam tudo lá, era bandeira do PT parece um, é porque era véspera da primeira eleição, foi oitenta e nove do Lula. Então foi em novembro, e eu acho que nas eleições naquela época era quinze de novembro. Sim. E o meu casamento foi cinco de novembro. Foi no domingo a gente foi num domingo de manhã.⁵⁰

O trabalho afeta e é afetado pela experiência dos sujeitos que o realizam, codificando-se por meio das suas realidades. As relações estabelecidas não possuem uma dinâmica da qual as fórmulas possam ser reutilizadas no exame de outros coletivos. Segundo Patricia Hill Collins (2022, p. 322) “[...] a sociedade não é uma totalidade orgânica, mas sim uma série de partes móveis com estrutura geral que reflete os padrões dinâmicos dessas partes.”. E o posicionamento do sujeito se instala em uma condição essencialmente instável, que se submete a variável das práticas e ações que envolvem sua experiência, e que constantemente a submetem a modificações conforme as relações se estabelecem.

Observamos um fator importante na experiência do Sindicato por meio do jornal sindical “O Carretel”, ele foi criado em dezembro de 1985 pela direção do Sindicato após a eleição do mesmo ano. Dentro do jornal encontramos a coluna “Boca no Trombone” que expressa de maneira direta as denúncias e os abusos que as trabalhadoras enfrentam nas fábricas e indústrias, situando uma esfera de representação deste coletivo em linhas descritas por suas mãos, conduzindo

⁵⁰ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

uma narrativa própria de sua presença no mundo do trabalho. Não entramos nas fábricas ou indústrias para conhecer a totalidade desse coletivo, mas ao se debruçar sobre seu jornal, uma percepção sobre sua consciência se apresenta.

Neste artigo do “Boca no Trombone” na seção de denúncias o primeiro texto traz como título “GRACINHAS”, segundo esse documento, na fábrica de Crimalhas as mulheres estavam reclamando de um encarregado chamado “CLAUDIONOR”, ele vivia falando gracinhas para as trabalhadoras, o texto ainda afirma que elas (as trabalhadoras) não ficariam caladas sobre esse assédio, “hoje é só denúncia, amanhã vamos agir de outras formas. A segunda denúncia intitulasse “De olho no pronto Socorro”, na qual aponta que os atendimentos que estão ocorrendo no Hospital de Criciúma estavam sendo taxados, e informa que se ocorrer isso com as trabalhadoras ou trabalhadores, eles devem pedir um recibo e procurar o Sindicato. A terceira denúncia “Absurdos da Grande Gala” denuncia que para ir ao banheiro nesta fábrica é necessário pedir a chave ao encarregado, e que ocorreu o fato de uma das trabalhadoras precisou esperar meia hora pela chave, e o resultado foi que a mesma fez suas necessidades no local de trabalho e que foi demitida por isso. “Que injustiça! Isso não vai ficar assim...”

engolidas, mas com o jornal encontraram um local seguro, no qual suas vozes passaram a ser ouvidas.

Essas linhas permitem adentrarmos a vida dessas trabalhadoras, e “são inevitavelmente pontuadas e cortadas por diferenças e tensões múltiplas, bem como por circuitos e fronteiras que excedem a lógica binária do poder.” (COSTA, 2022) Com a liberdade concedida de se pronunciar pelo “O Carretel”, esse se torna o palco para que as trabalhadoras possam expor más administrações, relações políticas, salariais e sexistas, porém, a ideia dele surge ainda no período de campanha da Chapa 2, no qual através dos encontros as denúncias começam a aparecer, isso indica que, por mais diversas fossem as fábricas ou indústrias, as mulheres estavam dispostas a relatar as opressões vivenciadas nesses locais, e que naturalmente isso se concretizou nas colunas do jornal.

E foi a primeira informação que a gente a gente teve, inclusive na campanha da nossa chapa, é da empresa do que era o presidente do sindicato patronal. E se tinha uma moça solteira trabalhando que ela noivava, ela assinava o aviso prévio. E aí a primeira negociação com ele a gente teve com ele abordei isso. Ele quis ficar fora não é verdade não. É verdade porque aliás, eu entrevistei, eu fiz campanha o ano passado, eu ouvi depoimento de pessoas que já foram suas empregadas, e por conta que elas ficaram noivas, elas perderam emprego, hoje elas trabalham em outras empresas e com nós agora vai ser diferente. Isto não vai fazer mais. E nunca mais ele fez.⁵¹

A partir do relato acima observamos duas questões relevantes: o primeiro em torno da objetificação da mulher, e da constituição da imagem desta no trabalho. A empresa citada empregava apenas mulheres solteiras, e isso pode ser entendido pela lógica da maternidade e do casamento que incidem na diminuição de produtividade. Essa imagem discriminatória se instalou ao longo da história da sociedade, como fruto da cultura misógina e patriarcal, que insiste em taxar a mulher como uma figura descapacitada (FERNANDES *et al.*, 2019). A segunda situação relatada é o embate entre o Sindicato Vestuarista com o Sindicato Patronal, no qual o exercício da imposição das trabalhadoras alcança resultados positivos na diminuição das arbitrariedades ocorridas nas fábricas e indústrias, demonstra a potencialidade combativa do Sindicato.

⁵¹ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

No Carretel especial do Dia Internacional da Mulher o texto de abertura inicia da seguinte maneira:

Desde que o mundo é mundo a mulher foi vista como um ser inferior, sem direitos sem valor. Diminuída na sua dignidade. Mas nem sempre as mulheres ficaram caladas, aguentando passivas essa situação injusta. Começaram a perceber que também elas têm um papel importante na construção da sociedade. É que, portanto, precisam reconquistar sua dignidade, e mostrar sua força de construção e organização.

Seguindo o texto uma charge que corresponde ao padrão homem falando com uma mulher trabalhadora. “De agora em diante só vou contratar mulheres para trabalhar nas minhas fábricas. Para elas eu posso pagar menos explorar mais, e assim, ter um lucro maior”. Após esse comentário a personagem da mulher é conduzida ao sindicato, local ao qual salvaguardaria seus direitos.



Imagem

Fonte: O Carretel, março de 1990. Arquivo do CEDIP – CEDOC

Pontuamos até esse momento como a presença feminina foi constituída no meio trabalhista, buscamos a partir desse ponto decorrer as discussões acerca das imagens criadas sobre as mulheres do setor vestuarista, quando

pensadas a partir do coletivo sindical. As trabalhadoras são representadas a partir de uma imagem universal, como podemos perceber na última página do informativo do “O Carretel” de março de 1990, na comemoração do Dia Internacional da Mulher a charge incorpora a personagem feminina tarefas domésticas, que mesmo carregando uma mensagem trabalhista, a personagem aparece varrendo uma calçada, ela veste um vestido e um lenço na cabeça, em nenhum aspecto visual podemos relacionar a imagem desta personagem a uma trabalhadora fabril.



Figura

Fonte: O Carretel, n. 8, setembro de 1987. Arquivo do CEDIP – CEDOC

O perfil feminino do mundo do trabalho de Criciúma foi ilustrado por meio da concepção criada sobre a imagem das trabalhadoras do setor vestuarista. Ao lado do homem, as mulheres constituíram a face da força de trabalho criculumense, mas a operária exposta nas imagens obtidas manifesta linhas delicadas que insistem em obscurecer a participação feminina no trabalho fabril, um olhar descuidado pode nem perceber que sua imagem corresponde ao rosto de diversas trabalhadoras. Na capa do “O Carretel” de setembro de 1987, percebemos que ao lado dos homens a mulher demarca a presença feminina no

mundo do trabalho, as feições caricatas interligadas a doçura feminina ainda projetam a sua condição de Penélope de Homero, que mesmo em primeiro plano é descaracterizada ou obscurecida pelas faces que a seguem.

Olha quando eu falo de noventa e cinco por cento da composição da uma fábrica é de mulheres, e cinco por cento homens. As atribuições dos homens eram outras era o motorista da do veículo para fazer o serviço, era o cortador, era o pessoal dos serviços gerais, então o encarregado normalmente era homem.⁵²

Indiscutivelmente, o setor vestuarista detém o maior número de trabalhadoras mulheres, mas as relações de gênero desse coletivo são constituídas nas trocas, e por mais que tenhamos um número inferior de homens trabalhando nesse setor, sua presença interfere nas experiências nas organizações das fábricas ou indústrias e no Sindicato.

No Carretel de março de 1988 traz como título “Agora é Hora: todos na Assembleia dia 25 às 18:30 hs” o informativo tinha como intuito a campanha salarial do ano, que unido ao slogan um personagem informava “Acho bom todos comparecerem nessa assembleia para depois não vir reclamar. O assunto é sério!”. Seguindo do texto:

Campanha salarial 88

Campanha salarial é um período privilegiado para lutarmos e garantirmos por lei os nossos direitos. A Convenção Coletiva é a li que nos fizemos e é juntos Sindicatos e Trabalhadores que brigaremos para conquistar nossas reivindicações. Mas para isso acontecer, precisamos estar unidos e organizados.

⁵² Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.



Imagem

Fonte: O Carretel, n. 11, março de 1988. Arquivo do CEDIP – CEDOC

A participação masculina neste setor em questão de números é inferior a feminina, mas sua presença impôs ao cenário sindical uma composição masculina, que observamos nas páginas do “O Carretel”. Diferente da operária que aparece ilustrada de vestido, lenço e vassoura, a imagem do operário se configura em uma imagem associada ao proletário que pode ser associado a qualquer setor industrial. Um outro aspecto que podemos pontuar nas ilustrações analisadas fica em torno da mensagem de cada personagem, enquanto a mulher ilustrada sofre com a imposição das opressões do patrão calada e corre atrás de ajuda, o personagem masculino traz a mensagem “Acho bom todos participarem da nossa Assembleia, para depois não vir reclamar.”. Essas divergências de imagens corresponde as amplificações que o sexismo alcança no mundo do trabalho. Não apenas os homens ocupam os cargos de maior importância, como recebem as maiores remunerações. No trabalho de Vilma M. Caleffi e Nise Jinkings (2010), as autoras apresentam o posicionamento de alguns faccionistas que afirmaram que preferiam empregar homens para as atividades de costura,

segundo os entrevistados: homens não tem medo da máquina e produzem mais por conta disso, eles também não engravidam, não conversam, não menstruam e não se preocupam com problemas domésticos. Isso produz um trabalhador “perfeito”, mas o que os impede de contratar homens é que eles não suportariam as condições de trabalho suportadas pelas mulheres e a baixa remuneração paga a elas. Essas considerações nada mais são do que a maneira com que a sociedade situa a condição feminina junto ao trabalho.

Teve um determinado período, eu acho que, o empresariado de Criciúma, eles não sei se foi orientação mais pela psicológica, não sei. Que eles chegaram, porque a gente começou a verificar e homens na sentada na atrás da máquina, também costurando. A gente perguntou por isso. Então por que que eu qual é o problema? Estava faltando mão de obra, o que que era? A gente indagou. Aí eles disseram que era problema da relação da convivência. Tem uma das coisas que chamou atenção [...] muitas mulheres e trabalhando de forma no mesmo período, ali mesmo no mesmo ambiente o ciclo menstrual das mulheres passa a coincidir, e aí vem aquele período da famosa tensão pré-menstrual. E eles foram orientado que em cada grupo de vinte mulheres pelo menos tem um homem, que a presença masculina ajuda a amenizar isso até no diálogo, na amizade e às vezes quebra alguns momentos, porque segundo ele, estou falando que eu ouvia deles, que eu achei também me admirei por conta de ouvir isso. É que evita inclusive evita brigas, os homens evitavam brigas. E as experiências que eles estavam fazendo naquele período lá que eles me falaram eram bem-sucedidas e reduziu a tensão. Tensionamento entre as costureiras entre as mulheres.⁵³

Essa imagem, construída e transcrita pelo empresariado de Criciúma, nada mais representa do que as falácias constituintes da divisão sexual do trabalho imposta pelo capitalismo, nutrida pela misoginia. Neste aspecto apresentado, em momento algum foi relacionado a capacidade, a agilidade ou a eficiência no trabalho, mas sim, na posição biológica e social das mulheres. O

⁵³ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

mito da inconsistência ligado aos hormônios se intensifica no trabalho e ali é alimentando pelo senso comum.

Segundo Silvia Federici (2004, p. 214):

Como vimos, os trabalhadores homens foram frequentemente cúmplices deste processo, tendo em vista que tentaram manter seu poder com relação capital, por meio da desvalorização e da disciplina das mulheres, das crianças e das populações colonizadas pela classe capitalista. No entanto, o poder que os homens impuseram sobre as mulheres, em virtude de seu acesso ao trabalho assalariado e sua contribuição reconhecida na acumulação capitalista, foi pago pelo preço da autoalienação e da “desacumulação primitiva” de seus poderes individuais e coletivos.

Compreendendo a posição de poder quando demarcado pelo sexo, vamos discutir a masculinidade em relação a feminilidade do setor vestuarista. “Uma das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo.” (GROSSI, 2004, p. 6) A masculinidade se associa diretamente a atividade sexualmente do indivíduo, em como a virilidade do sujeito corresponde a suas ações. A perspectiva socialmente concebida sobre a virilidade na sociedade brasileira, se relaciona com a brutalidade. A força unida a violência são percussores da identidade masculina. Um homem não chora, não sente e tem tendências a desordem.

A primeira imagem da masculinidade criciumense foi criada a partir da concepção do imigrante. Homem bravo e destemido que adentrou as florestas e derrubando-a com as suas próprias mãos, a partir de seu trabalho árduo ele construiu a cidade. Esse homem por meio de sua determinação cuidou e nutriu sua família. Após a descoberta do carvão a imagem masculina na cidade recebe novas características. Já não era mais o homem do campo que compunha a idealização masculina de Criciúma, mas agora o operário das minas de carvão, ambas imagens ligadas ao poder econômico do homem em sustentar sua família.

Segundo Bruno Mandelli (2022, p. 8):

Portanto, a construção da masculinidade entre os mineiros fazia parte de um jogo em que deveria se provar, para si e para os demais membros do grupo, o que era ser um homem “macho”. O que incluía, obviamente, para além dos locais de trabalho, os espaços de sociabilidade masculina: os bares, as festas, as rinhas de galo e as zonas de prostituição.

Assim, os atributos constituintes dos sujeitos masculinos são apropriados na coletividade, e reinterpretados pela sociedade. Os homens que constituem o proletariado vestuarista não correspondem ao imaginário natural da masculinidade cricumense e suas tarefas são diferentes, por conta disso, sua virilidade posta a prova se apresentava nas intimidações sexistas no trabalho. A masculinidade nesse setor se intimida pela feminilização da tarefa, mas utiliza dos privilégios masculinos, como já apresentados acima. As relações de poder inserem arranjos diferenciados neste setor, os homens também são absorvidos pelas constituições sociais, a masculinidade se determina por meio de papéis impostos aos sujeitos masculinos, que quando subvertem o perfil esperado sofrem com as opressões sociais ligadas a sexualidade.

Teve um menino lá, que era inclusive a gente levou para a direção do sindicato, ele trabalhava em uma fábrica de calçados no Rio Maina, além de ser negro ele também era homossexual. Então ele teve dificuldades, mas, ele também é alcoólatra. A gente levou ele para o sindicato para ver se recuperava, ele inclusive, ajudar, ser solidário com ele porque ele também era um militante nosso do sindicato. Mas depois não teve jeito. A gente não conseguiu também dar conta de o que ele teve. Ele sofria, a gente também tinha essa relação muito legal com o pessoal, ele sofria porque não conseguia arrumar namorado, vamos dizer. E às vezes, quando ele conseguia ter uma relação com alguém que ele aparecia lá no sindicato com a pessoa. Ele antes, ele ficava muito feliz. Mas aquilo também era coisa de um mês dois, depois ele já não estava mais, então ele começava a sofrer. E ele sofria mais acho que por conta dessa questão da dificuldade.⁵⁴

Personagens destoantes não compõem histórias, apesar de se valer dos privilégios advindos do seu sexo biológico, os trabalhadores também são constituídos por atravessamentos raciais e sexuais. Os sujeitos masculinos, utilizando como exemplo o relato acima para arramar essa discussão, vivenciam experiências próprias, e a homossexualidade destoa a masculinidade encarada como perfil natural ao homem, e a esses sujeitos é negado a história. A interseccionalidade aplicada a força de trabalho vestuarista busca desmistificar

⁵⁴ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

a composição naturalizada da sociedade sexista, heteronormativa, branca, capacitiva que invisibilizam os sujeitos que não correspondem a essa identificação. Os discursos naturalizados como normativos, são muitas vezes absorvidos pelos sujeitos oprimidos, e reafirmados por eles como verdades. Na composição do coletivo as definições opressoras que estruturam os poderes aparecem de diferentes maneiras, por mais que o Sindicato seja combativo, ele ainda alimenta percepções sexistas de caráter preconceituoso.

Os homens eram poucos. [...] Eles tinham postura e a gente respeitava. [...] Eles andavam no meio das máquinas, tinha as velhinhas da parte do jeans, e o James ia lá, chegava ali, sentava-se do lado “Pode parar com isso aí. Me conta como é que foi o fim de semana, tu deu muito?” Elas diziam que ele perguntava assim. Mas era tudo na boa. Ele era meio eu tinha andado de “viadinho”, mas ele era estilista masculino. Gente, ele era uma pessoa divina, maravilhosa. E quando ele via uma pessoa meio aborrecida assim, “o que é que tu tem?” Ele era um psicólogo, quando ele passava a mulherada assim, se tinha uma dor de barriga, sarou. Ele era muito bacana.⁵⁵

Desta forma, as posições dos sujeitos se constituem dentro de estruturas essencialmente instáveis, já que esses se submetem a práticas e experiências variadas, não sendo possível conhecer e paralisar o sujeito em um signo único, já que eles se submetem a novas vivências e se transformam através delas, e também as modificam neste processo. Ao estudar o Sindicato percebemos que os atravessamentos deste possibilitam discussões interseccionais para além do gênero. A posição política demonstrada nas imagens ilustrativas das/os trabalhadoras/es, a sexualidade permanece taxada a uma percepção binária heteronormativa e a imagem do trabalho insiste no imaginário masculinizado.

3.2.1 Como desfazer o nó de costuras: se pode discutir raça no ramo vestuarista criciumense?

⁵⁵Iracema de Souza Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

O imaginário brasileiro a respeito do trabalho consiste na ideologia interrelacionada e conectada as teorias raciais. Isso significa dizer, que o país que deteve por três séculos o trabalho escravizado, ainda se questiona se é possível discutir as relações trabalhistas por meio do viés racial. Isso ocorre única e exclusivamente por conta do racismo estrutural, que não apenas simboliza e classifica as raças, como organiza a sociedade, denotando a identidade branca a condição normativa. Após o século XVI, e o advento das Grandes Navegações, os sujeitos europeus iniciam as tomadas das terras africanas, americanas e asiáticas.

Segundo María Lugones (2014, p. 938):

A “missão civilizatória” colonial era a máscara eufemística do acesso brutal aos corpos das pessoas através de uma exploração inimaginável, violação sexual, controle da reprodução e terror sistemático (por exemplo, alimentando cachorros com pessoas vivas e fazendo algibeiras e chapéus das vaginas de mulheres indígenas brutalmente assassinadas). A missão civilizatória usou a dicotomia hierárquica de gênero como avaliação, mesmo que o objetivo do juízo normativo não fosse alcançar a generalização dicotomizada dos/as colonizados/as. Tornar os/as colonizados/as em seres humanos não era uma meta colonial.

O sujeito colonizador desenvolve uma relação de identificação racial sobre os povos colonizados, atribuindo a esses identificação inferiores. As teorias raciais não apenas classificam as pessoas, mas naturalizavam a escravidão dessas pessoas, neste momento o gênero e a raça são percebidos como valiosos para o colonialismo.

Segundo Lilia M. Schwarcz (2018, p. 405-406):

Esses autores recuperavam as máximas de Darwin, destacando, porém, que seria possível estudar as raças como uma realidade ontológica. Partindo da afirmação do caráter essencial das raças – que as faria diferir da mesma maneira como eram variadas as espécies -, uma série de teóricos, mais conhecidos como “darwinistas raciais”, passaram a qualificar a diferença e a transformá-la em objetos de estudo: um objeto da ciência. Raça transforma-se, então, em conceito essencial e respaldado pela biologia.

O conceito socialmente atribuído a raça, se relaciona principalmente a aspectos de subordinação das classes sociais. O racismo articula e nutre ideologias de poder, do qual sujeitos racializados pertencem a classe, mas de maneira subalterna. O racismo tal qual o sexismo, se tornam estruturantes nas relações ideológicas e políticas que sustentam o capitalismo. (HASENBALG,

2005) Sendo assim, não podemos estudar o sindicato vestuarista sem tensionar as relações raciais e sexistas que o compõem.

Tinha bastante vestuarista negra. As overloquistas, as dos serviços importantes eram negras. Na Salé é toda aquela “negaiada” que dança na escola do Santo Antônio. Elas eram todas do Santo Antonio. [...] Tinha poucas na Crimarias, eu não lembro de muitas, eu lembro da overloquista, meu Deus, aquela mulher fazia camisetas eu acho que em um minuto ela fazia umas quatro, cinco camiseta, não sei que velocidade, eu ficava parado olhando aquilo. E ela vendia Avon, eu comprava muito.⁵⁶

No ano de 2020, cerca de 33,3% das/os trabalhadoras/es do ramo vestuarista de Criciúma eram constituídas por pessoas não-brancas⁵⁷. Mas a sua presença precisa ser verificada e reconhecida, isso não ocorre com pessoas brancas, a sua existência não precisa ser enumerada, codificada e oralmente citada, elas apenas existem. Em nenhum momento durante este trabalho direcionamos a escrita a uma identidade racial específica, mas nossa imaginação o fez, naturalizando a concepção da branquitude. Os dados da RAIS sobre os indicadores raciais só começam a ser editados a partir de 2006, isso corresponde a visão embranquecida sobre o trabalho, que tardiamente tolera a presença de pessoas racializadas como sujeitos pertencentes ao mundo do trabalho. Com a assinatura da Lei Áurea, um imaginário falacioso de substituição dos trabalhadores negros em situação de escravidão, por trabalhadores brancos assalariados desponta nos discursos nacionais (CORD; SOUZA, 2018). Essa condição engessou conceitos acerca da verdadeira realidade da identidade racial do Brasil, e dentro do cenário do trabalho o operário passou a ter uma cor específica.

Sendo assim, toda vez que pontuamos os atravessamentos raciais no meio trabalhista, as perturbações que esse debate ocasiona são ligados ao desinteresse das pessoas brancas em conhecerem e reconhecerem seus privilégios raciais (SILVA, 2017). Desde a “invenção” do Brasil, o trabalho esteve

⁵⁶ Iracema de Souza. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

⁵⁷ Não existe no banco de dados da RAIS registro sobre a raça das/os trabalhadoras/os durante o período de recorte dessa pesquisa.

nas mãos de pessoas não-brancas, e as relações atravessadas pelo gênero e raça, são debatidas por pensadoras negras, que partindo de suas experiências descrevem o que Patricia Hill Collins (2016) define como *outsider within*, local socialmente determinado para mulher negra na sociedade, do qual o machismo, racismo, transfobia, patriarcado, capitalismo imperam contra os corpos não-brancos.

Estas violências são “peças” do mesmo jogo, eles agem na mesma proposição, eles se atravessam, são constituintes das opressões. Essas violências são estruturais da sociedade, e elas se alojam em um corpo único quando falamos de mulheres, não-brancas, transsexuais, pobres, lésbicas, dentre outros marcadores. Os sujeitos acumulam opressões, mas, esse fator de estar nas margens, invisibilizadas essas mulheres constituem uma percepção política, sobre os direitos sociais ampliados, possibilitada por ser adquirida na vivência do esquecimento (COLLINS, 2016). Não validando as opressões, mas compreendendo que por meio delas que as mulheres não-brancas se infiltram na sociedade e no sistema se articulando contra ele.

Como um caso extremo de outsiders que estão adentrando uma comunidade que historicamente as excluía, as experiências das mulheres negras destacam a tensão vivenciada por qualquer grupo de outsiders menos poderoso que se defronta com o pensamento paradigmático de uma comunidade mais poderosa de insiders. Nesse sentido, uma variedade de indivíduos pode aprender com as experiências das mulheres negras como outsiders within: os homens negros, a classe trabalhadora, as mulheres brancas, outras pessoas de cor, minorias religiosas e sexuais e todos os indivíduos que, mesmo tendo vindo de um estrato social que os proveu com benefícios do insideris nunca se sentiram confortáveis com as suposições deste último consideradas como certas. (COLLINS, 2016, p. 122).

Desta maneira, a percepção racial que permeia a sociedade brasileira consiste na ideologia de que o sujeito branco não pode ser racializado por ser “normativo”, que condiciona a originalidade do ser. “Esse fato é baseado em processos nos quais partes *cindidas* da psique são projetadas para fora, criando o chamado ‘Outro’, sempre como antagonista do ‘eu’ (self).” (KILOMBA, 2019, p. 32) Assim, a projeção do sujeito branco sobre a sociedade se baseia a partir de sua impressão. Ele sendo o modelo a ser seguido, e todo corpo destoante se torna estranho, descartado.

A pesquisadora Maria Aparecida Bento (2002) inquiriu a sociedade brasileira a respeito da omissão diante da realidade racial em especial no âmbito trabalhista. Em seu trabalho “Pactos Narcísicos do Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público”, a autora aborda a realidade do mercado de trabalho brasileiro, que desde a década de 1980/90, vem sendo alertada pelos institutos de pesquisa, como o IBGE, a gravidade da segmentação racial no trabalho. Essas ocorrências não são meras coincidências, mas sim, sintomas de uma sociedade que respira o ar falacioso da democracia racial.

A maior dificuldade em discutir a questão racial no mundo do trabalho, não se encontra nas faltas de dados ou de trabalhadores não-brancos, mas a estrutura da branquitude que impossibilita a compreensão da sociedade além de suas dominações, essa relação é chamada por Bento (2002) como um pacto, do qual a manutenção desse arranjo objetiva que a concentração de poder permaneça nas mãos silenciosas da branquitude, convertendo a existências dos chamados “Outros” na inexistência.

4. COSTURAS SINDICAIS: NASCE O SINDICATO VESTUARISTA DE CRICIÚMA E REGIÃO

Neste capítulo, nossa abordagem se inicia com a discussão sobre os movimentos sindicais da década de 1970/80 em Criciúma, e a importância dos movimentos sociais junto aos sindicatos neste período. A cidade de Criciúma ficou conhecida neste período como a “cidade das greves” na década de 1980, isso se deve a participação ativa da juventude, sindicatos, pastorais e movimentos sociais na constituição da área mais combativa do sul catarinense. Logo após, em um segundo momento a discussão se desloca para a criação do Sindicato Vestuarista de Criciúma e região no ano de 1979, e sua representação inédita de ter a frente do cargo de presidência uma mulher, a composição do segundo momento deste capítulo fica em torno dos dois primeiros mandatos de Ana Aurino Borges dos Reis, a primeira e única mulher presidente a frente do Sindicato (1979-1985), as mudanças ocasionadas após o ano 1985 com a implantação do Novo Sindicalismo em Criciúma, da CUT e do PT. A importância dos movimentos grevista na cidade e o jornal sindical ‘O Carretel’ como objetos intensificadores da experiência desse coletivo.

4.1 CRICIÚMA: A CIDADE DOS SINDICATOS

O sindicalismo em Criciúma se origina por meio da união dos trabalhadores das minas de carvão. O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Extração do Carvão que foi fundado no ano de 1945, e a história do coletivo dos mineiros esteve em paralelo ao demais sindicatos brasileiros e as fases que esse segmento enfrentou também estão relacionadas as mudanças nacionais. (GOULARTI FILHO; NETO, 1997) Como já assinalamos anteriormente, a economia do carvão influenciou a vida e as organizações sociais de Criciúma, entendemos assim, que, o sindicalismo dos mineiros sustentou e disseminou as considerações iniciais de resistência trabalhista que culminaram nos demais sindicatos desta região.

E a nossa sede inicial foi dentro do Sindicato dos Mineiros. Primeira sala que a gente atuou foi lá. Mas eu lembro, que era tudo muito parceiro. Sabe? O ideal de luta vinha na frente. Então eles vinham para ajudar nas nossas greves, eles ajudavam nos piquetes, nós não íamos fazer os piquetes deles. Mas, eu lembro de eu até fiz uma fala uma vez

*morta da vergonha no numa assembleia de mineiro porque daí vários sindicatos falaram.*⁵⁸

As alternâncias nas aplicações econômicas e ampliações dos setores industriais de Criciúma proporcionaram acréscimos nas experiências da classe operária da região. O aumento de novos setores possibilitou vivências particularmente novas aos trabalhadores e trabalhadoras. Essas gamas diversificaram e fortaleceram na região carbonífera as discussões politizadas sobre o sindicalismo e suas estruturas. Segundo Miranda (2013), foi a partir da década de 1940 em diante que essa região assistiu de maneira gradual, a formação do que viria a ser no final da década de 1980, o maior movimento trabalhista de toda região sul catarinense.

Mas, a história do sindicalismo brasileiro consiste em fases demarcadas por mudanças, e a partir desse ponto, discutiremos como essas afetaram a organização sindical em Criciúma. A primeira fase surge através da união dos imigrantes que advindos da Europa, deslocavam experiências fundamentadas nas relações trabalhistas de seus países de origens, enriquecidas por concepções anarquistas e transfiguradas ao cenário brasileiro do início do século XX. Não podemos falar sobre o princípio do movimento sindical brasileiro, sem pontuar a importância do fim da escravidão negra na reconfiguração da classe trabalhadora brasileira.

Com a assinatura da Lei Áurea e a “libertação” dos trabalhadores em condições de escravidão, um número crescente de imigrantes brancos são conduzidos às terras brasileiras a partir das políticas de embranquecimento populacional⁵⁹. As interações trabalhistas existentes até então, se baseavam nas amarras da escravidão, o país detinha de trabalhos remunerados obviamente, mas a violência colonial ainda denotava maior persuasão no mundo do trabalho. Os atravessamentos trabalhistas entrepostos por meio das rupturas e permanências reconfiguraram a classe trabalhadora brasileira, e instituíram novas práticas de resistência, culminando no sindicalismo.

⁵⁸ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

⁵⁹ Políticas de embranquecimento populacional tinha como objetivo “higienizar” a sociedade brasileira do decorrer do século XIX e XX, incitando as imigrações europeias e assim, diminuir a presença não-branca no país.

Dentro dos movimentos trabalhistas, grupos se destacaram durante a primeira fase, entre eles os anarco-sindicalistas, comunistas, e os socialistas, que entrelaçavam seus ideais políticos as discussões de classe. Um número expressivo de imigrantes sofreu com perseguições e expulsões por incitarem discussões sindicais. Segundo Almir Pazzianotto Pinto (2020), as três primeiras décadas do século XX foram marcadas pelas repressões e violências contra os trabalhadores, que eram vistos como objetos na produção de lucros, reflexos de um passado, nem tão longínquo assim, do trabalho escravista. Até a década de trinta os sindicatos vivenciavam a ilegalidade perante o Estado e sofriam com suas intervenções constantes.

A segunda fase do Sindicalismo brasileiro (1930-1964) denomina-se como Sindicalismo Populista. Para Armando Boito Jr. (2006), após a “Revolução” de outubro de 1930 o Governo Provisório cria o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, que no ano seguinte sanciona a lei da obrigatoriedade do registro dos sindicatos ao Ministério do trabalho, impondo uma lista de limitações as ações destes, em troca de seu reconhecimento e legalidade. No ano de 1943, Getúlio Vargas apresentou a Consolidação das Leis Trabalhistas, movimento que consolidou a legalidade sindical brasileira.

Como demonstrado por Armando Boito Jr (2006):

Nesse regime legal, o sindicato deve obter um registro junto ao Estado para poder funcionar como tal; a lei obriga o regime de sindicato único, organizado por ramos econômicos ou por categorias profissionais; o sindicato único oficial tem o poder de impor taxas e tributos a todos os trabalhadores de sua base legal, sindicalizados ou não; e, finalmente, o sindicato único oficial serve como representante dos trabalhadores para questões sindicais junto à Justiça do Trabalho, ramo do Poder Judiciário que tutela - fazendo uso do seu poder normativo para dirimir conflitos trabalhistas - a negociação sindical entre os sindicatos oficiais de trabalhadores e os sindicatos oficiais de empregadores.

No período descrito, o sindicalismo tem sua liberdade cerceada pelo Estado, e a autonomia dos seus atos se submete ao caráter tutelado pelo Ministério do Trabalho, que findará com a publicação e Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943⁶⁰. Segundo Bruno Mandelli (2017, p. 55) “[...], as classes trabalhadoras no Brasil durante o período varguista foram cooptados pelo Estado, recebendo proteção

⁶⁰ Disponível em [DEL5452 \(planalto.gov.br\)](https://planalto.gov.br/DETL5452). acesso 20 jun. 2022.

e defesa de alguns direitos em trocas de subserviência e submissão.”. Esse movimento do governo em se dispor a “cuidar” dos trabalhadores, foi implantado principalmente por conta difusão da ideologia populista do Governo Vargas⁶¹, que necessitava do apoio das massas, em especial dos trabalhadores, e por isso nutria a concepção que por meio proteção do Estado os trabalhadores estariam salvaguardados e manteriam seus direitos. Para Antunes (1990), a classe pós-1930 se estrutura na relação com o novo governo, que assiste a marcha capitalista desenvolver necessidades que para serem atendidas, faz-se necessário, impor limites as práticas sindicalistas. “Tudo isso foi reflexo da inexistência de uma transição burguesa clássica, que acarretou a carência das formas liberais clássicas, em que a presença popular pudesse encontrar canais de expressão e participação.” (MOLIN, 2013, 95). Com o fim do governo Vargas e o estabelecimento das Democracias Populistas⁶², não se observa alterações significativas na estrutura sindical desenvolvida no período anterior.

No ano 1964, o Brasil assiste ao Golpe Civil-Militar, ato que finda o Governo João Goulart e que inicia o período ditatorial brasileiro, esse que perdura durante vinte e um anos. (GREGÓRIO, 2007) A estrutura sindical permaneceu intacta durante a ditadura, não percebemos impactos eminentes com o golpe, e as relações estabelecidas por meio do governo ditatorial estavam estabelecidas através da censura que perseguia e prendia quaisquer sujeitos que ameaçassem o regime. Para o pesquisador Armando Boito Jr. (1991), o “Sindicalismo de Estado no Brasil”, foi utilizado para estruturar a ideologia do Estado e atuar diretamente no meio trabalhista, se beneficiando por meio dessa relação de submissão dos Sindicatos. O autor identifica cinco pontos essenciais no sindicalismo de Estado, eles são: imposição de limites a prática sindical, desmonte das lutas trabalhistas, reprodução dos ideais estatais nas concepções sindicalistas, necessidade da tutela do Estado, e por último, reivindicação apenas nos campos ideológicos.

A partir destas ações, o Estado instaura um arranjo amparado a uma base que regula e estabelece as ações sindicais. Essa base é apresentada por

⁶¹ O modelo de sindicato implantado por Vargas foi concretizado na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1943, durante o Estado Novo, e frequentemente é tomada como uma cópia da Carta Del Lavoro de Mussolini (GREGÓRIO, 2007).

⁶² As Democracias Populistas é a forma de governo que o Chefe de Estado se dirige diretamente ao povo de forma carismática utilizando desse recurso para obter o apoio popular.

Boito Jr (1991) assentada em três princípios: os sindicatos oficiais, a unicidade e o imposto sindical. Dessa forma, o Estado estabelece uma relação de dependência dos coletivos a tutela da cúpula estatal, a *ideologia da legalidade sindical*. Assim, por meio de discursos positivados de cuidado e valorização o governo retira dos trabalhadores a liberdade, mas amarra argumentações de estabilidade, e com essa disposição as direções sindicais mantinham relações próximas as chefias e se desvinculavam das bases trabalhistas.

As interações sindicais das décadas de 1960/70 são condicionadas pela organização política autoritária da Ditadura Civil-Militar, e a idealização de uma economia liberal, influenciada e financiada pelo modelo norte-americano. Com o Golpe o Estado brasileiro passa a ser governado por uma junta militar, que extingue os partidos políticos e impõe o bipartidarismo, que iriam atuar como os dois partidos, a Aliança Renovadora Nacional – ARENA e o Movimento Democrático Brasileiro – MDB. Os sindicatos dos quais seus líderes eram contra o novo regime são destituídos do poder e novos dirigentes são empossados. (MIRANDA, 2013) Deste modo, o sindicalismo durante os primeiros anos da Ditadura Civil-Militar foi utilizado como um aparato do Regime no qual as relações eram cerceadas por meio das políticas de manutenção do poder estatal. Após a metade da década de 1970, impulsos contra o governo são fortalecidos nos meios trabalhistas, que desencadearam no Novo Sindicalismo, que incide no ABC paulista com os Metalúrgicos, e que reconfigura a atuação sindical brasileira, se unindo aos movimentos sociais e aos partidos políticos que ensaiavam a reabertura política do fim da década. Segundo Eder Sader (1988), a emergência do “sindicalismo autêntico” ou “novo sindicalismo” em renovar as correntes sindicais emergiu na década de 1970, questionando o esvaziamento e a perda de representatividade das entidades sindicais, e buscou renovar e estimular as lutas reivindicatórias a tempos esquecidas.

Na cidade de Criciúma, os movimentos grevistas não eram novidades na década de 1970, as primeiras paralizações ligadas ao sindicalismo cricumense se principiaram com o Sindicato dos Mineiros nas décadas de 1950/60, esses movimentos grevistas corresponderam à insatisfação salarial da categoria e ao descaso a segurança de trabalho. A cidade já compartilhava as experiências de sindicalistas combativos, mas com a ditadura estavam amornadas. Com a insurgência das paralizações no ABC paulista no ano de

1979, a potencialidade dos movimentos são insuflados e o Sindicato dos Metalúrgicos⁶³ de Criciúma desperta as paralizações na cidade, que logo são adotadas por outros sindicatos do município.

Como visto anteriormente, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Extração do Carvão foi inaugurado em 1945 em Criciúma correspondendo a primeira experiência sindical da cidade, após sua implantação outros coletivos iniciaram suas jornadas. No ano de 1965 o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Criciúma inaugura sua atuação na cidade após receber sua carta sindical. Segundo Miranda (2013), esse sindicato se caracterizava como combativo, atuante durante os anos mais duros da Ditadura Civil-Militar, mantendo contato permanente com as necessidades da sua base, sendo caracterizado como um coletivo unificador da categoria.

O Sindicato dos Ceramistas foi criado em 1956, esse sindicato manteve uma postura discreta, os membros só apareciam no sindicato para assinar a rescisões, nos registros não encontramos mobilizações desse setor até o ano de 1979, quando se uniu aos demais Sindicatos na Greve Geral. (MIRANDA, 2013) Por mais que a estrutura do sindicato seja semelhante conforme organização documental e legislativa, os movimentos sindicais são constituídos através das experiências dos coletivos de trabalhadores, e cada qual, influenciado pelas vivências do setor, tendo suas maneiras particulares de organização e atuação.

O Sindicato Vestuarista inicia sua trajetória no ano de 1978/79, desde seu início sua imagem é constituída como um coletivo atuante e combativo que sai vencedor de sua primeira greve e instala percepções inovadoras de sindicalismo, mas iremos discutir esse Sindicato nos próximos capítulos. A década de 1980 se torna fundamental para as mudanças organizacionais dos sindicatos em nível nacional, e claro no sindicalismo cricumense. Um aspecto importante que atravessou as experiências no sindicalismo do início da década de 1980, foram as articulações dos movimentos populares. Esses grupos se originaram por meio das pastorais da Igreja Católica, dos grupos nas comunidades, movimentos de bairros, na organização política com a criação do Partido dos Trabalhadores (PT) e com a Central Única dos Trabalhadores

⁶³ As ondas de manifestações iniciadas com as paralizações dos metalúrgicos do ABC paulista em 1979, que nutrem os movimentos de protestos de rua e chegam a Criciúma através do Sindicato dos Metalúrgicos.

(CUT)⁶⁴. Segundo Sader (1988, p. 151-152), “As transformações ocorridas na Igreja não podem ser subestimadas. [...], as críticas feitas à organização social não se limitavam a questões secundárias, mas denunciavam os próprios fundamentos do sistema.”. A pastoral Operária tinha como objetivo fortificar e auxiliar os discursos e ações dos movimentos trabalhistas na cidade de Criciúma.

Paralelo a isso, eu sou fruto da Pastoral da juventude, aí então a gente militava muito nos encontros de juventude, na igreja. Ia se construindo aquela ideia de mudar o mundo, de fazer alguma coisa de concreto para mudar o mundo. Mas, eu sempre fui muito quieta, muito na minha. E ficava às vezes observava as coisas, mas não me posicionava muito. Sempre me sentindo pequena. Mas, a questão da política da igreja que naquela época era muito forte ela ia me motivando para fazer algo. E eu sempre fui muito da ação, de fazer coisas. Até que a gente assim, foi concomitante, a gente teve um encontro com um padre, não era o padre Pedro na época, uma missa que foi muito forte, assim, na questão da espiritualidade e ele falou muito sobre o sim de Maria. O quanto foi importante o sim de Maria, e aquilo foi soando em mim, assim, era uma quarta-feira se eu não me engano. E chego no trabalho na quinta-feira, e tinha em cima da mesa do refeitório. Porque naquela aquela fábrica que eu trabalhava não tinha, eram tudo pessoas assim tipo, mas, vamos dizer mais conservadoras, mais da igreja, mas é tudo meio parente do dono, sabe? E então assim essa coisa da política, do sindicato, de era uma coisa que nem se falava. Tinha na mesa do refeitório um convite para uma reunião, e era uma reunião de oposição ao sindicato, e eu vim então, eu vim naquele dia com aquela motivação do sim, e assim, algum desejo muito grande de fazer alguma coisa. E aí eu guardei aquele bilhetezinho, olhei a data, olhei a hora, e disse eu vou a essa reunião. [...]. Eu sei que eu fui nessa reunião sem conhecer ninguém, saber direito onde que era. E cheguei lá e era ali na matriz hoje, na catedral, que ali do lado subia uma escadaria e tinha umas salas ali em cima, ali era o auditório São José, o QG das assembleias.

⁶⁴ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

*Ali que acontecia as assembleias. Tinha umas salas, e eu sei que o bilhete dizia que a reunião era ali.*⁶⁵

Essa convivência entre a trabalhadores e as pastorais, os movimentos de bairros e o Sindicatos, conspirou para que a disseminação de ideias transcorresse e diluísse entre a população, em especial a mais jovem. As relações interseccionais que configuram esse cenário são entrelaçadas pela vida social dos trabalhadores, que além de militarem nos sindicatos influenciavam locais distantes dos portões das fábricas. Articulando condutas para além da vida fabril, e naturalizando interações sociais entre os grupos, findando em ações eficientes de disseminação de conteúdo.

*Na minha memória, eu acho que setenta e sete, setenta e oito, por aí, eu comecei a participar dos movimentos populares lá a associação de moradores do bairro onde eu morava, aquela coisa toda, setenta e sete. Depois setenta e oito, setenta e nove, eu comecei a participar da pastoral operária e eu tinha, eu recebi em casa, na minha casa, pelo correio, o boletim do jornal do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Era mensalmente, eu recebia e recebia o jornal o boletim. E também, recebia e informes e informativos das comissões de fábrica da Volkswagen da Ford. Então aquilo ali foi acumulando. Foi quando eu soube que tinha o sindicato. Porque o sindicato era novo.*⁶⁶

Durante o fim da década de 1970, o Brasil enfrentava um cenário de resseção econômica, desempregos, greves e lutas políticas, diante desse panorama, os movimentos populares se fortaleceram por todo o país, e na cidade de Criciúma o Centro de Estudos, Documentação e Informação Popular de Criciúma (CEDIP) teve um papel fundamental em documentar, promover e apoiar os movimentos populares e os sindicatos. O CEDIP foi fundado no ano de 1983, organizado por um grupo de jovens que atuavam em movimentos sociais distintos na cidade de Criciúma, por mais que fossem atuantes juntos

⁶⁵ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

⁶⁶ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

aos coletivos, se mantinham autônomos diante dos Partidos Políticos, Sindicatos e da Igreja.

Por meio das ações produzidas pelo CEDIP, os coletivos detinham de apoio e orientação em oficinas, reuniões e informativos, compondo uma teia de articulações políticas da década de 1980 na cidade de Criciúma. O Centro atuava junto aos movimentos de bairros, as Pastorais da Igreja, Partido dos Trabalhadores, e as Oposições Sindicais ligadas a CUT. Além de atuar junto aos movimentos sociais e sindicais, o CEDIP foi responsável por registrar, documentar e salvaguardar a memória operária da cidade.

A importância do CEDIP e sua atuação junto aos coletivos correspondem as intersecções que estruturaram os movimentos sociais da década de 1980 de Criciúma. As teias que integraram a sociedade estavam interrelacionadas a marcadores e instrumentos de poder diversos, isso nos permite compreender que combinando ideias já existentes a padrões novos de pensamento, implicaram em um movimento social bem-sucedido e combativo. No cenário de redemocratização e crise econômica, a atuação do CEDIP foi fundamental para fomentar abordagens inovadoras e incitar discussões que não eram naturalizadas nos meios sindicais. A Chapa de Oposição do Sindicato Vestuarista contou com apoio do CEDIP nas eleições de 1985, e após a vitória manteve a assessoria, principalmente no jornal sindical. Iniciaremos a partir deste ponto os estudos sobre a trajetória do Sindicato, analisando os dez primeiros anos de sua trajetória.

4.2 DO PONTO DE PARTIDA NA LUTA SINDICAL ATÉ AS ELEIÇÕES DE 1985

No ano de 1978, o coletivo de trabalhadoras/es do setor vestuarista de Criciúma se uniram e criaram uma associação, um ano após, em 1979 obtiveram a carta sindical, que legalizou o coletivo e ampliou suas possibilidades na frente trabalhista (MIRANDA, 2013). O Sindicato englobava trabalhadoras e trabalhadores do setor vestuarista e calçadista, sendo Criciúma cidade sede, mas contendo como base territorial as cidades: Içara, Araranguá, Sombrio, Turvo, Urussanga, Siderópolis, Jacinto Machado, Morro da Fumaça, Nova Veneza e Maracaja.

Começamos a participar efetivamente do sindicato em oitenta e dois, final de oitenta e um, quando a gente teve acesso, conhecimento que teve, tinha o sindicato já recém fundado em Criciúma, sindicato do vestuário e calçado. Era os calçadistas e as vestuaristas, que ele era chamado na época. Então aí o primeiro acesso, vamos dizer assim com o sindicato, foi no balcão do sindicato, que veio pedir para me filiar e no de bate ponto que não foi aceito a minha filiação.⁶⁷

O Sindicato inicia sua trajetória a partir de uma questão inédita na região, frente ao coletivo se encontra Dona Ana Aurino Borges dos Reis, a presidente do Sindicato inaugura a participação das mulheres em cargos de liderança. Sendo a primeira a liderar um sindicato na cidade de Criciúma, Ana Aurino desassocia o imaginário assexuado do sindicalismo, que durante as duas primeiras gestões se mantem como uma liderança combativa, mas após sua saída em 1985, o coletivo não dispôs de uma mulher à frente do Sindicato, mas esse aspecto será tratado mais adiante. Um Sindicato formado em maioria por mulheres, com uma extensa base territorial, por mais que inicie seus trabalhos em 1979, apenas na década de 1980 se torna ativo as demandas de seus associados de maneira significativa.

No ano de 1982, o Sindicato enfrentou sua primeira paralização, e as relações entre a diretoria e a base do sindicato vestuarista foram enfraquecidas após a postura da então diretoria em não apoiar a primeira greve da categoria (MIRANDA, 2013). Em março do mesmo ano a categoria saiu da greve com aprendizados e com experiências que mudariam o rumo do sindicato.

[...] uma assembleia para discutir campanha salarial no começo de oitenta e dois, foi de onde eu tive acesso para participar da assembleia, daí já me filiei. E a partir da assembleia a gente começou a participar, efetivamente da assembleia, fazendo fala, aí teve uma greve nesse esse período ali que foi era uma greve para ser de um dia, e acabou sendo de oito dias. A presidente não queria que a greve continuasse, mas nós aprovamos lá na assembleia no final do dia que ela deveria continuar, e passou o carnaval inclusive da os oito dias, atravessou o

⁶⁷ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

carnaval, e ao final dos oito dias então daí houve acordo. [...] no ano oitenta e dois tinha a eleição do sindicato, começou lá as a movimentações, tinha na diretoria já da do sindicato junto com a presidente dona Ana, a gente tratava por Dona Ana, tinha três pessoas da diretoria que não concordava com o método que ela trabalhava e me procuraram. Para me consultar se eu participaria de uma de uma chapa de oposição, por conta da minha participação na greve, naquela coisa toda. Aí eu disse olha vamos pensar, vamos conversar, to chegando agora, vocês estão aí, a gente fez umas conversas lá paralela com eles.⁶⁸

Existia um estreitamento político dentro dos sindicatos de Criciúma, as diferenças políticas alicerçavam as interações. Com a greve de 1982, percebemos que o coletivo se divide em duas estruturas, uma delas ligada a gestão que conservava os poderes a uma cúpula ligada ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), e essas interações foram extremamente importante para os contornos históricos do Sindicato Vestuarista após o ano de 1985 (MIRANDA, 2013). Já que no início da década de 1980, os sindicatos de Criciúma eram comandados por presidentes filiados ao PDT.

E foi o que aconteceu, no final de oitenta e dois, aí teve eleição com chapa única, aquelas formas bem estranhas na época de Criciúma, que os sindicatos de Criciúma com raríssimas exceções, eles eram dirigidos por militantes do PDT, salvo os metalúrgicos na oportunidade, o presidente da época já é falecido, mas os mineiros, os próprios vestuaristas da época a maioria era e militante do PDT.⁶⁹

O Partido dos Trabalhadores (PT), foi fundado na cidade de Criciúma no ano de 1982, mas sua implantação no estado catarinense vinha sendo organizada desde o Movimento Pró-PT em 1979, coincidindo com os processos de abertura política e extinção do governo civil-militar. Com a implantação do PT na cidade de Criciúma, as relações sindicais foram impactadas. Percebemos que com a chegada da CUT e do PT o meio sindical se rompe em duas concepções diferenciadas. As gestões dos Sindicatos ligadas ao PDT, são vistas naquele

⁶⁸ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022

⁶⁹ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022

momento, como direções de sindicalismo populista ou pelego, e as direções que se vincularam ao PT e a CUT foram associadas ao novo sindicalismo (MIRANDA, 2013). Essa divisão é verificada no Sindicato Vestuarista, e a interferência dessa intersecção modificou a estrutura do coletivo, Ana Aurino, a presidente do Sindicato era filiada ao PDT, e com o estreitamento político ela perde apoio do meio sindical, fato que leva a derrota de sua chapa na eleição de 1985, momento do qual a ideologia do novo sindicalismo fomenta a mudança da gestão.

Como demonstrado ao longo deste trabalho, o sindicalismo criciumense experimentou as alternâncias da história sindical do Brasil. Assim, as disputas por espaço e disposição de ideologias se intensificaram após a década de 1980, reestabelecendo os moldes e reestruturando as lutas sindicais. A Central Única dos Trabalhadores (CUT) é fundada em agosto de 1984 em Criciúma, e unido a isso o “Novo Sindicalismo” vai adentrar nos meios sindicais da cidade transmudando as concepções, iniciando no Sindicato Vestuarista uma nova gestão. Com as mudanças ocorridas na cidade os partidos PDT e PT disputaram as direções sindicais da cidade, e não foi diferente no Sindicato do Vestuário, iniciando os embates na eleição de 1985.

4.2.1 As eleições sindicais de 1985

O Sindicato Vestuarista nasce em meio dos processos da abertura política brasileira, fim do Milagre Econômico, estruturação do novo sindicalismo, greves, desempregos. Esse cenário favoreceu a unidade sindical da cidade de Criciúma, desde sua fundação no ano de 1979, até o ano de 1985 o sindicato teve Dona Ana Aurino Borges dos Reis a frente do cargo de presidência, após a greve de 1982, greve da qual a categoria saiu vitoriosa, as relações entre a então presidenta e a base sindical se estremeceram.

Em oitenta e dois parece no primeiro ano de direção do sindicato a gente chegou à conclusão que não dava para caminhar junto, a gente fez um debate interno na diretoria, no popular a gente fala que quebrou o pau. E aí eu me lembro que eu falei para Dona Ana, eu disse: olha a gente não tem como eu trabalhar junto, não nós pensamos diferente, a visão

*de sindicato é outra. Então a gente se encontra em oitenta e cinco na eleição do sindicato.*⁷⁰

Com a chegada do ano de 1985, as novas eleições sindicais se aproximavam, e um grupo de trabalhadores criaram uma chapa de oposição. Dona Ana, como era conhecida a presidente do sindicato, pretendia se reeleger pela terceira vez, e isso foi o carro chefe na campanha da chapa de oposição, na qual traziam em seu material de campanha acusações a presidente como a concepção de “dona do sindicato”. Uma outra estratégia adotada pelos opositores, foi a de articular falas e conversas com as/os trabalhadoras/es em suas casas, sem chamar atenção de presidência, reuniões menores com maior contato com os companheiros.

*E aí foi aconteceu, a partir dali nós começamos a organizar, então a gente foi esse fazendo a reunião, os três, quatro pessoas. A gente começou a fazer aquelas conversa aí tiramos uma um encaminhamento de fazer uma reunião por mês, olha só. Cada mês a gente fazia uma reunião e escolhia, e definia em qual empresa que a gente ia investir. Fazer sondagem, conversar com pessoas, com trabalhadores, trabalhadora, tecelão pra gente convidar pra reunião o seguinte, e uma coisa que naquela época também era ainda um pouco oitenta e quatro, imagina oitenta e três, a coisa ainda era estava ainda regime militar, aquela coisa toda, então todo cuidado e a gente também temia que oportunidade estivesse, se ela soubesse que nós estávamos fazendo aquilo né ela poderia nos entregar e o pessoal ser demitido e tal, então a gente fazia assim, a cada dois meses a gente trocava de local da reunião.*⁷¹

A estratégia traçada pela Chapa de Oposição, possibilitou um acesso as demandas das trabalhadoras com maior sensibilidade. Percebemos esse empenho nos documentos e manifestos da oposição analisando as propostas, tais como segurança no transporte das trabalhadoras, reuniões mensais nas

⁷⁰ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022

⁷¹ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

fábricas e indústrias, a necessidade de creches, as denúncias de assédios. Nesta questão percebemos uma participação maior das trabalhadoras na formulação dos documentos do Sindicato. A oposição contava também com o auxílio da Pastoral Operária, CEDIP, PT e com a CUT para realizar a campanha e os materiais eleitorais.

E aí foi assim, passou oitenta e três aí já está um grupo maior. Aí a gente chegou tinha o apoio da companheirada ali do pessoal da pastoral Operária, e eu também já participava, militava na pastoral operária de Criciúma, era um movimento muito forte. Daí em oitenta e quatro já quando começou, eu falei oitenta e três, na verdade, oitenta e quatro, aí quando chegou no final do ano a gente começou a até mais buscar assessoria, ver advogado. Então a gente foi atrás do Chico Baltazar para me conhecer aí Paulo Olímpico caramba fomos atrás dele tinha escritório e na época ele e a esposa dele que [...] eles passaram também da assessoria jurídica pra nós, e o Nei Manique era o responsável pra organizar o material, fazer panfletos, essas coisas a gente foi fazendo. A gente montou, foi montando o grupo. Quando a gente fez um encontro, a gente estava com a chapa praticamente pronta [...] a gente fez um “mosquitinho” e eu fui entregando em algumas fábricas e dizendo para as pessoas que iria ter as eleições do sindicato, ia ter chapa de oposição. Não me identifiquei, ia ter, mas não dizia quem era, que em um determinado local teria um encontro e quem quisesse participar poderia se apresentar lá.⁷²

A campanha da Chapa de Oposição foi marcada por denúncias e slogans potentes, acompanhados de uma certa ironia, com suposições fáceis na compreensão, textos curtos em cartazes e manifestos que além de promessas de campanha, discutiam a importância do sindicalismo, sua história e suas lutas.

⁷² Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.



Figura

Fonte: O Carretel, n. 1, 1985. Arquivo do CEDIP – CEDOC

Com a frase de efeito “Cortar o que não presta, chutar o que não serve e costurar um Novo Sindicato” a Chapa de Oposição fazia questão, não apenas de apresentar a história do coletivo, como incitar as melhorias necessárias, mas ignoradas pela gestão de Dona Ana. Em um dos documentos escritos em parceria com a Pastoral Operária em outubro de 1985, o texto faz questão de rememorar a greve de 1982, na qual denuncia o peleguismo de Dona Ana.

Nós da Pastoral Operária estivemos em 1982 junto com você vestuarista, quando percebemos que para ter melhor salário e melhores condições de trabalho tiveram que entrar em greve. Estivemos junto na preparação da greve, nas músicas, nos piquetes... Nestes dias contamos com o apoio da presidente do Sindicato, que ficou “contente” com o apoio da Pastoral. Hoje a coisa é diferente. Diferente porque todos os que estavam na luta foram logrados pela atual presidente que, pelo fato d’ela não ter dado continuidade a luta para promoção pessoal, traindo a vontade da categoria. Por isso estamos firmes apoiando a CHAPA 2 que é formada por companheiros que foram traídos como nós. Pedimos que a companheira ou companheiro que lê esse panfleto pensasse sobre o risco que estes trabalhadores estão passando pelo fato de defenderem essa proposta. Se perderem as eleições com certeza a maioria deles serão demitidos a começar pelo Valdeci e Olga.

Se a chapa 1 perder alguém será demitido?

Qual a chapa que os patrões estão apoiando?⁷³

A influência positiva da Pastoral Operária foi fundamental nas eleições de 1985, já que o alcance de seus discursos eram diferentes dos quais a Chapa teria acesso, eles não estavam apenas nas fábricas, e sim nas comunidades. Segundo Miranda (2013), outro fator importante na campanha da chapa 2, foi o apoio de outros sindicatos, os metalúrgicos e os rodoviários, não sendo tradicional outras categorias demonstrar apoio explicitamente, mas em 1985, os sindicatos ligados à CUT e o PT deram sustentação a campanha.

O documento “A Luta dos Vestuarista” descreve as condições de trabalho da indústria vestuarista de Criciúma por meio de pontuações, descritas a seguir:

As condições de Trabalho na Indústria do Vestuário de Criciúma

Diariamente, cerca de 10 mil trabalhadores na indústria do vestuário de Criciúma se deslocam de seus bairros da periferia até o local de trabalho.

Na sua grande maioria são operárias moças e senhoras que devido ao baixo salário de seus maridos e pais, são obrigadas a trabalhar para seu próprio sustento e de sua família.

Em troca de um salário arrojado, enfrentam uma enorme jornada de trabalho de 48 horas semanais – sem contar com as horas-extras. São esses trabalhadores e trabalhadoras que produzem os calçados, as malhas e os vestuários que depois a população compra com preços caríssimos nas lojas da nossa cidade.

Embora a maior parte desses produtos – especialmente os calçados – são para exportação.

O fato é que muita gente está se enriquecendo ...

- As custas dos baixos salários...

- As custas de muita exploração...

E como serão as condições de trabalho nestas fábricas de calçados e vestuários?

⁷³ Boletim Informativo da Chapa 2, 1885. Arquivo do CEDIP – CEDOC

Além dos problemas relacionados aos baixos salários e a extensa jornada de trabalho, bem como as horas extras que os patrões obrigam a fazer – inclusive as mulheres, o que é proibido por lei, constata-se:

Os curtíssimos intervalos para o lanche;

O controle rigoroso nos banheiros;

As famosas cantadas e violências que mulheres sofrem dentro da maioria das fábricas;

O ritmo intensivo da produção, o cansaço e a monotonia;

O ruído infernal e os locais insalubres;

As péssimas condições de refeitórios, etc.. são as reclamações mais comuns na categoria.

O que fazer diante desta triste realidade? Devemos esperar que nossos patrões fiquem bonzinhos e melhorem nosso salários?



Figura

Fonte: A Luta dos Vestuaristas, 1985. Arquivo do CEDIP – CEDOC

Dentro das promessas de campanha da Chapa de Oposição, o manifesto sobre “As condições de Trabalho na Indústria do Vestuário” enumera as carências e retrata esse coletivo. O documento iniciando o diálogo discutindo o deslocamento das trabalhadoras, pontuando a questão que “se deslocam da

periferia, até o local de trabalho.” Essa pontuação se torna interessante pelo fato de localizar o espaço que essas mulheres ocupam na constituição da cidade, permite analisarmos a intersecção dos locais de poder. Seguindo com o texto “Em sua grande maioria são operárias, moças e senhoras que, devido os baixos salários de seus maridos ou pais, são obrigadas a trabalhar para o seu próprio sustento ou de sua família.” Essas linhas se desenham na alusão da divisão sexual do trabalho, no momento que o texto afirma que elas só trabalham por conta da falha do sistema com os seus companheiros, a questão dos baixos salários afetam a masculinidade que é prevista como responsável pelo sustento.

Segundo Gonçalves *et al.* (2016, p. 18),

As mulheres comporiam, todavia, um segmento distinto da classe operária, na medida em que a força de trabalho feminina era fortemente influenciada pelo fardo das sobrecarregadas responsabilidades doméstica e pelo papel socialmente construído acerca da reprodução.

Concepção que considera valido o trabalho produzido pelo masculino, e inviabiliza a necessidade e autenticidade do trabalho feminino. Adiante no documento a questão da mais-valia⁷⁴ é apresentada a partir da disparidade do salário pago as trabalhadoras e o preço das peças produzidas por elas. E por fim, as denúncias de intervalos curtos, controle do banheiro, “as famosas cantadas” e violências que as trabalhadoras sofrem diariamente, ritmo intenso na produção, ruídos e insalubridades, condições ruins dos refeitórios. Os atravessamentos expostos configuram a força de trabalho vestuarista em sua interseccionalidade, através dos marcadores sociais que correspondem ao espaço em que vive, faixa etária, relação salarial, gênero, divisão de trabalho, creches, as violências. E se finda na classe, não como marcador com maior importância, mas possibilidade de local de fala⁷⁵ por meio do Sindicato.

[...] A gente começou a pautar isso mesa de negociação patronal, essa questão da creche. Aí teve algumas empresas que começaram a

⁷⁴ Karl Marx defendia que a Mais-valia era o processo de exploração da força de trabalho assalariada. Segundo o pensador os trabalhadores e trabalhadoras não recebem o equivalente do que produzem.

⁷⁵ A concepção de local de fala tem como definição o objetivo de oferecer aos sujeitos visibilidade para seus pensamentos, considerando que esses por um longo período tiveram suas considerações cerceadas ou invisibilizadas.

também pressionar o poder público, me lembro disso um pouco. E aí começou a ter creches perto das empresas. E eu me lembro que a gente nós tinha uma cultura de nós irmos todo dia seis horas da manhã para as portas de fábrica, então era rotina. [...] Então a gente ia para as portas de fábrica, a gente acompanhava as vezes no ônibus, inclusive quando pessoas estavam embarcando no ônibus, lá do bairro onde eu morava que tinha uma mulher que ela tinha duas crianças pequenas, muitas vezes ajudava ela a embarcar no ônibus, ou outras pessoas ajudavam, porque além dela levar as duas crianças tinha roupa, que ela levava pra creche, ela trabalhava na Calcutá e ela deixava numa creche ali perto das imediações da Calcutá que é no centro de Criciúma. E depois ia pro trabalho, e aí de cinco horas fazia isso. Então elas começaram a ter isso, as empresas, algumas delas não era toda, mas para o interior tinha mais dificuldade. Mas uma coisa que a gente se deparou também nas empresas ali, naquele período, foi a questão do assédio.⁷⁶

As considerações elencadas pela oposição, segundo as fontes e depoimentos, foram adquiridos no contato com a base sindical. Assim, o que nos fica evidente é que as questões básicas como a creche, ou políticas contra o assédio, são simbolizadas como propostas principais na campanha, o que indica que a gestão que estava no comando não demonstrava interesse nesses aspectos. Esse se torna um ponto crucial na discussão, pois assistimos uma mulher no comando, que sem o contato com as trabalhadoras não percebe as reais necessidades do seu coletivo, e acaba direcionando as políticas sindicais a universalização do operário.

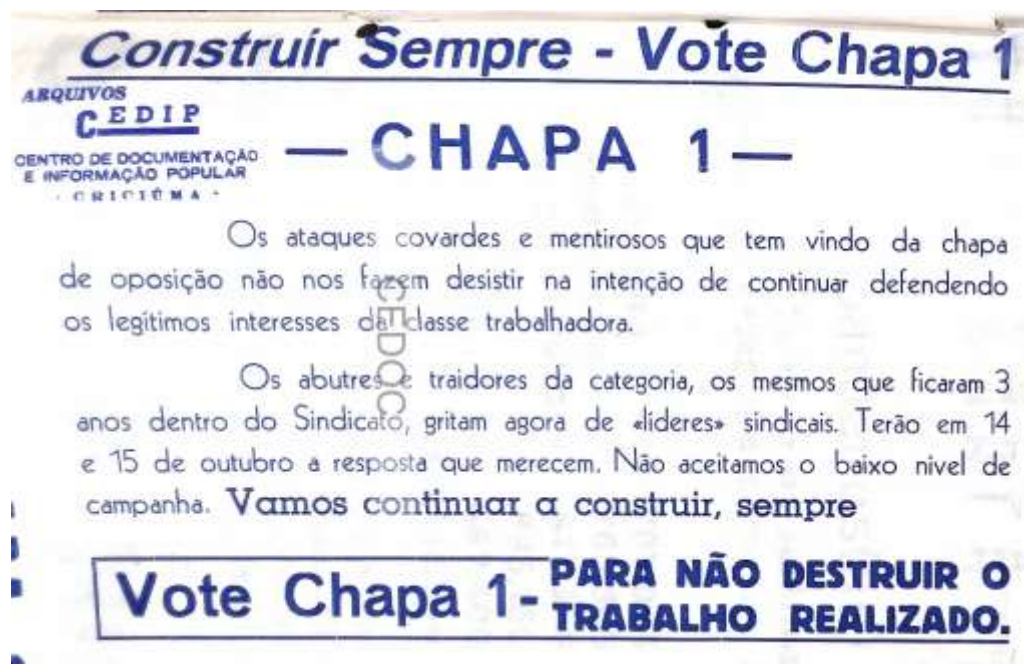
Dentro da análise da eleição de 1985, outra questão fundamental, esteve ligada a filiação política dos candidatos das chapas que disputavam a presidência. Dona Ana, a então presidente do sindicato era ligada ao PDT, e seus aliados se encontravam no Sindicato dos Mineiros, atribuído a eles o sindicalismo de Estado, ou popular. Já a chapa 2 mantinha relações com o PT e a CUT, e defendiam a reformulação advinda do Novo Sindicalismo. Essa relação com a base, que trocava a imagem do presidente pela do coletivo, se inaugura com o Novo Sindicalismo. Mas, para além de disputas de ideológicas as eleições de novembro de 1985 foram marcadas pela disputa política, filiados de ambos

⁷⁶ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

os partidos assessoraram as chapas e a relação interseccionada nessa questão amplifica a rivalidade entre os dois grupos.

[...] era seguinte, ele tinha não sei se foi quatro eleições anteriores que ele tinha contribuído com o trabalho dele, e que não tinham sido vitoriosas, por conta dos esquemas que eles montavam de roubar as eleições, e essa seria a primeira eleição e a primeira vitória de uma chapa de oposição e naquela oportunidade, já tinha vinculação com o PT em oitenta e cinco então, de certa forma em vista da esquerda, tinha uma disputa com o pessoal do PDT, [...]. Em cada eleição dessa que ocorria que tinha o pessoal do PDT, a gente tinha a oposição do pessoal do PT e ganhava a eleição, então foi muito legal naquele período.⁷⁷

A respeito do material de campanha da Chapa 1, não encontramos muitas fontes, um documento intitulado “Construir Sempre” buscava desvincular as acusações da Chapa 2, de oposição, e acusá-los de traição por serem ex-membros da gestão que se finalizava. “Abutres traidores da categoria” e “Não aceitamos o baixo nível de campanha” correspondem a resposta da chapa “Construir sempre” para os ataques vindos da Chapa de Oposição.



⁷⁷ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

Figura

Fonte: Material de campanha Chapa 1, 1985. Arquivo do CEDIP – CEDOC

Após alguns dias de campanha e trocas de acusações, as eleições ocorreram nos dias 14 e 15 de outubro do ano de 1985, e ao final consolidou a vitória da chapa de oposição.

[...] era seguinte, ele tinha não sei se foi quatro eleições anteriores que ele tinha contribuído com o trabalho dele, e que não tinham sido vitoriosas, por conta dos esquemas que eles montavam de roubar as eleições, e essa seria a primeira eleição e a primeira vitória de uma chapa de oposição e naquela oportunidade, já tinha vinculação com o PT em oitenta e cinco então, de certa forma em vista da esquerda, tinha uma disputa com o pessoal do PDT, [...]. Em cada eleição dessa que ocorria que tinha o pessoal do PDT, a gente tinha a oposição do pessoal do PT e ganhava a eleição, então foi muito legal naquele período.⁷⁸

Essa eleição marcou a ruptura entre o velho sindicalismo, e a estruturação do Novo Sindicalismo na região, segundo a oposição. Como relata Miranda “Criciúma passou a ser referência para o sindicalismo cutista de Santa Catarina, [...]. Os vestuaristas, por seu lado, tornaram-se a representação mais autêntica do novo sindicalismo na cidade.”. (2013, p. 186). Assim, a partir de dezembro de 1985, o coletivo do vestuário assistiu a sua reorganização, se tornando um dos Sindicato mais combativos da região, e se orquestrando através de suas experiências, observamos nesse período uma autonomia maior desse coletivo, isso se compararmos com o período anterior no qual a relação com os mineiros cerceava suas atuações.

A posse foi em uma sexta-feira a noite, dia 15 de novembro. Ai na segunda-feira quando eu fui abrir o sindicato pensei, putz e agora? Não sabia nada, chegou o pessoal para falar algumas coisas lá, trazer situação de rescisão de contrato e eu peguei e liguei para o Chico Baltazar. O Chico como é que eu faço agora aqui, te f... sincero. Foi

⁷⁸ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

*bem assim no telefone. Porque tinha que fazer, agora a tarefa era minha.*⁷⁹

A reestruturação do Sindicato Vestuarista ocorreu de maneira gradual, a partir do mandato da chapa de oposição, que por meio das eleições de 1985 implantaram novas configurações e democratizaram o estatuto do sindicato (SILVA, 2006). Com a nova gestão e sua aproximação da CUT e do PT, e passou a liderar os movimentos grevistas na cidade de Criciúma, se tornando um exemplo de coletivo combativo com paralizações programadas bem articuladas.

A gente foi eleito. Eles me convidaram para eu ir trabalhar junto lá dentro. Porque eles viram que eu tinha um perfil que daria certo, eu enquanto sindicalista e atuar no atendimento das pessoas lá dentro. Eles não queriam que fosse alguém só técnico. Que tivesse essa participação e claro eu fiquei super assustada com tudo isso, mas daí eu topei porque o pessoal era muito acolhedor, e tinha o Chico Baltazar e a esposa dele, os dois advogados, eles se propuseram a me ensinar tudo que fosse de legislação, que eu precisava saber, tudo que fosse de rescisão de contrato. Porque eu iria precisar orientar o pessoal. Então eu aceitei, e aí foi um período de bastante aprendizado. De conhecer pessoas de outros sindicatos. De aprender como que funciona o sindicato. A gente tinha muita formação política naquela época. Sabe? Porque a CUT era um órgão muito atuante. Então tinha essas hierarquias, a gente participava de muitos congressos. Então isso era inevitável, a gente tinha que ir aprender. Era muito forte essa questão do sindicato pelego, dos sindicalistas que se vendiam, a gente usava muito esse termo. Que se vendiam que negociavam por baixo dos panos com os patrões. E então a gente se colocava como os que não faziam isso, que era uma nova proposta. Só que depois tudo na prática foi se dando de uma forma muito difícil porque tudo não era tão fácil. Eu fui percebendo as dificuldades minhas como pessoa. Porque eu tinha que fazer muito enfrentamento. Com a quem eu aquela que ficava lá quietinha no canto, e tinha que desenvolver tudo isso foi sempre muito difícil. Muito. Até para o pessoal das fábricas, ir convencer, conversar, porque a gente fazia muita assembleia.

⁷⁹ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

*Campanha de filiação, esclarecimento e tinha a época da negociação.*⁸⁰

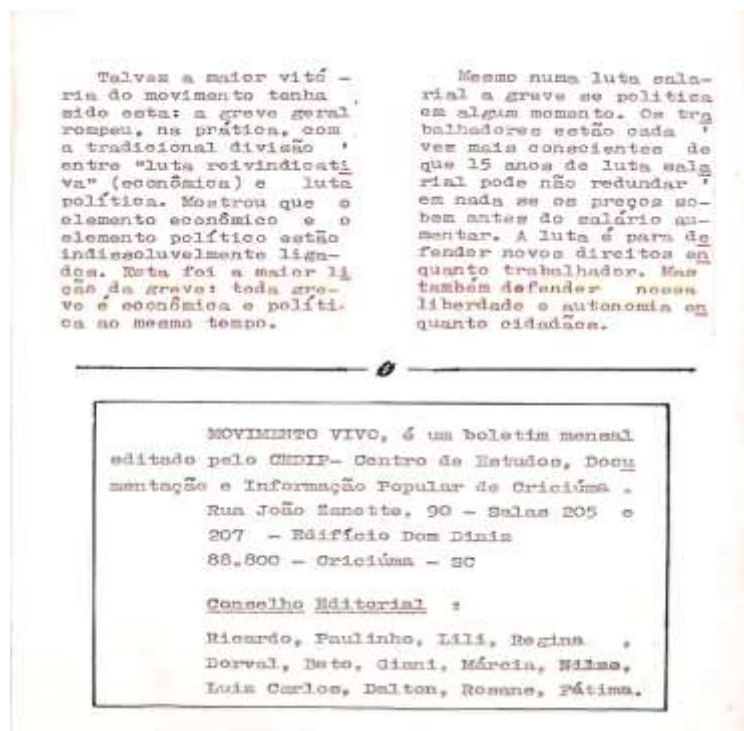
No ano de 1986, Criciúma vivenciou “[...] greve geral de maio de 1986, comandada pela CUT, estourou após a greve dos 10 mil mineiros, fazendo para a cidade.” (SILVA, 2006, p. 36). As paralizações de maio de oitenta e seis, diferente da experiência de 1979, essa mobilização foi coordenada e orquestrada pelas categorias. (MIRANDA, 2013) O Centro de Estudos, Documentação e Informação Popular (CEDIP), orquestrou os materiais utilizados para formação política sindical dos coletivos da cidade.

Segundo o boletim mensal do CEDIP:

Talvez a maior vitória do movimento tenha sido esta: a greve geral rompeu, na prática, com a tradicional divisão entre “luta reivindicativa” (econômica) e luta política. Mostrou que o elemento econômico e o elemento político estão indiscutivelmente ligados. Esta foi a maior lição da greve: toda greve é econômica e política ao mesmo tempo.

Mesmo numa luta salarial a greve se politiza em algum momento. Os trabalhadores estão cada vez mais conscientes de que 15 anos de luta a salarial pode não redundar em nada se os preços sobem antes do salário aumentar. A luta é para defender nossos direitos enquanto trabalhador. Mas, também defender nossa liberdade e autonomia enquanto cidadãos.

⁸⁰ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.



Figura

Fonte: Boletim Mensal CEDIP. Arquivo do CEDIP – CEDOC

No boletim mensal do CEDIP, a mensagem principal é o rompimento entre as reivindicações econômicas e as reivindicações políticas, constituindo um paralelo indissociável entre essas lutas. As discussões políticas atingem e influenciam as questões econômicas, e as lutas de classe são inseridas nesses cenários. Os atravessamentos mencionados pelo boletim configurou a nova perspectiva ideológica que conspirou na escrita da Constituição de 1988.

E tu pode ver que isso tem a ver, esse foi um momento em, porque assim, teve um momento que todas todos esses militantes de sindicato se filiaram no partido político que foi o PT. Isso caminhava paralelo, assim e aí e a atuação no partido começou a se ficar forte, então existia, a gente cuidava para não misturar as coisas. Mas, existia aquele mesmo pessoal do sindicato participando do partido, e o PT foi tomando corpo nacionalmente e assumindo administrações. Então

aquelas mesmas pessoas começaram a participar da política. De forma mais direta.⁸¹

Os percalços dos movimentos sindicalistas viabilizaram as conquistas que culminaram na escrita da Constituição de 1988. As demandas e os diálogos não apenas configuraram o cenário pós-ditadura, como possibilitaram a presença de sujeitos antes inviabilizados no cenário político. Mas todas as conquistas vieram por meio de greves e protestos.



Figura

Fonte: Boletim Nacional do PT, 1986, CEDIP. Arquivo do CEDIP – CEDOC

No Boletim Nacional do PT de junho de 1986, na matéria “Uma cidade contra o pacto”, relata a Greve Geral ocorrida durante uma semana no mês de maio na cidade de Criciúma. A paralização se iniciou com os mineiros no dia 11 de maio, e em seguinte outros setores paralisaram. Junto aos mineiros,

⁸¹ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

Sindicatos dos Ceramistas, Vestuário, Calçadistas, Metalúrgico, Motoristas, Papeleiros, Coureiros, vigilantes e parcialmente os Comerciários. A Greve Geral foi marcado por passeatas e atos públicos que envolveram as diversas categorias, configurando uma movimentação inédita na região. As pautas de reivindicações eram particulares a cada coletivo, mas ao longo da greve se entrelaçaram nas exigências da reposição das perdas salariais impostas pelo pacote econômico do Governo, ele foi a primeira medida de uma sequência de medidas criadas para tentar controlar a inflação.

O Sindicato Vestuarista de Criciúma vivenciou sua primeira experiência grevista sob o comando da Chapa de Oposição na greve de maio 1986. A gestão da Chapa 2 era associada ao PT e a CUT, e suas pautas se associavam aos demais coletivos ligados ao partido. Essa primeira experiência grevista pós-eleição foi marcada pela violência vinda das chefias das fábricas e indústrias, relatos da mídia jornalística denunciam as tentativas de atropelamento, demissões e agressões contra as/os trabalhadoras/es vestuaristas paralisadas.

Eu lembro que foi a primeira greve geral que a gente participou, não sei se era greve geral ou era greve de nossa categoria, e que veio outros sindicatos ajudar. Eu estava fazendo piquete numa fábrica que era bem ali onde é o posto São Pedro, aqui na Henrique Lage, ali naquele cruzamento tinha uma fábrica. E aí teve um encarregado, ou era dono da empresa que na hora que ele queria entrar, e ele na hora de entrar, tinha várias pessoas ali, vários homens em tudo e ele veio aonde eu estava. Entendi. Ficou muito forte isso. E aí ele meio que forçou a passagem, me empurrando e isso depois até o Lessa veio, me entrevistou. Sim, porque gerou um bafafá, então ficou destacada essa questão do gênero ali. Daquela pessoa lá da fábrica. E aí se casou polêmica. Então Isso surgia, em algumas situações.⁸²

As paralizações permaneceram durante o mês de maio de 1986, e segundo o Jornal Catarinense de 28 de maio de 1986, a greve de 12 mil vestuaristas e calçadistas de Criciúma terminava, após quinze dias de

⁸² Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

paralizações, que ocorreram com cerca de 100 pequenas e médias indústrias do Sul do Estado. “[...] o Tribunal Regional do Trabalho julgou o dissídio coletivo da categoria e concedeu o pagamento dos dias parados, 4% de produtividade, estabilidade por um ano, piso salarial de Cz\$ 965 e um reajuste de 34%.”⁸³. O sindicato vestuarista considerou que as decisões do julgamento foram vitoriosas para o coletivo que saiu comemorando sua conquista.



Figura

Fonte: O Carretel, n. 3, junho de 1986. Arquivo do CEDIP – CEDOC.

Além de estampar a capa do jornal “O Carretel” de junho de 1986, com a intitulação “A Greve e a Vitória dos Trabalhadores” o Jornal Catarinense publicou uma reportagem que afirmava que “A decisão do TRT vai beneficiar 20 mil trabalhadores de 100 fábricas da região, pondo fim a uma tumultuada greve onde não faltaram agressões físicas e verbais [...]”⁸⁴. Mesmo saindo vitoriosos da greve de 1986, o sindicato assiste e denuncia uma série de demissões como represarias as/aos operárias/os que aderiram a greve. No Jornal de SC de 29 de maio de 1986, o então presidente do sindicato, Valdeci da Silva relata a

⁸³ Arquivo do dossiê do CEDIP, Jornal Catarinense de 29 de maio de 1986, CEDOC. Criciúma.

⁸⁴ Idem.

demissão de 8 trabalhadores, ação contrária a decisão do TRT que garantiu estabilidade aos grevistas.

Eu acho que eu fui, fui a greve [...], eu nem sabia o que era greve, como é que se fazia, eu sei que por causa da greve que fiz eu fui demitida. Daí eu peguei o gosto pela coisa, daí durante as caminhadas que a gente fazia, as passeatas que a gente andava por umas estradas, que eu não lembro onde que era, com faixa e tal, ali que eu peguei o gosto pela coisa e comecei a entender o que era greve.⁸⁵

As experiências vindas dos confrontos e vitórias solidificaram o sindicato, e as relações de companheirismo estruturaram as relações entre mundo do trabalho e sociedade. Já não poderia pensar isoladamente sobre um aspecto, as discussões caminham juntas. Em 1988, assistimos a uma nova paralização da categoria, mas agora com uma nova direção, as eleições de 1988 elegem Izio Roberto Ignácio (Hulk) como novo presidente do sindicato (GOULARTI FILHO; NETO, 1997).

Aí eu saí do sindicato, terminei o segundo mandato. Eu acho que eu nem terminei bem o segundo mandato. Mas, eu não fui presidente, não aceitei o convite. Aí eu aceitei ser vice do Hulk. Fui vice dele. Aí eu estava sempre junto com ele para sabe, ele dava os berros, e eu acalmava. Eu trazia ele para o chão. Ele subia muito, e eu trazia ele para o chão, ajudava a pensar as coisas. Então foi uma parceria que deu certo, e aquele mandato foi bacana, foi legal. Eu senti o Hulk. Estava atuante e tentando fazer as coisas certas.⁸⁶

Os dez primeiros anos de atuação sindicalista do ramo do vestuário se configuram entre relações pautadas de classe, mas mergulhadas em aspectos interseccionais de gênero, raça, sexualidade, política, educação entre outros. Ao estudar nos documentos e por meio das entrevistas percebemos como a experiência deste coletivo permitem enxergar as micro relações estruturantes da sociedade, e com isso, compreender que os atravessamentos são opressores,

⁸⁵ Iracema de Souza. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

⁸⁶ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

mas construtores do ser. As universalizações imprimem imagens incorretas, e empobrecidas dos sujeitos.

4.2.2 A primeira, e única mulher presidente

O que chama atenção quando estudamos o princípio da trajetória do Sindicato Vestuarista de Criciúma, fica em torno de um sujeito histórico. Melhor dizendo, em torno de uma mulher, Ana Aurino Borges dos Reis, a primeira presidente deste coletivo, e a única mulher a frente deste cargo. O Sindicato ao longo das suas quatro décadas de existência presenciou uma única vez a experiência de ter mulher à frente da presidência, mesmo sendo composto por um maior número de mulheres, sua representação em cargos de chefia é irrelevante.

Como já pontuamos anteriormente, Ana Aurino era filiada ao PDT e sua composição política sindicalista interseccionava com as composições do partido, durante a greve de 1982, um novo sujeito militante entra em cena nos piquetes, Valdeci da Silva vinculado ao PT e a CUT, se torna a voz que representou os trabalhadores durante aquela paralização (MIRANDA, 2013). Essas relações políticas influenciaram diretamente na eleição do sindicato e da aplicação do novo sindicalismo, que altera a imagem de Ana perante o coletivo

Na busca por compreender as articulações que infeririam a composição da imagem sobre a Dona Ana, como era conhecida entre os seus companheiros, encontramos aspectos descritivos sobre ela em dois momentos específicos. O primeiro deles fica locado entre os anos de 1979 ao ano de 1982, ela era conhecida pelo seu trabalho atuante. Mantendo o slogan de “Chama Dona Ana, que ela resolve”, no qual não apenas ela era vista como combativa, como sua influência mantinha relações importantes com o Sindicato dos Mineiros. (Miranda, 2013) Em documentos da Pastoral Operária, já apresentados anteriormente, sua imagem se vincula aos atos combatente e uma administração confiável.

Segundo Antonio Luiz Miranda (2013), após a greve de 1982, sua imagem sofre mudanças abruptas, e o peleguismo passa a ser sua faca. Além dos documentos históricos encontrados no CEDOC, as informações sobre a

primeira presidente do sindicato são ilimitadas. A presidente Ana Aurino era natural do estado do Rio Grande do Sul, filiada ao partido PDT, detinha de experiências anteriores junto ao sindicalismo gaúcho, e por conta disso, sua participação foi fundamental na constituição do Sindicato Vestuarista. Suas relações políticas a aproximavam do Sindicato dos Mineiros, e seu modelo sindical era baseado no sindicalismo popular, aspecto que entrou em conflito com as premissas do Novo Sindicalismo que vinha sendo aplicado pelos movimentos filiados ao PT e CUT.

Dentro da teia analítica correspondente a mudança pela qual a imagem da presidenta sofre ao longo dos seus mandatos, podemos considerar alguns pontos que conduzem as linhas históricas correspondentes as discussões políticas, de gênero, representação e classe. Mas neste momento, vamos nos dedicar a linha que se interliga ao gênero. O Sindicato Vestuarista tem sua história marcada como o primeiro da região sul catarinense a ter a sua frente uma mulher, por mais que esse setor denote um número expressivo de mulheres, não era natural ter uma delas a frente do coletivo. Segundo Keline B. Lopes (2018) As mulheres estavam nas indústrias, nos movimentos sindicais e nas paralizações, mas por conta da homogeneização pela qual a classe trabalhadora é tratada, as mulheres foram apagadas e passaram a fazer parte de uma história único.

A composição do Sindicato Vestuarista de Criciúma possibilita o reconhecimento das mulheres e suas importâncias na economia da região, e a sua participação na formação do sindicalismo da região carbonífera. A presidência de Dona Ana subverte os discursos de ausência de mulheres nos movimentos sindicais da década de setenta, e reforça a importância de políticas institucionais de integração feminina nos setores organizações dos sindicatos e nos partidos políticos. Nosso intuito com em analisar os materiais de campanha a seguir, não é discutir se houve peleguismo nas ações de Ana Aurino Borges dos Reis, mas interpretar a imagem das mulheres do sindicato que são apresentadas no material.

Segundo o Manifesto da Oposição:

Oposição Vestuarista de Criciúma

Uma breve análise do Sindicato e da Direção

O Sindicato do Vestuário, ou dos Vestuaristas como é conhecido teve desde a sua fundação como presidente do Sindicato a senhora ANA AURINO BORGES DO REIS. Extremamente autoritária e centralizadora das decisões, d. Ana era tida, no início, como uma dirigente sindical combativa. Porém, na medida em que foi sendo conhecida pela forma como conduzia o Sindicato, sua prática autoritária e pelega foi aos poucos sendo desmascarada nos meios sindicais da região, principalmente junto a sua categoria.

Tal postura da presidente ficou evidente com a primeira e única greve da categoria, que ocorreu em 1982. Diante das péssimas condições de trabalho e de salário, os trabalhadores da indústria do Vestuário – em sua grande maioria constituída por mulheres – jovens operárias – a categoria deflagrou um movimento. Um dia antes da greve, d. Ana se posicionou contrária a mesma, alegando que a categoria não estava preparada e coisas do gênero. A greve (vitoriosa em alguns aspectos) só foi possível devido a disposição de luta da categoria e do apoio decisivo da Pastoral Operária que teve participação importante no decorrer da mobilização.



Figura

Fonte: Manifesto da Oposição Vestuarista de Criciúma, 1985, CEDIP. Arquivo do CEDIP – CEDOC

O Manifesto “Oposição Vestuarista de Criciúma”, se propõe a contar de maneira simplificada a história de fundação do sindicato. Nas linhas que compõem o documento, Ana Aurino ganha destaque por ser descrita como extremamente autoritária e centralizadora de decisões. Sua importância junto ao coletivo na implantação do Sindicato não é explicitada. O texto inicia explicando que Ana teria enganado a categoria atuando como uma figura combativa, mas com o passar do tempo ela teria sido desmascarada por seus companheiros, principalmente durante a greve de 1982, ao se posicionar contra a paralização. Ainda no documento Ana Aurino tem sua imagem vinculada aos patrões, sendo taxada como “Dona do Sindicato”, invertendo a composição anterior no qual “Dona Ana” era ligado as ações positivas de cuidado, esse movimento converte o “Dona” para as ações autoritárias, sugerindo que suas ações estavam ligadas ao bem-estar dos donos das fábricas e indústrias.

Ainda no manifesto as mulheres da categoria são apresentadas como “jovens operárias”, negativando a representação de Ana a frente do coletivo, essas operárias nada tem de semelhante a líder autoritária que mantém relações positivas com patrões. Dessa forma, conseguimos compreender como essa manifestação inseriu a percepção indigna da presidente junto aos seus. Em um outro documento produzido pela Chapa de Oposição, Ana é acusada de “mostrar sua verdadeira identidade autoritária, pelega, falsa... começou a agir como se fosse uma patroa, uma dona do sindicato”. Em outros documentos ela é responsabilizada pelos baixos salários das operárias. Toda a campanha de 1985 se desenha em contar a história de maneira dual, Dona Ana (mal), as mulheres operárias (frágeis), oposição (heróis). Foi uma campanha insistente na desconstrução e reconstrução da imagem da presidenta.

Então eu lembro que a dona Ana era uma pessoa é braba. Uma pessoa de mais idade, ela não era muito, o tratamento que ela dava as pessoas, parecia assim, mais ríspido. Que de ouvir falar assim. E que ela não era muito confiável, assim, nas negociações, nos tratos com os patrões e na defesa dos direitos, isso chegou pra mim. De contato direto com ela, só eu acho no dia da eleição, ou às vezes quando a gente encruzava na própria campanha da chapa. Teve situações assim, de a gente ter se cruzado, mas eu tinha medo. Eu tinha medo.

Para mim ela parecia alguém assim, que poderia me avançar. E fiz uma festa. Naquela época eu fiz uma festa quando a gente conseguiu tirar ela, e eu entrei na onda do povo ali, do grupo e achei o máximo. A dona Zelinda ela era uma das pessoas que estava com a dona Ana e que depois ficou junto com o Valdeci [...] ela falava mal da dona Ana.⁸⁷

A campanha eleitoral da oposição em 1985 travou uma batalha contra a imagem de Ana, suas denúncias eram todas direcionadas a ela, não a sua gestão. As imagens que encontramos sobre essa mulher são descritas por meio das experiências do Sindicato, inicialmente ligadas a posições positivas, mas findadas na tirania inimiga do coletivo. A presidente finaliza seu vínculo à categoria carregando acusações de peleguismo e traição. Muitas operárias não conheceram a presidente, mas a caracterização produzida pelo discurso dos opositores intensificou a negativa sobre ela, tornando-a a grande vilã do Sindicato. Após a derrota de Ana nas eleições de 1985, nenhuma outra mulher ocupou o cargo de presidência.

Meu ex-marido ele me apoiava se eu quisesse quando a gente estava refletindo sobre eu ser a candidata a presidente, sabe? Eu me lembro de uma conversa que a gente teve, e ele me incentivou, mas eu tive medo. Eu achei que os embates, eu imaginava tudo que o presidente tinha que fazer e tal, a representatividade que tem que ter, o falar no rádio às vezes, as essas coisas todas, eu se eu pudesse me esconder, eu me escondia. [...]. Então ao ter os meus filhos eu poderia ter ficado, eu poderia ter dito, mas eu vou dar um jeito, meu marido era bem parceiro nisso, companheiro tanto que ele me apoiaria, ele disse para mim ser presidente. Mas foi uma forma de eu sair daquele lugar estava desconfortável que alguma coisa estava desconfortável. Então os princípios de luta assim, não eram tão fortes assim. A ponto de eu passar por cima de tudo.⁸⁸

Não podemos afirmar que a exposição acometida a Dona Ana tenha caracterizado o receio de assumir o cargo, mas após uma campanha baseada em ataques pessoais, o medo e receio pelos embates impossibilitaram a

⁸⁷ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

⁸⁸ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

entrevistada de ocupar o cargo, mas, podemos afirmar a naturalização das sociedades pós-capitalistas em desprezar mulheres em situação de poder, o ato de atacá-las com discursos de histeria, raiva e falta de bom-senso são recorrentes quando estudamos histórias de mulheres. Quando propomos estudar as experiências das trabalhadoras do Sindicato do Vestuário, constatamos que os “sistemas de poder são contingentes e não fixas.” (COLLINS, 2022, p. 322) Sendo assim, Ana Aurino simboliza um local de poder ocupado pelo feminino neste mundo masculinizado do sindicalismo, poder político que atua frente a classe, que interferido pelo gênero desenvolve opressões, desencadeando relações interseccionais subjetivas a esse coletivo.

4.2.3 O Carretel: a experiência nas páginas do jornal

Os jornais sindicais foram e ainda são um importante mecanismo que facilitou a comunicação e trocas entre a sua própria categoria, como com as demais. “[...] os jornalistas sindicais têm em mãos a ferramenta mais eficaz para conscientizar a categoria e motivá-la a realizar atos, manifestações e movimentos paredistas pela garantia de direitos e conquista de benefícios.” (MOURA, 2006, p. 09) A partir dos jornais, as direções sindicais detinham de um contato potencializado com a base da categoria, e um efetividade maior na participação.

Após a vitória da Chapa de Oposição em 1985, o Sindicato sofreu uma reestruturação em seu modo operante. Diante das mudanças sofridas na administração do coletivo, a criação de um jornal sindical incitou o que viria ser a nova gestão. Com o auxílio do CEDIP a direção recém-eleita busca um diálogo horizontal com as trabalhadoras, e “O Carretel” estreia sua primeira edição em dezembro do mesmo ano, no qual comemora a vitória da Chapa de Oposição:

O ano de 1985 vai ficar na memória de muita gente. O SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DO VESTUÁRIO DE CRICIÚMA, depois de ficar 6 anos nas mãos de quem pouco se importava com a nossa categoria, foi reconquistado. A batalha foi dura, mas só valeu a pena. Desde 84 que os companheiros vinham se organizando, reunindo-se sempre em segredo para evitar que os “dedos-duros” fizessem o seu serviço⁸⁹.

⁸⁹ O Carretel. n. 1, dezembro de 1985. CEDOC, arquivo do CEDIP.

Essa edição primeira foi bem aceita pela categoria, ato que solidificou tornou o material informativo combativo, e sua circulação se tornou mensal e foi ampliada entre as fabricas e indústrias pertencentes a base sindical de Criciúma. Por meio do jornal as/os trabalhadoras/es detinham de um canal informal, mas que conotava a confiança desse coletivo.



Figura

Fonte: O Carretel, n. 1, dezembro 1985. Arquivo do CEDIP – CEDOC.

A primeira edição do “O Carretel” traz como frase de capa “Em 86, o nosso sindicato vai dar muito pano para a manga”, sugerindo o que viria a ser o jornal. Na primeira edição já inaugurava colunas de denúncias, nas quais as trabalhadoras constituíram um local seguro e acolhedor para as suas falas, na qual não questionadas sobre a veracidade, mas sim, ouvidas. O folhetim desenvolveu uma imagem positiva sobre o sindicalismo, e a participação das mulheres no coletivo como princípio fundamental. A identidade do jornal com a assessoria do CEDIP foi sendo desenvolvida aos longos das publicações.

Eu lembro que eu o Nei Manique, ele nos assessorava na produção do jornal, e uma vez o João Batanolli veio lá pra me dar várias dicas. Sabe? De do em relação a como produzir assim. Eu tenho muito

carinho quando eu lembro do João naquela época sempre foi essa relação bem carinhosa.⁹⁰

Ainda na primeira edição, o jornal traz denúncias sobre a gestão anterior e as dívidas contraídas por ela, e herdadas pela nova gestão. Na parte Linhas e Fios, o folhetim faz acusações sobre supostas agressões e assédios. Dando início ao que viria ser o “Boca no Trombone” e “Linhas e Fios” canais de denúncias do “O Carretel”, que a partir da 6ª edição vincula as colunas que explicitam os maus-tratos cometidos por patrões e encarregados em diversas empresas. O “Linhas e Fios” além das queixas trazia informações de cursos e serviços oferecidos pelo Sindicato.

Nós criamos documento um jornalzinho, um “O Carretel”, e tinha uma coluna que era a coluna das denúncias. Então a gente fazia as denúncias, e por exemplo, uma vez o a gente fez uma denúncia na empresa Crimalhas, eu acho que também não existe mais hoje, e que o cara estava sediando a funcionário, ele era encarregado. E nós começamos a entregar nas portas de fábrica, mas não tínhamos entregado naquele bairro ainda, o dono da fábrica me liga. Basicamente uma hora, uma e meia da tarde ele me ligou pra saber se aquilo que estava no boletim do sindicato era verdade. Se eu tinha prova. Aí eu respondi para ela assim, se eu não tivesse prova eu não escrevia. Mas, mal desliguei o telefone e o cara, o denunciado estava na porta do sindicato, era um italiano grandão, ele esperou todo mundo sair, ficou lá esperando, esperando [...], aí quando todo mundo saiu, ele pergunta - eu posso entrar? Eu, claro pode entrar. Valdecir tu tem prova do que tu estás falando no jornal? Eu respondi para ele a mesma coisa. Se eu não tivesse prova eu não tinha botado no boletim. Ele deu tchau e foi embora. Aí chegou na fábrica ele foi demitido.⁹¹

O relato acima demonstra a imponência do jornal junto à comunidade, a veracidade das denúncias estavam associadas a credibilidade do Sindicato. Essa ferramenta de comunicação saciou a necessidade das trabalhadoras de

⁹⁰ Maria da Silva. Entrevista realizada em Criciúma por Tatiane Beretta em 13 de setembro de 2022.

⁹¹ Valdeci da Silva. Depoimento por meio Google Meet a Tatiane Beretta em 17 de novembro de 2022.

serem ouvidas em suas queixas, e terem respostas enquanto a elas. E algo pontual que constatamos nessas colunas era a ridicularização dos assediadores. (SILVA, 2006) Isso não significou o fim dos percalços sofridos pelas operárias, mas uma resistência mais direta a eles. Um outro documento que vamos analisar se denomina “Quem vive participa”, e faz parte do informativo do jornal:

Quem Vive Participa

O Sindicato é uma ferramenta que o trabalhador tem em suas mãos para defender os seus direitos, se organizar, mobilizar e conquistar melhores condições de vida, trabalho e salário.

Mas o Sindicato só será um instrumento a serviço dos reais interesses dos trabalhadores se a sua Diretoria estiver COMPROMETIDA com os trabalhadores, sem nenhum vínculo com os patrões.

Nós já conhecemos na prática a diferença que existe entre Diretoria que defende os interesses dos patrões, que usa o Sindicato só para se beneficiar, que faz acordos sem consultar a categoria, e uma Diretoria que busca organizar a categoria, que está sempre alerta a ofensiva dos patrões, que luta contra o arrocho salarial e as péssimas condições de trabalho, que busca informar e conscientizar os trabalhadores através do Carretel e dos cursos de formação sindical.

Desde 85, quando a Oposição Sindical conquistou o Sindicato, nossa categoria ficou mais fortalecida, mais organizada. É claro que temos muito que avançar, mas o primeiro passo já foi dado. NÃO PODEMOS RETROCEDER, VOLTAR ATRÁS AGORA.



Figura

Fonte: O Carretel, 1986. Arquivo do CEDIP – CEDOC.

Nesta edição iniciaremos nossa análise por meio da imagem, observamos o Sindicato no centro da imagem, e a composição entorno dele pelos trabalhadores, mesmo se referindo ao Sindicato Vestuarista apenas uma mulher compõe a imagem. São nove homens na imagem, no qual dois deles são negros, duas crianças fazem parte da imagem, atestando a família dentro do sindicalismo. Essa imagem, nos remete a discussão inicial que os moldes sindicalistas são constituídos na masculinidade e que o perfil associado ao trabalho é masculino. Mas, também corresponde a interseccionalidade do coletivo, os vários corpos que compõem esse coletivo e se relacionam sediados pelo sindicalismo, local da junção dos marcadores.

O texto que acompanha a imagem descreve o Sindicato como um local que assegura os direitos trabalhistas, sua disposição na luta por direitos é o cerne central desse núcleo, mas sua finalidade só será respeitada se a direção do sindicato trabalhar e se comprometer com as necessidades da base. Em seguinte a essas afirmativas, o folheto denuncia um peleguismo da equipe de Ana Aurino, e comemora a vitória ocorrida no ano de 1985 da Chapa oposição. Segundo Eder Sader (1988, p. 186), “Os trabalhadores são, pela voz de seu

sindicato, cidadãos respeitáveis que, sintonizando com as interpretações do governo, exigem apenas ser respeitados.”. Com a crescente popularidade do jornal, as trabalhadoras se percebem sujeitos ativos, representadas nas matérias do “O Carretel”, sua existência é respeitada e suas demandas ouvidas.



Figura

Fonte: O Carretel, n. 1, abril de 1988. Arquivo do CEDIP – CEDOC.

Na edição de abril de 1986, *O Carretel* tem como matéria de capa a campanha salarial, que desencadearia na greve do mês de maio do mesmo ano. As páginas do folhetim traziam os quarenta e seis itens integrantes da pauta de reivindicações elaboradas no 1º Congresso dos Trabalhadores da Indústria do Vestuário e do Calçado, e na última página marcavam as datas e locais das assembleias. O informativo fala diretamente com o leitor, sua linguagem facilita a compreensão e a difusão das informações. No segundo ano do jornal, sua identidade já se torna mais visível, e a integridade em assistir as trabalhadoras que não frequentam com maior assiduidade as assembleias consigam acompanhar as discussões do coletivo.



VEJA NOSSA RESPOSTA AO GOVERNO!
PÁGINAS CENTRAIS



Figura

Fonte: O Carretel, n. 7, agosto de 1987. Arquivo do CEDIP – CEDOC.

Na edição de agosto de 1987, *O Carretel* se dirige ao governo federal, ao trazer em sua capa bandeiras pedindo Diretas Já, caracterizando a importância do movimento sindical na redemocratização brasileira, e ainda discutindo a importância da Greve Geral na conquista de direitos, os folhetins eram entregues nas portas de fábricas, sendo o veículo de comunicação direto entre direção sindical e sua base. Nesta edição, o Sindicato se conectando com o movimento político nacional pelas Diretas Já, e cabe destacar que a campanha ocorreu em 1984, e que o projeto do deputado Dante de Oliveira foi derrotado no congresso nacional. Assim, as eleições de 1985 foram indiretas – eleição que

elegeu Tancredo Neves. Portanto o movimento Sindical continuou a luta política por diretas que veio a ocorrer em 1989 (antes disso a Constituição de 1988 que trouxe muitos avanços para os trabalhadores fruto dessas lutas). A eleição de 1989 as principais disputas, no campo da esquerda Lula PT, Brizola PDT, e pela direita Collor PRN, e no fim da imagem, a última bandeira é da CUT demarcando a filiação do Sindicato a Central.



Figura

Fonte: O Carretel, abril de 1988. Arquivo do CEDIP – CEDOC.

Em 1988, a edição de abril apresenta uma capa diferenciada, por meio de uma história em quadrinhos, o jornal apresenta Margarida como personagem central da secretaria do sindicato, discutindo com as associadas - nesta imagem todas as personagens são mulheres- as atitudes que o Sindicato está tomando diante ao Sindicato Patronal no que dizia a respeito as propostas salariais para o mesmo ano. O mês de abril era importante para o coletivo, e assim, para o jornal, essa edição antecedia as discussões para reformulação da data base salarial, percebemos assim, que as edições de abril do “O Carretel” sempre discutem esse assunto, mas de maneiras diferenciadas. Um outro ponto que podemos incitar com a capa do “O Carretel” de abril de 1988, é a evidência das mulheres nessa edição, se no ano de 1986 o Sindicato foi representado por uma imagem masculinizadas, nesta edição as mulheres se tornam protagonistas.

O Carretel foi o instrumento transcendente do Sindicato Vestuarista após as eleições de 1985, por detrás de sua potencialidade política, ele detinha a confiança das/os trabalhadoras/es, e nas trocas oferecidas pela direção do sindicato, não apenas as operárias se percebiam envolvidas, como de fato, estavam participando da gestão do seu sindicato. Segundo Silva (2006) durante o ano de 1987 em parceria com o CEDIP o informativo desenvolveu um Programa de Formação, no qual foi distribuídos cerca de 2500 cópias do jornal com temas diversos que interessavam a categoria. Assim, “O Carretel” não era compreendido apenas como um jornal informativo da categoria, mas como material formativo que detinha como objetivo tornar o acesso ao Sindicato significativo, toda sua constituição era articulada de maneira que a operária ao receber o jornal e após a leitura desenvolve-se o sentimento em se filiar e participar do coletivo, pelo meio da identificação. Em um setor composto em sua maioria por mulheres, ser dona do meio de comunicação faz a diferença, e “O Carretel” pertencia a elas, era feito para elas, por elas. O jornal abraçou essa concepção e transmitiu a potencialidade da força de trabalho do setor vestuarista no mundo do trabalho por meio de suas páginas.

5. CONCLUSÃO

Os muitos caminhos traçados até o fim deste trabalho estiveram mergulhados em memórias intensas e vibrantes, que inconsistentemente transmutavam e insistiam em se parecerem com linhas, grandes aglutinados de fios soltos que se uniam e se separavam conforme o ritmo que a pesquisa ganhava. Ao final da escrita os fiapos e os moldes de costura que por muito tempo foram considerados os restos sem utilidade, persistem em montar e desmontar a experiência das muitas mulheres que foram moldadas por esses instrumentos. Para além de peças costuradas, as trabalhadoras e trabalhadores do ramo vestuarista inscreveram suas vivências nas fábricas e por detrás das máquinas rasgaram as certezas sobre a classe, remendando a história de Criciúma.

Nesta pesquisa nosso objetivo foi conhecer a trajetória do Sindicato Vestuarista de Criciúma e região, isso se deu através das análises das experiências das trabalhadoras desse coletivo, tendo como questão central a análise dos estudos ligados a interseccionalidade. Compreendendo que as estruturas complementares (interseccionadas) inicialmente tomadas como simplistas, se demonstram estratégicas para a pesquisa, isso por conta do modo aditivo, no qual cada categoria é percebida em sua individualidade, mas quando relacionadas assume um significado diferente. Ao adicionar a interseccionalidade aos estudos sobre as experiências das/os sindicalizadas/os, buscamos desestruturar o caráter separatista das relações sociais, e assim, demonstrar a importância das relações interseccionais para a fundação e organização do Sindicato durante seus dez primeiros anos de atuação de 1979 a 1990.

O primeiro sistema em que observamos a intersecção fica em torno da aplicabilidade econômica da cidade de Criciúma. Inicialmente foi uma colônia de imigração, com sua economia baseada em produção para subsistência e pequenos comércios, mas que com a descoberta da existência do carvão mineral, presenciou a amplificação da economia e a transfiguração do mundo do trabalho, saindo do campo e adentrando a indústria do carvão. A extração mineral estruturou as bases iniciais da economia cricumense, e as relações sociais, mas após a segunda metade do século XX, a economia sofreu com

impactos internacionais do pós-guerra, e sua fragilidade possibilitou a ampliação e diversificação industrial em Criciúma.

Com o alargamento dos setores industriais, no final da década de 1960 o setor do vestuário inicia sua trajetória, em princípio em fábricas familiares, de maneira simplificada, e logo em seguinte alcança importância econômica e se modifica em grandes fábricas e industriais. Reorganizando a força de trabalho da cidade, e estabelecendo concepções diferenciadas sobre o operário e o sindicalismo, já que o setor em crescimento contínuo, o vestuarista, empregou o maior número de trabalhadoras mulheres, e as alterações sociais advindas das experiências industriais se exacerbaram com a presença da mulher no mundo do trabalho.

Um segundo sistema que possibilitou compreendermos a intersecção no ramo vestuarista se constituiu por meio dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) que assegurou a identificação das trabalhadoras por meio dos marcadores de sexo, raça, idade, escolaridade, tempo de permanência em trabalho, indicando assim, os caminhos traçados nas múltiplas concepções sociais. Por meio dos dados conhecemos a diversificação existente no coletivo vestuarista e com as entrevistas orais, o que inicialmente eram apenas números, se desencadeiam em experiências. Assim, constatamos que o sexo e a sexualidade das/os operárias/os nos indicam interpretações diferenciadas, já que conseguimos pelo aspecto da RAIS conhecer em unidade a força de trabalho, e essa já se estrutura de maneira aditiva, mas por meio da entrevista oral conhecemos a experiência vivenciada por meio da violência, a rejeição e a solidão, aspectos que são atravessados quando estudados a sexualidade dos sujeitos.

O terceiro sistema interseccional encontramos a partir dos estudos realizados nos materiais históricos salvaguardados pelo Centro de Educação Popular de Criciúma (CEDIP) que hoje se encontram no Centro de Memória e Documentação (CEDOC). Esses documentos foram produzidos pelo Sindicato e parceria com o CEDIP, Pastorais da Igreja Católica e os movimentos de bairros. As interações entre os movimentos sociais e os Sindicatos durante a década de 1970/80, e foram fundamentais para a reformulação dos movimentos sociais e suas atuações não apenas em Criciúma, mas no Brasil como um todo. As interações entre Centro e Sindicato fortaleceram o movimento, os cursos de

formação, O Carretel, as reuniões, a filiação a CUT. Todo o processo vivenciado pelo coletivo vestuarista foi atravessado pelas suas relações com os movimentos sociais, e sua estrutura baseada nessa experiência.

Outro ponto interseccional que permeou a pesquisa foi transformações políticas e econômicas da década de 1980, e a influência da reabertura política na transfiguração do sindicalismo nacional. O Sindicato Vestuarista incide sua caminhada no fim da Ditadura Civil-Militar, momento em que as políticas progressistas tomam conta dos discursos e as ruas foram floridas pelas greves e passeatas. A sociedade atravessou anos de recessão econômica e um Estado violento que por meio da censura e tortura mantinha seu poder, a reabertura política o fim do regime marcou de maneira significativa o país, e os sindicatos inspirados na mudança inauguram “O Novo Sindicalismo”.

Dessa maneira, a primeira experiência sindical da cidade de Criciúma surgiu em meio aos movimentos trabalhistas dos mineiros por volta da década de 1940, iniciando assim, as experiências sindicais na cidade. Após a segunda metade do século XX, outras categorias da cidade principiam seus sindicatos. O Sindicato Vestuarista de Criciúma e região insurge apenas ano de 1979, por meio das relações estabelecidas entre as/os trabalhadoras/es do setor e suas relações com as outras categorias sindicais da cidade. As experiências interseccionais vivenciadas pelo Sindicato, correspondem inicialmente as relações políticas, no qual percebemos a disputa entre dois partidos políticos pela gerência do coletivo. O Sindicalismo Popular contra o Novo Sindicalismo, que por detrás percebemos as relações estabelecidas do PDT versus PT. Disputa que restabeleceu os alicerces construtores do sindicato, transformado em uma peça de “xadrez”, no jogo de poder político da região.

Por fim, a importância interseccional atribuída como estratégia de observação sobre as experiências do Sindicato Vestuarista de Criciúma e região, se tornou possível por conta da discussão do gênero. Nesse contexto os estudos de gênero possibilitaram a relacionalidade da organização fabril, tornando visível a atribuição feminina a costura, divisão sexual do trabalho, violação de direitos e corpos, implementação de creches, dentre outros marcadores sociais que a memória desse coletivo salvaguardou em seus manifestos, jornais e na experiência transmitida por meio da história oral. A história do Sindicato é amplamente atravessada por caminhos difusos e intensos, que quando

percebidos fundamentam não apenas violências e dores, mas costuram a história local conquistas inigualáveis, como ter uma mulher presidente em 1979, quando os direitos das mulheres estavam em estágios primários de constituição. A importância da década de 1970/80 para história do Brasil indiscutivelmente se estabelece por meio dos atravessamentos trabalhistas. O Sindicato estudado corresponde de maneira significativa às diversas relações interseccionais que a sociedade brasileira vivenciava durante esses anos. Assim, buscamos responder à questão que norteava a pesquisa, e contribuir para reflexões sobre a história local e as diversas possibilidades de perceber o mundo do trabalho.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Do “Novo sindicalismo à concertação social” ascensão (e crise) do sindicalismo no Brasil (1978-1998)**. Revista Sociologia Política. n. 15, Curitiba, p. 111-124, nov. 2000.

ANTUNES, Ricardo. **O Novo Sindicalismo no Brasil**. Campinas: Pontes, 1995. _____ . **Adeus ao trabalho? ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. **Gênero nos Estudos do Trabalho**. IN: Gênero nas Fronteiras do Sul, 2005, p. 85-96.

BAIRROS, Luiza. **Nossos feminismos revisitados**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis., ano3, n.2, p.458-463, 1995.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos Narcísicos no Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002

BERTOLIN, Patrícia Turman Martins; KAMADA, Fabiana Larissa. **Ausentes ou Invisíveis? A participação das Mulheres nos Sindicatos**. IN: Caderno Espaço Feminino. V. 25, n. 1, 2012. P. 28- 53.

BOITO JR, Armando. **Hegemonia neoliberal e sindicalismo no Brasil**. Revista Crítica Marxista, nº 3, São Paulo, Editora Brasiliense, 1996.

_____. **Sindicalismo de Estado do Brasil**. São Paulo: Hucitec. 1991

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e Gênero no Brasil nos Últimos Dez Anos**. In: COSTA, Albertina de Oliveira (org.). Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, v. 37, n. 132, p. 537/572, set/dez. 2007.

BUZZO, Janaína Rojas. GIMENES, Antonia Maria. SANTOS, João Paulo dos. SILVA, Nadiana C. Padilha da. **Terceirização: vantagens e desvantagens para as organizações**. 2016.

CALEFFI, Vilma Marta. **Reestruturação produtiva na indústria do vestuário e as implicações para a qualificação dos trabalhadores**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____; JINKINGS, Nise. **Terceirização e as repercussões na qualificação dos trabalhadores da indústria do vestuário do sul de Santa Catarina**. Revista Trabalho Necessário, nº 10, 2010.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras**

das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1997.

_____. **Modernização, cultura e ideologia do carvão em Santa Catarina.** In: GOULARTI FILHO, Alcides (org.). *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina.* Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro.** *Revista Sociedade e Estado.* v. 31 n.1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

_____. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica.** Tradução Bruna Barros, Jess Oliveira. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022

_____; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Tradução Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. *E-book.*

CORD, Marcelo Mac; SOUZA, Robério S. **Trabalhadores Livres e Escravos.** In: SCWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio (org.). **Dicionário da escravidão e liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 410-418.

COSTA, Claudia de Lima. **O sujeito no feminismo: revisitando os debates.** *Cadernos Pagu* (19), 2002: pp.59-90.

CRENSHAW, Kimberlé. **“Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”.** *The University of Chicago Legal Forum*, n. 140, p. 139-167, 1989.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

ELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FEDERICE, Sílvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Elefante, 2004.

FERNANDES, Maria Neyrian de Fatima *et al.* **Assédio, sexismo e desigualdade de gênero no ambiente de trabalho.** *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Franca*, São Paulo, v.14, n. 1, p. 237-253, jun. 2019

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral.** 3º ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2014.

GAZZONA, Raquel da Silva. **Trabalho feminino na indústria do vestuário.** *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, n. 61, p. 88-109, dez.1997.

GONÇALVES, Eliane. *et al.* **Feminismos, trabalho e ação coletiva: teorias,**

pesquisas e práticas sociais. *In*: TRÓPIA, Patrícia Vieira. et al. **Mulheres trabalhadoras: (in)visíveis?**. 1.ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 19-38.

GOULARTI FILHO, Alcides. **A inserção da indústria do vestuário na economia do sul de Santa Catarina. 1995.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

_____. **Diversificação produtiva no sul de Santa Catarina: uma contribuição à história econômica regional.** *In*: GOULARTI FILHO, Alcides (org.). Ensaio sobre a economia sul-catarinense II. Criciúma: Editora da UNESC, 2005.

_____; JENOVEVA NETO, Roseli. **A indústria do vestuário: economia estética e tecnologia.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

GRADA, Kilomba. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano.** 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

GREGÓRIO, Mariany. **Sindicalismo de Estado e a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985).** *Rev. Digital*, ISSN 1980-3532, Florianópolis, n.3, p. 103-119, 2007.

GROSSI, Mirian Pillar. **Masculinidades: uma revisão teórica.** *Antropologia em Primeira mão*, Florianópolis, p.1-37, 2004.

GUIRALDERLI, Reginaldo. **Desigualdades de Gênero no Mundo do Trabalho: As trabalhadoras da confecção.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016. *E-book*.

HARVEY, David. **Neoliberalismo como destruição criativa.** *Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, v.2, n.4, p. 1-30, 2007.

HOOKS, bell. **Yearning: Race, Gender and Cultural Politics.** Boston, South End Press, 1990.

KERGOAT, Danièle. **Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho.** *In*: LOPES, M. j. (org.). *Gênero e saúde.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LINS, Hoyêdo Nunes. **Reestruturação produtiva e reconfiguração espacial da indústria do vestuário em Santa Catarina: contextualização do tema e indícios sobre o começo do século XXI.** *Revista Catarinense de Economia*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 5-31, 2018.

LOPES, Keline Bronnner. **Representatividade das Mulheres no Movimento Sindical e os Prejuízos da Reforma Trabalhista.** *In*: BAGGESNSTOSS, Grazielly Alessandra (org.). *Direitos e Feminismos: materialidades que confrontam discursos.* Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018. p. 3-18.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial.** *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952. set./dez. 2014.

MANDELLI, Bruno. **Operários na justiça: os processos de acidentes de trabalho dos mineiros em Criciúma (1944-1947)**. In: ZANELATTO, João Henrique; ALVES, Ismael Gonçalves (org.). *histórias de Santa Catarina na Segunda República (1930-1945)*. Criciúma: UNESC, 2017.

_____. **A construção das masculinidades dos trabalhadores das minas de carvão em Santa Catarina (1940-1970)**, Revista Mundos do Trabalho, Florianópolis, v. 14. p. 1-19, 2022.

MARIANO, Patrícia; SALVARO, Giovana I. Jacinto. **Narrativas de Adoecimento de Trabalhadoras da Indústria do Vestuário em Município de Santa Catarina, Brasil**. Revista Psicologia: Ciência e Profissão, v. 41. 2021, p. 1-14.

MIRANDA, Antonio Luiz. **Trajetórias e experiências do movimento operário sindical de criciúma – SC : Da Ditadura Militar a Nova República (1964-1990)**. 2013. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

_____. **O novo sindicalismo em debate: a experiência do movimento operário de Criciúma nos anos oitenta**. In: SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; ZANELATTO, João Henrique. *Mundos do trabalho em Santa Catarina*. Criciúma: Editora da UNESC, 2019

MOHANTY, Chandra. **Sob os olhos ocidentais**. Tradução de Ana Bernstein. Pequena biblioteca de ensaios perspectiva feminista. 2020. E-book.

MOLIN, Naiara Dal. **Sindicato e Estado no Brasil: o sindicalismo no período populista e o Novo Sindicalismo**. Revista Pensamento Plural, Pelotas, p. 89-108, jul.\dez. 2013.

MORAES, Fábio Farias de. **O carvão catarinense e o planejamento estatal**. In: Alcides Goularti Filho (org.). *Ensaio sobre a economia sul-catarinense*. Criciúma: Editora da UNESC, 2003.

MOURA, Vanessa Galassi. **Jornalismo sindical: a mobilização da categoria por meio do jornal impresso**. 2006. Monografia (Bacharelado) - Faculdade de Ciências Sórias Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2006.

NETO, Roseli Jenoveva. **Formação, expansão e possibilidades de consolidação da indústria de confecções da região de Criciúma, SC. 1995**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.

NETO DE SOUZA, Luiz Messias. **As microempresas e empresas de pequeno porte do setor de vestuário no município de Criciúma no contexto das políticas indústrias nacionais (2003-2016)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2019.

NEVES, Magda de Almeida. **Anotações sobre trabalho e gênero**. Cadernos de pesquisa, v.43 n.149 p.404-421, mai./ago. 2013.

PINTO, Almir Pazzianotto. **Sindicalismo no Brasil – Breve História - Convenção 87 da OIT**. Dossiê: História e Direito: Representações e Perspectivas, São Paulo, nº 24, v.1. 2020.

RABELO, Giani. **Trabalho Arcaico no Moderno Mundo da Moda. 1997**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

RAGO, Margareth. **Epistemologia Feminista, Gênero e História**. In: J.M. e Grossi, M. (org.). Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p.1-17.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Revista Educação Realidade. Rio Grande do Sul, v.20, p. 71-99, jul./dez.1995.

SCWARCZ, Lilia Moritz. Teorias Raciais. In: SCWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio (org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 403-409.

SELAU, Mauricio da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no Sul Catarinense (1875-1925): Resistência e Extermínio**. 2006 Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SILVA, Rafael Pereira da. **A AUTONOMIA APARENTE: Formação, trajetória e relações políticas de um Centro de educação popular em Criciúma (CEDIP)1983-1998**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SILVA, Priscila Elizabete da. **O conceito de Branquitude: reflexões para o campo de estudo**. In: MULLER, Tânia M. P.; CARDOSO, Lourenço (org.). **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017. p. 19-31.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. **A Classe Operária tem dois Sexos: Trabalho, dominação e resistência**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Tradução Denise Bottmann, 4 ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2004.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos Ingleses e outros aspectos**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

VELOSO, Fernando A. *et al.* **Determinantes do “Milagre” Econômico Brasileiro (1968-1973)**: uma análise empírica. Revista rbe, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 221-246, abr.\jun. 2008.

VERGÉS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille P. Dias; Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020. *E-book*.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **Vidas Marcadas: Trabalhadores do Carvão**. Tubarão: Editora Unisul, 2001.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Observações sobre o estado de degradação a que, por causas diversas, se encontra reduzida a mulher**. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. Reinvidicação dos direitos das mulheres. Edição comentada de 1792. São Paulo: Boitempo, 2016.

ZANELATTO, J.H.; COLEHO, THIAGO. **Experiência do trabalho na mineração**. In: COSTA, Marli de Oliveira; OSÓRIO Paulo Sérgio. Memórias e identidades: as estruturas carboníferas como patrimônio cultural de Santa Catarina. Criciúma: Ediunesc, 2017. p. 17-30. *E-book*.

_____, J.H; MIRANDA, A.L; OSÓRIO, O.S. **Memória e trabalho: experiência dos operários na capital do carvão**. In: CAROLA, Carlos Renato. Memória e cultura do carvão em Santa Catarina: impactos sociais e ambientais. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 153 – 167. *E-book*.

7. APÊNDICE

APÊNDICE A – Entrevista Semiestruturada

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico -
PPGDS

Entrevista com ex-associados ao Sindicato do Vestuário de Criciúma e Região

Nome:

Idade:

Naturalidade:

Primeiro trabalho:

Função exercida na fábrica:

Lembranças dos movimentos sociais da cidade na década de 70\80:

Relação família e trabalho:

Relação trabalho e escola:

Relações sociais ligadas aos movimentos sindicais:

Primeiro contato com o sindicalismo:

Experiência como associado:

Percurso político dentro do Sindicato:

Primeira greve da categoria em 1982:

Eleição de 1985:

Relação entre categoria e a presidente Ana Aurino Borges dos Reis:

Eleição da Chapa de Oposição:

Criação do O Carretel:

Relação entre Sindicato e o Sindicato Patronal:

Greves da década de 1980:

Relação com os movimentos sindicais em âmbito nacional e associação a Central Única dos Trabalhadores CUT:

Lembranças do trabalho e dos encontros com outros sindicatos:


APÊNDICE B – Carta de Cessão de Direitos sobre depoimento Oral

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

1. Pelo presente documento, eu, Valdir José da Silva
brasileiro/a, RG: 466278, residente e
domiciliado/a à
rua União 1-11, cidade de Itapicuru
SC, telefone: 48-99662109.0 cedo e
transfiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo, às/aos
pesquisadora Tatiane Beretta, a plena propriedade e a totalidade dos direitos
patrimoniais de autor/a e de imagem, quando for o caso, sobre o depoimento
oral prestado, no dia 11 de novembro, pela plataforma do Google Meet. Essa
autorização inclui (x) / não inclui () a revelação da identidade do cedente ou de
dados que possam vir a identifica-lo/a.

2. O PPGDS/UNESC, na pessoa dos/as pesquisadores/as a ele vinculados/as,
está autorizado a utilizar, a disponibilizar, distribuir, comunicar ao público,
reproduzir, transmitir, retransmitir, traduzir para outros idiomas, armazenar e a
publicar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, no
formato de texto transcrito, de imagem e voz ou apenas de voz, no Brasil e/ou
no exterior; podendo, inclusive, ceder seus direitos a terceiros no Brasil e/ou no
exterior para fins de pesquisa, educação e cultura. O PPGDS/UNESC exigirá
como requisito obrigatório aos que deste depoimento fizerem uso em qualquer
situação, a citação do nome do/a depoente (quando autorizado), dos/as
entrevistadores/as, bem como a data da entrevista e o endereço digital do
arquivo. O presente documento é assinado pelas duas partes, em duas vias de
igual teor para que surta todos os efeitos.

Criciúma, 08 de Março de 2023

 Valdir José da Silva

Nome e assinatura do/a entrevistado/a

Tatiane Beretta - Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC

Nome, assinatura e instituição dos/as entrevistadores/as

Telefones e e-mail para contato: (48) 99674-5869 tatiane.beretta@unesc.net

Pesquisador(es)/(as): Tatiane Beretta